

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,  
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

**ELIANGELA NASCIMENTO VALIM**

**LIMITES E POSSIBILIDADES DO TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS  
EDUCACIONAL NO CONTEXTO DO ALUNO SURDO NÃO  
ALFABETIZADO EM LIBRAS**

**SÃO MATEUS-ES  
2019**

ELIANGELA NASCIMENTO VALIM

LIMITES E POSSIBILIDADES DO TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS  
EDUCACIONAL NO CONTEXTO DO ALUNO SURDO NÃO  
ALFABETIZADO EM LIBRAS

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência, Educação e Tecnologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Desirée Gonçalves Raggi

SÃO MATEUS-ES  
2019

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

V172I

VALIM, Eliangela Nascimento.

Limites e possibilidades do tradutor-intérprete de libras educacional no contexto do aluno surdo não alfabetizado em libras/ Eliangela Nascimento Valim – São Mateus - ES, 2019.

148 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2019.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Désirée Gonçalves Raggi.

1. Tradutor-Intérprete de Libras (TILS). 2. Aprendizagem de Alunos Surdos. 3. Educação Especial. 4. Ferramentas Educacionais Alternativas. I. Raggi, Désirée Gonçalves. II. Título.

CDD: 371.9

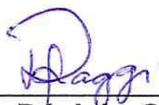
**ELIANGELA NASCIMENTO VALIM**

**LIMITES E POSSIBILIDADES DO TRADUTOR- INTÉRPRETE DE  
LIBRAS EDUCACIONAL NO CONTEXTO DO ALUNO SURDO  
NÃO ALFABETIZADO EM LIBRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 29 de novembro de 2019.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



---

**Profa. Dra. Désirée Gonçalves Raggi**  
**Faculdade Vale do Cricaré (FVC)**  
**Orientadora**



---

**Profa. Dra. Kátia Gonçalves Castor**  
**Faculdade Vale do Cricaré (FVC)**



---

**Profa. Dra. Maria de Fátima Santana Vieira**  
**Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus, meu Senhor tão maravilhoso, que cuida de mim, apesar de eu não merecer.

Ao meu esposo e aos meus filhos que me ajudaram, e pela compreensão que tiveram nos momentos em que estive ausente.

À minha família, meu porto seguro, que me ajudou em mais uma vitória, por mais esta conquista em minha vida.

Aos meus amigos que me incentivaram e sempre estiveram ao meu lado, em especial também aos amigos desta turma inesquecível CTE:05, Elzinete, Tiago, Maira.

À minha Orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Desirée Gonçalves Raggi, agradeço por também ter contribuído e me ajudado nesta jornada de grande aprendizagem.

## RESUMO

Esta dissertação investigou o papel e atuação do Tradutor Intérprete em Libras (TILS), no campo do ambiente escolar, com alunos surdos não alfabetizados em Libras, cujo intuito foi analisar os limites e propor possíveis melhorias a estes profissionais em sua vivência e experiências diárias. Para isso, foram abordadas temáticas teóricas que visaram contextualizar o profissional Intérprete na mediação entre o aluno surdo e o professor regente das escolas de ensino regular. Como referenciais teóricos foram utilizadas literaturas que problematizaram tais quesitos a fim de levantar questionamentos acerca do objeto investigado. Para responder aos objetivos deste trabalho foram levantados dados por meio de questionários entregues a oito TILS e cinco professores regentes de uma escola de Ensino Médio e Fundamental, localizada em Maruípe, Vitória – Espírito Santo. Foram identificadas questões relevantes envolvidas na mediação entre os profissionais questionados e os alunos surdos não alfabetizados em Libras. Nos resultados da pesquisa percebem-se as dificuldades em termos de comunicação entre esses sujeitos. Observou-se, também, que os TILS ainda conseguem utilizar outros recursos que, na maioria das vezes, é visual, por meio de imagens, mas o professor regente, por não ter a mínima noção da linguagem de sinais não possui habilidade para interagir com tais alunos. Constatou-se a necessidade de melhorar a interação entre o professor regente e o TILS, pois, assim, ambos poderão articular as melhores estratégias de ensino. Um material visual foi produzido como forma de auxiliar os profissionais que trabalham diretamente com os surdos não alfabetizados no sentido de qualificar a mediação entre estes sujeitos, a fim de trazer melhorias para o processo de ensino e aprendizado de alunos surdos.

**Palavras-Chaves:** Tradutor Intérprete de Libras; Aprendizagem; Alunos Surdos; Mediação.

## ABSTRACT

This This dissertation investigated the role and performance of the Translator Interpreter in Libras (TILS), in the field of the school environment, with deaf illiterate students in Libras, whose aim was to analyze the limits and propose possible improvements to these professionals in their daily life and experiences. For that, theoretical themes were approached that aimed to contextualize the professional Interpreter in the mediation between the deaf student and the regular teacher of regular schools. As theoretical references, literature that used to problematize these questions was used in order to raise questions about the object investigated. In order to answer the objectives of this work, data were collected through questionnaires delivered to eight TILS and five leading teachers of a high school and elementary school, located in Maruípe, Victory - Holy Spirit. Relevant issues involved in the mediation between the questioned professionals and deaf non-literate students in Libras were identified. The research results show the difficulties in terms of communication between these subjects. It was also observed that TILS are still able to use other resources that, most of the time, are visual, through images, but the conducting teacher, for not having the slightest notion of sign language, does not have the ability to interact with such students. There was a need to improve the interaction between the conducting teacher and TILS, as this way, both will be able to articulate the best teaching strategies. Visual material was produced as a way to assist professionals who work directly with non-literate deaf people in order to qualify the mediation between these subjects, in order to bring improvements to the teaching and learning process of deaf students.

**Keywords:** Libras interpreter translator; Learning; Deaf Students; Mediation.

## LISTA DE SIGLAS

DA: Deficiência Auditiva.

Libras: Língua Brasileira de Sinais.

L1: Língua Materna- Libras.

L2: Língua Portuguesa- Segunda Língua.

TILS: Tradutor Intérprete de Língua de Sinais.

AEE: Atendimento Educacional Especializado.

FENEIS: Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos.

INES: Instituto Nacional dos Surdos.

FEBRAPILS: Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

EMEFM: Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 AS BASES TEÓRICAS DA PESQUISA</b> .....	13
2.1 REVISÃO DE LITERATURA .....	13
2.2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL .....	18
2.3 DIREITO DOS SURDOS .....	20
<b>2.3.1 DIREITO AO TRABALHO</b> .....	20
2.3.1.1 JANELA DE LIBRAS .....	20
<b>2.3.2 DIREITO À SAÚDE</b> .....	21
2.4 ESTUDOS SOBRE A MODALIDADE DA LIBRAS .....	21
<b>2.4.1 PRIMEIRA LÍNGUA (LIBRAS) L1 E SEGUNDA LÍNGUA (LÍNGUA PORTUGUESA) L2</b> .....	22
2.5 OS CLASSIFICADORES EM LIBRAS .....	23
<b>2.5.1 TIPOS DE CLASSIFICADORES</b> .....	23
<b>3 OS TILS: CONCEITOS, TIPOS E ÁREAS DE ATUAÇÃO</b> .....	26
3.1 TILS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO .....	27
3.2 O TILS- TRADUTOR INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS E O PL- PLANEJAMENTO .....	31
<b>3.2.1 A AÇÃO DA ESCOLA EM RELAÇÃO AO PL</b> .....	31
<b>3.2.2 DE QUEM É A ATRIBUIÇÃO DE ENSINAR LIBRAS</b> .....	32
3.3 A FORMAÇÃO DOS INTERPRETES EDUCACIONAIS .....	33
<b>4 COMPREDENDO A SURDEZ E A EVOLUÇÃO DE SEU ENTENDIMENTO NO PROCESSO COMUNICATIVO E INSTRUTIVO DOS SURDOS</b> .....	37
4.1 DETALHAMENTO DA ESTRUTURA INTERNA DO OUVIDO .....	39
4.2 A EVOLUÇÃO DO RECONHECIMENTO DOS SURDOS COMO CIDADÃOS .....	40
4.3 O CONGRESSO DE MILÃO .....	41
4.4 POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS AO USO DA LIBRAS E À EDUCAÇÃO DE SURDOS .....	44
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	48
5.1 LOCAL DA PESQUISA .....	48
5.2 SUJEITOS DA PESQUISA .....	49
5.3 COLETAS DE DADOS .....	49
5.4 ANÁLISE DOS DADOS .....	49
<b>6 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	50
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	59
<b>8 REFERÊNCIAS</b> .....	61
<b>APÊNDICE A</b> .....	67
<b>APÊNDICE B</b> .....	68
<b>APÊNDICE C</b> .....	67
<b>ANEXO</b> .....	148

## 1 INTRODUÇÃO

Após o término do Ensino Médio, não sabia o que queria na vida profissional, e, por isso, comecei a procurar por cursos de qualificação que estivessem em sintonia com a minha paixão e amor pelas Libras, pelas pessoas surdas. Sempre tive interesse em conhecer sua história e cultura, muito embora não tenha nenhum surdo em minha família. Essa motivação foi ficando mais intensa no contato com essas pessoas associada aos saberes acumulados nos cursos, pois tive a oportunidade de me capacitar nos estudos das Libras. Abracei essa profissão com amor e muita satisfação. Tenho orgulho de ser uma Tradutora Intérprete de Libras (TILS).

Na convivência com os surdos, dentro e fora da escola, pude perceber as dificuldades com que estes sujeitos se deparam, quando tentam encontrar seu lugar na sociedade e, por isso, buscam na escola um espaço onde possam ser acolhidos e a veem com a expectativa de melhorar o seu futuro, alcançar os seus sonhos e objetivos e mudar sua realidade para se tornar mais independentes e autônomos.

Percebi, em minha trajetória como Intérprete, que nós, profissionais, nos deparamos com alunos surdos de todas as faixas etárias, os quais não foram alfabetizados em Libras, por isso decidi investigar esse tema na tentativa de contribuir com os Tradutores Intérpretes de Libras Educacionais e demais profissionais da área, a fim de trazer subsídios, para que possam lidar, da melhor forma, com situações que, até os dias atuais, se interpõem como desafios nos espaços escolares. Pretende-se propor, com este trabalho, estratégias que auxiliem na alfabetização dos alunos surdos, proporcionando, assim, um melhor meio para que os mesmos possam desenvolver suas habilidades acadêmicas.

A demanda dos alunos não alfabetizados em Libras requisita mais diálogo entre os Tradutores Intérpretes Educacionais, os professores do ensino regular e a gestão escolar, visto que a forma de conceber a aprendizagem desses sujeitos não será equivalente às estratégias aplicadas com alunos surdos alfabetizados em Libras. Rodriguês e Beer (2016) corroboram com essa ideia ao lembrarem que: “[...] é importante considerarmos a questão da diferença linguística. Portanto, falar de educação inclusiva para surdos é tratar inevitavelmente, das questões sociais, culturais, e políticas que envolvem as línguas” (RODRIGUES e BEER, 2016).

Nesse sentido, os autores revelam que há questões que estão intrinsicamente ligadas ao uso da Língua de Sinais, porém devemos nos atentar também para a necessidade de conscientizar os agentes da escola, bem como os alunos que ainda não foram alfabetizados em Libras, sobre a importância do envolvimento de tais alunos no contexto social e cultural através da comunicação, pois se não forem tomados os devidos cuidados, esses sujeitos poderão permanecer à margem da sociedade.

Tais premissas se coadunam com estudiosos, quando consideraram a questão da diferença linguística para com o propósito de alcançar a educação inclusiva em que possa colaborar com uma sociedade mais justa. Por isso, faz-se tão importante a capacitação e participação dos profissionais das escolas de ensino regular. Afinal, é responsabilidade das instituições educativas criar estratégias pedagógicas para que todos se tornem cidadãos críticos e participativos na sociedade. Assim os cidadãos surdos não podem estar ausentes desse processo, pois têm o direito garantido, por lei, de ter uma educação igualitária e inclusiva. Portanto, sua vida acadêmica e profissional deve ser construída por meio da escola.

Baseada nessas ideias e tendo em vista os problemas enfrentados pelos Tradutores Intérpretes de Libras educacionais na alfabetização dos alunos surdos, fica estabelecida a seguinte questão de investigação para esta pesquisa: Quais são os limites e possibilidades do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais no processo de ensino de alunos surdos e não alfabetizados em Libras?

O Objetivo Geral desta dissertação é analisar os limites e possibilidades do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais no processo de ensino de alunos surdos e não alfabetizados em Libras.

**Os** Objetivos Específicos são:

- a) Identificar as estratégias utilizadas pelos Tradutores Intérpretes educacionais, que proporcionem aos alunos surdos o aprendizado do conteúdo abordado no ensino regular;
- b) Investigar como se dão as interações entre o aluno surdo com o professor regente e com o profissional tradutor intérprete;
- c) Apresentar os limites e as dificuldades enfrentados pelos professores e TILS no processo de ensino aprendizagem do aluno surdo;

- d) Demonstrar as ações e estratégias de tradução utilizadas pelo TILS Educacional, com o apoio e a parceria do professor regente, que promovem melhorias na aprendizagem e compreensão dos conteúdos curriculares para alunos surdos;
- e) Desenvolver recursos e estratégias de tradução, que serão utilizadas pelos TILS educacionais.

A justificativa pela escolha da temática foi através das experiências vividas com os alunos surdos no processo escolar. Elas fizeram com que eu percebesse que é possível ensinar os conteúdos curriculares, e me possibilitaram criar estratégias de tradução para os alunos surdos não alfabetizados em Libras. Essas foram sistematizadas e resultaram no Produto Educacional desta pesquisa, o qual consiste em uma apostila que irá contribuir para que os TILS atuem na construção do conhecimento do aluno surdo.

De acordo com Mantoan (2011), a educação é um direito humano, fundamental e, portanto, deve ser colocada à disposição de todos os seres humanos. No entanto, a de surdos precisa de um olhar diferenciado, pois sua inclusão, na maioria das vezes, não se concretiza na prática. Ela vem, ao longo do tempo, sendo debatida, pois, ainda hoje, a sociedade considera os surdos sujeitos incapazes de aprender, quando deveria perceber que eles têm grande potencial, são inteligentes e capazes de assimilar novos saberes e de atuar de forma autônoma e serem felizes ao ocupar espaços sociais, a fim de contribuir para melhoria na sociedade. Ainda vivemos em uma sociedade que se encontra adaptada ao público ouvinte e ao se deparar com comunidade surda, encontra grande dificuldade de comunicação e aceitação.

O surdo percebe o mundo de forma diferenciada dos ouvintes, através de uma experiência visual, e faz uso de uma linguagem específica, a Língua de Sinais. Esta é, antes de tudo, a imagem do pensamento dos surdos e faz parte da experiência vivida na sua própria comunidade. Nesse sentido, Quadros (2006) esclarece que “[...] Como artefato cultural, a Língua de Sinais também é submetida a significação social a partir de critérios valorizados, sendo aprovada como sistema de linguagem rica e independente”. Portanto, é importante que a sociedade compreenda e valorize-a como elemento cultural da comunidade surda e tente interagir com essas pessoas.

Há muito que se conquistar pela categoria de profissionais que atuam na área de Libras a fim de que possam obter ferramentas e meios para aprimorar o processo de ensino de pessoas surdas. Tais recursos deverão auxiliar na construção do conhecimento de alunos surdos não alfabetizados em Libras e servirão de apoio para a comunicação entre professores regentes, alunos surdos e alunos ouvintes.

Para tornar mais objetiva a visão acerca do trabalho desenvolvido, esta Dissertação está dividida em capítulos.

O primeiro capítulo apresenta uma revisão de trabalhos acadêmicos que abordam a temática do TILS no contexto escolar, assim como um histórico da Libras no Brasil. Ainda traz a abordagem das modalidades de Libras, as línguas L1 e L2 no contexto do surdo, os classificadores em Libras e as áreas de atuação do TILS.

No capítulo dois discorre-se acerca do papel do TILS na área da educação, fazendo pontuações da importância do planejamento escolar e a formação dos Intérpretes para o exercício da função.

O capítulo três traz informações sobre o conceito de surdez, uma explicação das estruturas do ouvido interno, a cidadania do sujeito surdo e questões abordadas no Congresso de Milão, onde ficaram definidas algumas diretrizes para a educação do surdo em ambientes escolares. Finaliza-se trazendo algumas políticas públicas que envolvem a Libras na educação.

No capítulo quatro detalha-se a metodologia utilizada na pesquisa deste trabalho, ficando a cargo do capítulo cinco a análise dos dados coletados confrontados com a literatura consultada.

No capítulo seis tecem-se as considerações diante de tudo o que foi estudado e abordado no decorrer deste trabalho, enfatizando as constatações feitas na análise do capítulo anterior. Por fim, no Apêndice C será apresentado o produto educacional, resultante desta investigação.

## 2 AS BASES TEÓRICAS DA PESQUISA

Para compreender e trazer luz à problemática investigada, foi importante levantar algumas pesquisas que resultaram em artigos, teses e dissertações que estão brevemente descritas a seguir. Tais bibliografias foram obtidas do banco de dissertações da Capes onde foram inseridos os descritores: Intérprete de Libras; LIBRAS; e estudantes surdos. Por ser um site de buscas bastante utilizado, e com muitas hospedagens, foi de extrema importância para localizar tais trabalhos. Tais estudos corroboraram com o tema, pois dialogam com a nossa percepção de ensino para pessoas surdas.

Num segundo momento, ampliamos o referencial teórico buscando nas fontes que são de grande importância para essa temática e apoiaram a análise dos dados e trouxeram contribuições importantes, pois permitiram compreender um tema que nem sempre é claro para os professores, para a escola e para a sociedade, de modo geral.

### 2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Keli Simões Xavier e Ivone Martins de Oliveira (2016), com o artigo “O trabalho do Intérprete de Libras na Escola: um estudo de caso”, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), analisam o trabalho do Intérprete de libras em uma sala de aula do sétimo ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Vitória, Espírito Santo. A partir da discussão, alguns resultados foram constatados, sendo o principal que o TILS educacional, mesmo não sendo o professor do aluno surdo, necessita manter um envolvimento com o trabalho educativo em sua atuação interpretativa; o plano do seu trabalho deve ser traçado junto com o professor regente, de forma colaborativa. O artigo também discute a formação dos TILS, que optam em trabalhar na área educacional, sobre a fluência da Língua de Sinais, bem como o seu papel na ação pedagógica no processo de apropriação de conhecimentos do aluno surdo. Finalmente, as autoras se referem à necessidade de se ampliarem estudos sobre o assunto, por meio de pesquisas sobre as esfericidade dos TILSP e sua atuação nos espaços educacionais.

O artigo de Cristina Broglia Feitosa Lacerda (2009), denominado “Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos” foi apresentado no V Seminário Nacional em Pesquisa em Educação Especial, realizado em São Paulo. O estudo discute os aspectos considerados fundamentais para a formação de TILS para atuarem na área educacional, levando em conta a demanda crescente por este profissional em todos os níveis de ensino e seu papel na efetivação de práticas de educação inclusiva bilíngue para pessoas surdas. O objetivo do artigo foi analisar os profissionais que atuam na efetivação de práticas inclusivas. Comenta o Decreto 5.626, e a responsabilidade desse profissional pela acessibilidade linguística dos alunos surdos que frequentam a Educação Básica e Ensino Superior, interpretando do Português para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e vice-versa. Coloca em enfoque o ano de 2005, quando surgem os primeiros cursos em nível superior para formação de TILS, e no ano de 2008, foi criado o primeiro curso de bacharelado para formação de TILS.

A autora evidencia o papel dos TILS que atuam nos espaços educacionais, defendendo uma relação mais constante com os sujeitos surdos e o compromisso dos TILS com os processos de aprendizagem dos alunos surdos com os objetivos das práticas educacionais.

Carlos Henrique Rodrigues e Hanna Beer, em seu trabalho apresentado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2016 com o título “Direitos, Políticas e Línguas: divergências na /da/para educação de surdos”, aborda como base o fato da educação ser um fenômeno complexo e diverso, refletindo também sobre os direitos humanos e os direitos humanos linguísticos em relação à educação de surdos, as convergências e divergências decorrentes do encontro dos direitos, das políticas e das línguas na proposição e construção de um processo educacional que reconheça e valorize a singularidade linguística e cultural de seu público. Abordam uma visão crítica em relação às perspectivas no campo da educação de surdos, a centralidade da questão linguística para essa população, já que todos os direitos humanos estão atrelados à língua, destacando também direitos civis, sociais, políticos, econômicos e culturais. O artigo mostra um pouco da história da educação de surdos e de como ela existe em meio às diferenças que a caracterizam, e que a educação de surdos não pode ser vista e compreendida como

alheia ao contexto mais amplo do que se situa, ela está impregnada pela heterogeneidade que caracteriza o ser humano sociocultural.

Os autores enfatizam que a educação de surdos deve e precisa ser um local de transformação de paradigmas, um local de fato significativo para aqueles que dele participam, sejam surdos ou ouvintes.

Em um trabalho realizado pela Universidade Federal de Roraima, entre 2008 e 2009, Dalcides dos Santos Aniceto Júnior e Sandra Moraes da Silva Cardozo, realizaram uma pesquisa no curso de Licenciatura em Química de um profissional TILSP, que atua com uma aluna surda, o trabalho discute a atuação do profissional Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)/Língua Portuguesa, políticas e estratégias para a inclusão do sujeito surdo em todos os espaços sociais a partir da Lei nº10.436, de Abril de 2002, e do Decreto nº5.626 de 22 de Dezembro de 2002. Traz a problemática a respeito da figura do TILS, que passou a atuar em espaços, principalmente nas Instituições de Ensino, reflexões sobre os anseios e inquietações destes profissionais, seus desafios, com o foco na atuação no contexto educacional. A pesquisa possibilitou análises que apontam para uma reflexão que coloca o profissional Intérprete de Libras como parte de um todo, sendo que segundo o trabalho, precisa, além do TILS, ser feito mais para que a educação e a inclusão de fato aconteçam na vida do aluno surdo.

Dentre outros autores não menos relevantes, este estudo se fundamenta em Quadros (2007), que aborda as características, atribuições e outras formas de relação com o ensino de surdos do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa. Sua obra objetiva apoiar e incentivar o desenvolvimento profissional de professores que estão atuando, em qualquer ambiente educacional, como intérprete de Língua de Sinais, colaborando para que a comunidade escolar e a sociedade se modifiquem para garantir acesso pleno de todos à educação. O livro também aborda acerca de algumas questões pertinentes ao tema desta pesquisa, como: O Intérprete Educacional, a formação de intérpretes no mundo e no Brasil, modelos de tradução de interpretação, o código de ética, dentre outros, sendo Quadros, a principal pesquisadora encontrada no momento quanto à temática abordada.

Quadros (2008) em “A Aquisição da Linguagem” contribui para as discussões acerca dos estudos para a educação de surdos, a contribuição da autora em relação

à aquisição da linguagem pelo sujeito surdo. A abordagem inicial fala sobre as fases da educação dessas pessoas no Brasil.

De forma sucinta, mas clara, o referido autor ressalta objetivos e pontos fundamentais de uma proposta onde se pretende apresentar como educação de surdos com o bilinguismo. Quadros (2008) também relata em seu livro sobre as questões das discussões, em um modo geral, sobre as Línguas de Sinais, conceitos de língua e fala, e o universo do preconceito desmitificando visões inadequadas, para, só então, entrar no universo linguístico propriamente dito. Investigações sobre a Língua de Sinais, sua gramática, semântica e pragmáticas, no processo de aquisição de línguas de sinais, o domínio do espaço que representa em termos gramaticais para esta língua. Ainda se destacam a atenção para a diferença entre línguas de modalidade oral-auditiva e espaço-visual. Discute as formas de atuação do professor ao ensinar a segunda língua e sugere procedimentos pedagógicos ao analisar o ambiente do ensino da língua portuguesa. Por esta razão, este livro apresenta grande relevância na educação de surdos no Brasil.

A obra de Audrei Gesser (2009) relata um mundo feito por alguém que, mesmo sem ouvir, pode escutar. Audrei, em sua pesquisa, mostra o engajamento de como se organizaria uma aula de Libras, como língua adicional para pais e educadores de crianças surdas. O livro mostra também cenas na sala de aula. Audrei visitou escolas e se aproximou das comunidades surdas, de Campinas, SP, a Washington, DC. A obra mostra que muito ainda precisa ser dito para que ouvintes tenham conhecimento do rico universo humano que se faz nas Línguas de Sinais e, particularmente, com a Língua Brasileira de Sinais.

Em sua obra, de 2003, Ewandro Magalhães Jr. descreve as emoções de um profissional Tradutor que trabalha dentro de uma cabine de tradução simultânea, mostra o mundo da tradução e as escolhas de tradução feitas pelos intérpretes de cabine. Um livro que aconselha os novos intérpretes sobre como vencer o medo, com sugestões simples, com um pouco de humor e com muitas técnicas para os profissionais da área da Tradução. É um tipo de literatura filosófica e super agradável de ler, pois o autor escolheu a sua profissão de Tradutor como tema principal para o seu livro. Mostra as técnicas e os segredos da tradução simultânea.

Com o objetivo de trazer contribuições para a reflexão dos contextos inclusivos, das práticas sociais e de novas concepções, Albertina Mitjáns Martínez e

Maria Carmen Villela Rosa Tacca (2011) trazem uma compreensão dos processos de aprendizagens dos alunos com deficiência e com dificuldades, voltadas para as práticas pedagógicas. Seu livro combina os resultados de pesquisas derivadas de mestrado e doutorado, políticas e estratégias de inclusão escolar, a garantia ao acesso dos diversos grupos populacionais ao sistema de ensino, em especial aos alunos com algum tipo de deficiência, garantia dos recursos e infraestrutura e acessibilidade, necessários para que esses alunos possam realmente usufruir o que a escola lhes pode oferecer, a política de aprendizagem de todos aqueles que estão na escola, mas que não conseguem acompanhar suas exigências. Com o objetivo de uma aprendizagem de forma real na perspectiva de uma educação inclusiva. Essa obra relata as condições e as oportunidades na escola, os obstáculos pessoais, subjetivos, relacionais e sociais no processo de aprender, são sujeitos que derivam ser pensados em muitas possibilidades que têm para aprender e se desenvolver, tendo a oportunidade de participar da vida social de forma efetiva. O livro mostra como desenvolver estratégias para que o conhecimento produzido socialmente seja colocado de forma acessível a qualquer um que seja. Na surdez, discute-se a comunicação em Libras e a ação pedagógica de Intérprete educacional.

Maria Teresa Eglér Montoan (2011) aborda, em seu livro, a questão da igualdade de direitos e sobre as diferenças encontradas na escola em relação à inclusão, a falta de igualdade de oportunidade, o fato de que alguns alunos com alguma deficiência podem ficar fora da escola por não se encaixarem em uma oportunidade igual de educação para todos. Trata-se, também, da escola inclusiva para todos, mas exige uma grande virada na formação inicial e continuada de professores, a que lhes é oferecida não atende aos reclames do ensino inclusivo.

Vivian Zerbinatti da Fonseca Kikuichi, Daniela Kamimura Rezende, Dáphine Luciana Costa Gahyva, Denise Rodovalho Scussel, Sandra Eleutério Campos Martins (2011) abordam, em seu trabalho, as reflexões acerca da pessoa com surdez e deficiência auditiva, com o objetivo de que lhes possa ser possibilitada uma prática docente realmente inclusiva, e trata das dificuldades encontradas pelo professor regente ao se deparar com um aluno surdo, dentro de sua sala de aula, onde a maioria é ouvinte.

Os autores citados no parágrafo anterior ressaltam também acerca da cultura surda, numa abordagem sócio antropológica, suas especificidades linguísticas e

culturais, um pouco de sua trajetória histórica, o aprendizado da Língua de Sinais e o que representa para o aluno surdo, em termos linguísticos, afetivos, e cognitivo, as semelhanças e diferenças entre as crianças surdas e ouvintes, e sua área de desenvolvimento neuropsicomotor. Aborda a audição envolvendo o processo de ensino-aprendizagem, assim como outros transtornos relacionados à surdez, das dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos e de como promover estratégias que busquem minimizar os obstáculos enfrentados por estes alunos, mas tudo com o apoio da família e dos profissionais envolvidos no processo de aprendizagem. A organização da Libras, seu funcionamento, sua concepção como uma língua natural, entendimento de como funciona e reconhecimento de sua estrutura fonológica, morfológica e sintática, bem como sua variação linguística.

Para dar um ordenamento lógico ao texto, descrevemos um histórico da educação de surdos no Brasil, para em seguida, discorrer sobre outros aspectos como direitos das pessoas surdas, a Libras, o papel do profissional intérprete (TILS) e finalizamos com dados sobre os tipos de surdez e o congresso de Milão.

## 2.2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL

A educação de Surdos, no Brasil, se deu por intermédio do educador Francês Ernest Huet, que fundou o Imperial Instituto Nacional de Surdos-Mudos, em 1857, no Rio de Janeiro, tendo o apoio do Imperador D.Pedro II. Em 6 de Julho de 1957, através da Lei nº3.198, tornou-se Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), uma escola para formação profissional e acadêmica de pessoas surdas e ouvintes, que atuam na área de Libras, ainda existente nos dias atuais.

Segundo Chaves (2016), a experiência e o conhecimento de Ernest Huet foram relevantes, no que se refere ao ensino de qualidade para o atendimento de pessoas surdas e também para impulsionar os avanços da sua linguagem no Brasil.

Foi instituído, no dia 26 de setembro, o Dia do Surdo; na mesma data, o INES foi considerado foi a primeira escola para surdos, sendo referência nacional na Educação de surdos, mantido pelo Ministério da Educação e Cultura. Esta Instituição dedica-se ao ensino das crianças surdas, e atende cerca de 600 alunos, há mais de 160 anos.

O INES é um órgão do Ministério da Educação, que atende alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio e apoia, promove pesquisas novas para melhorar a formação de surdos, também oferece atendimento psicológico, fonoaudiólogo e social à comunidade surda.

Seu grande objetivo é a divulgação, a promoção dos conhecimentos tecnológicos e científicos sobre a surdez, a socialização do sujeito surdo, buscando sua Inclusão e uma educação bilíngue. De acordo com Carvalho (2010), a criação e o desenvolvimento da Federação Brasileira de Surdos, precedida por Padre Vicente P. Bournier, logo após renomeada como a Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (FENEIDA), com atribuições de auxílio direto a pessoas surdas, mais tarde, passou a se chamar Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo (FENEIS).

Na Era Vargas, as pessoas surdas passaram a aderir aos grupos de cidadãos. Cada vez mais as pessoas surdas mantinham seu foco em seus objetivos sobre seus direitos à educação (CHAVES, 2016).

Segundo a citação do autor, podemos perceber que as lutas pelos direitos e um lugar na sociedade, pelos sujeitos surdos, vem de muito tempo, são anos de reivindicação por seus objetivos, alguns já alcançados, outros ainda por conquistar, pois vai a passos lentos, mas acreditamos que através da educação e um esforço coletivo, com muita união e garra, as lutas serão conquistadas.

Para Victor (2007), o aluno surdo, quando chega à escola regular, não encontra os seus pares linguísticos, se sente totalmente isolado do mundo.

Atualmente, todas as escolas regulares permitem a Língua de Sinais. No passado, havia escolas que funcionavam de forma clandestina e as pessoas surdas se desenvolviam na Língua de Sinais por meio da interação com os outros surdos. A discussão teórica abordada por Machado (2000) mostra que antes era praticamente proibida a Língua de Sinais, mas com o passar do tempo, com inserção e interação dos alunos surdos, na escola, isso foi mudando, porque antes eles chegavam à escola e não encontravam seus pares linguísticos, mas atualmente esses sujeitos encontram outros surdos no ambiente escolar. Hoje temos uma proposta que atende e que dá um suporte aos alunos surdos, quando chegarem ao ambiente escolar.

A educação é um direito básico de todos e a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, desde 2002,

mas só a partir do Decreto 5.626 de 2005, ficou regulamentada, determinando, então, que os alunos surdos deveriam ser incluídos nas faculdades e nas escolas regulares, por meio de uma educação bilíngue. Tal instrumento legal favoreceu e gerou possibilidades para que esses sujeitos alavancassem sua vida acadêmica e profissional. A legislação foi determinante para que os alunos surdos passassem a ter acesso às escolas, sendo obrigatória a matrícula desses alunos e de Deficientes Auditivos (DA), dos 4 aos 17 anos.

## 2.3 DIREITO DOS SURDOS

Segundo a Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com Deficiência (Estatuto da pessoa com Deficiência), deve-se assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com Deficiência, visando a sua inclusão social e cidadania (Lei nº13.146, de 6 de Julho de 2015 - Livro I, parte geral, título I, disposições preliminares, Cap. I, disposições gerais).

### 2.3.1 Direito ao trabalho

O surdo tem direito de trabalhar e cabe à sociedade promover seu acesso ao mercado de trabalho, que é assegurado por meio da Lei de Cotas, nº 8213/91, ao determinar que Empresas privadas, com mais de 100 funcionários devem preencher de 2% a 5% de suas vagas aos indivíduos com deficiência física ou mental. Cerca de 5% referem-se aos Concursos públicos e as vagas destinadas aos portadores de NEE (Necessidades Educativas Especiais).

Quanto à acessibilidade, se dá através do uso de estratégias e outros mecanismos, por exemplo: A janela de Libras, com os Intérpretes, obrigatória nos programas educativos, políticos, jornalísticos e informativos.

#### 2.3.1.1 A JANELA DE LIBRAS

É um espaço de acessibilidade, onde algumas plataformas realizam a tradução para Libras do discurso, enquanto alguém o profere, na grande maioria

realizada em campanhas políticas. A janela de Libras é um recurso capaz de tornar a televisão acessível às pessoas surdas.

Elas estão exibidas no rodapé da tela, mas, infelizmente, não são obrigatórias em grade e nos canais de telecomunicações vigentes. É preciso que a Comunidade Surda lute por seus direitos e que se faça cumprir seu acesso à informação, por parte das autoridades competentes do nosso país, e que a oferta possa ser ampliada em todas as emissoras e canais de televisão.

### **2.3.2 Direito à saúde**

Sobre a questão da saúde, a comunidade surda é reconhecida como minoria linguística e cultural, por isso são constantes os desafios enfrentados para ser atendida nas Unidades de Saúde, Postos de Saúde, Hospitais, consulta ao médico, atendimento com as recepcionistas dos Hospitais e Clínicas, porque o seu maior desafio, sem dúvida, é a falta de Comunicação, as dificuldades encontradas, na hora do atendimento médico, agendamento de consulta por telefone, ausência de um Intérprete de Libras nos Hospitais e Unidades de Saúde, tudo isso gera uma falta de comunicação e de interação entre os profissionais ouvintes e os surdos.

## **2.4 ESTUDOS SOBRE A MODALIDADE DA LIBRAS**

No Brasil, temos duas Línguas oficiais, a primeira é a Língua Portuguesa; a segunda é a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), própria da comunidade surda brasileira. A Lei nº 10.436/2002, discorre sobre o reconhecimento da Libras como língua oficial da comunidade surda brasileira e da sua divulgação e propagação em todos os ambientes públicos, seja na área jurídica, da saúde, social, educacional, cultural, entre outras. Ao contrário do que se observa no senso comum, a Libras não é universal, ou seja, ela tem a sua semântica e sua gramática, pragmática própria, portanto, cada comunidade linguística tem a sua, sendo diferentes umas das outras em diversas partes do mundo. Ela tem uma modalidade visual-espacial, e não deriva das línguas orais surgindo, assim, da necessidade natural de comunicação entre pessoas surdas (BRASIL, 2002, p.19).

Para que sejam formados os sinais, é preciso que haja o movimento das mãos, podendo ser em uma parte do corpo ou em um espaço em frente a ele. Esses quesitos são chamados de parâmetros das línguas de sinais, que são os seguintes: Configuração das mãos: alfabeto manual; Ponto de Articulação: local onde o sinal é realizado; Movimento: os sinais podem ter movimento ou não; Orientação: é feita através da palma das mãos; Expressão facial e corporal: é um traço diferenciador da LIBRAS, as expressões faciais complementam os traços manuais, alguns com intensidade, ou não, dependendo da palavra a ser sinalizada. É muito importante, nas línguas de sinais, que haja a combinação desses cinco parâmetros para que as palavras, frases e contextos sejam formados (HONORA e FRIZANCO, 2009).

#### **2.4.1 Primeira língua (LIBRAS) L1 e segunda língua (Língua Portuguesa) L2**

Considerando a necessidade de uma proposta bilíngue, de uma educação igualitária para que haja inclusão e melhores resultados na educação de surdos (principalmente dos alunos não alfabetizados em Libras), é primordial que tenham acesso à sua primeira língua L1 (Libras) e que todos compreendam que a segunda língua é a L2 (Língua Portuguesa) como modalidade escrita. Nem sempre os professores compreendem essa premissa, pois, certamente, nunca tiveram acesso a tais informações. Essa situação tende a dificultar as atividades pedagógicas, pois, muitas vezes, realizam as avaliações para o público ouvinte, desconsiderando que os alunos surdos tem a Libras como primeira língua. Seria como se desse uma prova em Inglês para eles traduzirem e responderem em Inglês.

Segundo Quadros (2008), expressões faciais, linguagem corporal, sinais de trânsito, pintura e música são meios de comunicação. Por isso, segundo ele, é preciso que o ser humano tenha contato e convívio com seus pares e com sua comunidade linguística para aprender a sua língua materna. A primeira língua L1 é adquirida de forma espontânea e natural, quando a criança é exposta à sua língua materna e em contato com seus pares surdos, porém uma segunda língua L2, língua Portuguesa na modalidade escrita, só será aprendida em ambiente artificial, e de forma sistemática, observando diferentes metodologias de ensino.

De acordo com Quadros (1997), para que o aluno surdo possa se desenvolver, visando o seu futuro profissional e acadêmico, é importante que o

mesmo tenha acesso às duas línguas, as quais estarão presentes durante toda a sua vida, seja ela acadêmica ou social. A mesma autora explica que o ambiente e a interação social apresentam importância inquestionável para o desenvolvimento da linguagem.

Considerando uma proposta bilíngue, sabemos das dificuldades encontradas pelos alunos surdos e de como é complexo este processo. Sendo assim, seria de grande valia uma proposta bilíngue nas escolas de ensino regular e, ainda, profissionais capacitados para essa atuação. Contudo, na prática, sabemos que isso está longe de fazer parte da realidade dos alunos surdos alfabetizados em Libras e dos que não são alfabetizados em libras. Estamos cientes de que esta proposta é utopia para nós, profissionais da área, os TILS educacionais e os outros profissionais envolvidos no processo de aprendizagem do aluno surdo (QUADROS, 2008).

## 2.5 OS CLASSIFICADORES EM LIBRAS

Os classificadores são elementos estruturais da Libras e não existem nas línguas orais. Eles são formas que estabelecem e servem como marcadores de concordância em uma língua, sendo representadas por configurações de mão relacionadas à coisa, pessoa e animal. Assim, na Libras, os classificadores substituem o nome que as precede, podem vir junto ao verbo para classificar o sujeito ou objeto que está ligado à ação expressa. Ex: andar, correr, pular, cair, abrir (MARTINS e REZENDE, 2012).

Conforme Ferreira Brito (1995), os classificadores podem ser icônicos, ou seja, em decorrência da semelhança existente entre a sua forma ou tamanho do objeto referido, fazem alusão à imagem do seu significado. Ex: casa, borboleta, telefone.

Os sinais arbitrários não mantêm nenhuma semelhança com o dado da realidade que representam. Ex: conversar, rápido, água, café, saúde, entre outros.

### 2.5.1 Tipos de classificadores

Os tipos de classificadores da gramática da Libras podem ser:

1) Classificador Descritivo: refere-se ao tamanho e forma, utilizando a aparência de um objeto para descrevê-lo, isto é, a forma, o tamanho, a textura ou o desenho do mesmo. Usualmente, produzido com ambas as mãos, para formas simétricas ou assimétricas. Ex: A forma e o desenho de um vaso, a altura e a largura de uma caixa.

2) Classificador que Especifica: indica o tamanho e a forma de uma parte do corpo. A função é similar ao classificador descritivo, mas é utilizado para descrever a forma, o tamanho e a textura de uma parte do corpo de pessoas ou de animais. Ex: o penteado de uma pessoa, bicos de aves diversas, o pelo de um gato, as bochechas gordas de um bebê (não tem movimento).

3) Classificador de uma parte do corpo: retrata uma parte específica do corpo em uma posição determinada ou fazendo uma ação. A configuração da mão retrata a forma de uma parte do corpo. Ex: a ação da boca de um hipopótamo, as orelhas de um cavalo em movimento.

4) Classificador Locativo: retrata um objeto como lugar determinado em relação a outro objeto. Ex: o gol onde entra a bola (trave), uma prateleira onde estão copos ou livros.

5) Classificador Semântico: Retrata um objeto em um lugar específico, as vezes indicando movimento, a configuração da mão retrata o objeto todo e, abstratamente, muito pouco ou não se relaciona com a aparência do objeto. Ex: Y- um avião ou objetos no lugar fixo, C- copos na prateleira de um armário.

6) Classificador Instrumental: Esse classificador mostra como se usa alguma coisa. Ex: puxando uma gaveta, carregando um balde pela alça, tocando a campainha da porta.

7) Classificador do Corpo: A parte superior do corpo se torna o classificador na qual a parte superior do sinalizador desempenha o verbo na frase, especialmente os braços; não mostra nem a manipulação e nem o toque de objetos. Ex: acenando com a mão para alguém, coçando a cabeça.

8) Classificador do Plural: Indica o movimento ou a posição de um número de objetos, pessoas ou animais, pode ser um número determinado ou não determinado. Ex: três pessoas andando juntas (número determinado), muitos carros estacionados na rua, pessoas sentadas na plateia (número não determinado).

9) Classificador de Elemento: Esses classificadores retratam movimento de elementos ou coisas que não são sólidas, por exemplo, água, fogo, luz, chuva. Ex: água gotejando da torneira, o vapor subindo de uma xícara de café.

10) Classificador de Nome e Número: Esses classificadores utilizam as configurações das mãos do alfabeto manual ou números, mas são parte de uma descrição. Ex: números e nome na camisa de futebol, uma sigla escrita na fachada de um banco.

Neste contexto, vemos que é, sim, possível que TILS educacionais trabalhem com alunos não alfabetizados em Libras, adotando estratégias de tradução que possibilitem levar o conhecimento a estes. Esta dissertação é um estudo que terá no seu término um produto final (uma apostila) que auxiliará os profissionais TILS educacionais em sala de aula, buscando melhorar a aprendizagem do aluno no que se refere aos conteúdos ministrados pelos professores regentes que atuam nas escolas.

### **3 OS TILS: CONCEITOS, TIPOS E ÁREAS DE ATUAÇÃO**

O profissional intérprete de Libras é aquele que domina a Língua de Sinais e a língua falada do país. No caso da primeira, o intérprete precisa, além de dominá-la, também conhecer a Língua Portuguesa e ter qualificação específica para atuar nesta função, isso significa ter domínio dos processos, dos modelos, das estratégias e técnicas de tradução e interpretação. O TILS é o profissional que faz a interpretação de uma língua falada para a língua sinalizada e vice-versa, também sendo os ouvidos e a voz dos sujeitos-surdos, estabelecendo uma interação com os pares ouvintes, ao expressarem suas opiniões, sentimentos, dúvidas, entre outros (BRASIL, 2007).

Os TILS podem atuar em diversas áreas da sociedade, dentre elas podemos destacar a área jurídica, hospitalar e educacional.

Para a atuação desses profissionais na justiça é importante que conheçam a base do poder judiciário brasileiro, além de saber como atuar nesta área, pelo fato de apresentarem sinais específicos. Além disso, importante conhecer um pouco do código judicial brasileiro, que é composto pela justiça especial e pela justiça comum (BIELESKI, 2019).

Já no campo da saúde, a presença deste profissional é de suma importância na área hospitalar, devido às dificuldades encontradas pelos pacientes surdos e os médicos em geral, a começar pelo atendimento na recepção do hospital até o momento da consulta, as barreiras de comunicação são grandes, desde a forma como o paciente surdo é recebido no primeiro atendimento, até a prescrição médica (CHAVEIRO e BARBOSA, 2005).

Porém, a área de maior atuação e mais requisitada deste profissional é a educacional e, nela, o TILS deverá ter um perfil para intermediar as relações entre professores e os alunos, bem como os colegas surdos e os ouvintes. Contudo, na grande maioria dos casos, o papel do intérprete de Libras, dentro da sala de aula, é confundido com o papel do professor, que delega funções e responsabilidades que não fazem parte do rol de atribuições do TILS. O professor regente transfere a responsabilidade de transmitir os conteúdos curriculares ao intérprete, cuja função e responsabilidade devem ser atribuídas ao docente e, na maioria das vezes, o intérprete educacional fica sobrecarregado (BRASIL, 2007).

Além do exposto, os TILS também podem atuar em instituições públicas e privadas, bancos, hotéis, igrejas, estúdios de televisão, indústria, comércio, palestras e prestando serviços de tradução. Estes serviços são cobrados, tendo para cada tradução um valor específico segundo a tabela da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores-Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS). O TILS pode atuar em contexto de conferência, sociais, artísticos e culturais, lazer e turismo, acompanhamentos em serviços sociais diversos (QUADROS, 2004).

### 3.1 TILS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO

As especificidades dos alunos surdos matriculados na rede regular de ensino, em diversos níveis, exigem a presença de um TILS educacional em sala de aula, para que o aluno surdo possa entender interagir e aprender os conteúdos ministrados pelo professor regente, bem como realizar as atividades gerais e extraclasse. Nesse contexto, esses profissionais têm ganhado espaço no campo profissional e vêm se destacando como peça fundamental na educação de surdos.

Os TILS educacionais utilizam anamnese para verificar o nível de aprendizagem dos alunos surdos não alfabetizados em Libras, bem como recursos visuais, na tentativa de saber se ele se apropriou de sua língua materna, a Libras, como se deu isso e com a ajuda dos pais ou responsáveis para saber um pouco mais deste aluno, em parceria com o professor regente e a escola, a fim de propiciá-lo uma boa oportunidade de aprender de forma inclusiva, numa perspectiva bilíngue.

Segundo Xavier (2010), o Intérprete de Libras é o responsável por versar, conduzir e transpor informações que serão dadas em Libras para o português e do Português para Libras. Para exercer sua função, ele deve conhecer profundamente as línguas envolvidas no processo, fazendo com que as informações dadas, em uma determinada língua, cheguem o mais aprofundadamente possível à outra, e vice-versa, preservando as estruturas gramaticais destas.

A maior dificuldade encontrada pelos TILS é a não alfabetização do aluno em Libras, o que dificulta demais o trabalho desses profissionais, pois ao invés de sinalizar, abordando os conteúdos curriculares ministrados pelo professor regente de forma simultânea, faz-se necessário criar recursos e estratégias de tradução para se

comunicar com os discentes. Outra dificuldade também observada pelos profissionais TILS é a diferença da aceitação da cultura surda, acerca da criança surda, sobre a importância de uma educação bilíngue e a formação dos professores regentes neste sentido.

A presença do TILS educacional na vida do estudante surdo é extremamente importante, pois ele auxilia e promove a interação e a mediação entre o aluno surdo e o professor regente. Segundo Foucault (2013) a função do TILS não é modelar a vontade dos outros, mas ser o portador da verdade, ter ética e responsabilidade e verdade para conduzir a si mesmo e a outros (FOUCAULT, 2013, p.48,129).

Os TILS educacionais têm um papel primordial na vida acadêmica do aluno surdo não alfabetizado em libras, porque ao passar pela vida deste aluno surdo ele irá ter contribuído para a construção do conhecimento deste aluno, precisando o TILS estudar e se capacitar para ocupar tal função, estar atento as informações e aos fatos, para que a informação chegue até este aluno (QUADROS, 2007, p.79).

A responsabilidade do TILS educacional é imensa, porque ele deve estar inserido como parte da cultura surda, porque ele é parte deste contexto histórico e cultural da vida do aluno surdo na contribuição da vida profissional e no futuro deste aluno.

Segundo Perlin (2006, p.138), os TILS são também intérpretes da cultura, da língua e da história dos movimentos, das políticas da identidade e da subjetividade surda, e apresentam suas particularidades, sua identidade e sua orbitalidade.

Os profissionais TILS educacionais tem grande dificuldade dentro da sala de aula, porque ele é confundido com o professor, ele está ali para mediar a comunicação entre o aluno surdo e o professor regente, e não para ensinar o surdo. Essa inversão de papéis sempre acontece, quando a escola e o professor regente transferem toda a responsabilidade para o TILS educacional, quando sabemos que a responsabilidade de ensinar os conteúdos curriculares é do professor regente. É certo que nos deparamos com alguns problemas de ética que acontecem dentro da sala de aula, pois nos é delegado funções que não fazem parte das atribuições como TILS educacional.

O papel do TILS educacional é fazer com que o aluno surdo entenda e compreenda os conteúdos curriculares, mesmo que seja utilizando estratégias e

possibilidades de tradução, para que todo o conteúdo fique o mais claro possível para o aluno surdo.

Segundo Quadros (2007), o TILS especialista, que atue na área da educação, deve ter um perfil para intermediar as relações entre professores e os alunos, bem como entre os colegas ouvintes (QUADROS, 2007, p.60). O TILS educacional observa as especificidades dos alunos surdos matriculados no âmbito regular de ensino em diversos níveis, é necessário conhecer as características de todas as faixas etárias, sendo fundamental o conhecimento de cada nível, para que haja uma melhor compreensão por parte deste aluno surdo.

O TILS educacional não possui a tarefa de apenas intermediar a relação entre professor e aluno surdo, mas, sim, de promover a sua construção do conhecimento, promovendo a cidadania, para que este sujeito possa se sentir útil à sociedade a qual está inserido.

Quanto à ética do TILS, precisa ser discreto e profissional, manter o sigilo sobre as questões relacionadas ao aluno surdo, ser imparcial, não omitir informações importantes e não expressar opiniões pessoais, passar confiança aos colegas ouvintes, manter uma distância profissional, ser neutro (QUADROS, 2007, p.32).

O intérprete de libras educacional deve redirecionar os questionamentos dos alunos aos professores, mostrando que ele está ali para intermediar a comunicação entre o professor e o aluno surdo, como já mencionado acima.

Seria necessário que este profissional tivesse um tempo de Planejamento (PL) para sentar com o professor regente e discutir sobre os conteúdos curriculares, que serão ministrados antes das aulas, para que ele possa estudar e buscar as devidas estratégias de tradução. O Intérprete de libras não é o professor deste aluno. Ainda quanto ao planejamento do TILS, o trabalho precisa de uma organização, sistematização e planejamento das atividades desenvolvidas na escola (SAVIANI, 2003). Ele precisa ter um tempo de estudo para que sua tradução possa corresponder às necessidades do aluno surdo, para que não seja prejudicado no processo de aquisição do conhecimento. Segundo Lacerda (2009) e Albres (2015), no que tange à importância do planejamento para o Intérprete de libras, destacam que, mediante a garantia deste planejamento, os processos de ensino e aprendizagem, voltados para o aluno surdo, são potencializados, o planejamento

possibilita esclarecimento de dúvidas, diálogo entre o professor regente e o TILS educacional, acerca do desenvolvimento do educando.

Os profissionais TILS devem se capacitar, buscar novos conhecimentos da área, se atualizar sempre, porque a Libras é uma língua dinâmica e não estática, ela sempre está sofrendo transformações e, como tal, deve-se acompanhar o processo. É preciso que o TILS esteja seguro na hora de interpretar, sentir confiança no que está sendo sinalizado, para que o aluno surdo possa aprender de forma significativa e que tenha acesso a todas as informações possíveis para que se torne um bom profissional no futuro. É uma responsabilidade, por parte deste profissional TILS educacional, porque estamos falando de uma vida, do futuro de uma pessoa, e isso é muito sério (QUADROS, 2007, p. 32).

Segundo Lima (2006, p.34) propõe: em se tratando das pessoas surdas, cabe ao Intérprete de Língua de Sinais, toda a responsabilidade de tornar todas as informações e os saberes que circulam no ambiente acadêmico acessíveis aqueles que não ouvem e se comunicam pela Língua de Sinais, além de incluir os (as) surdos(as) na rotina cotidiana, dentro de uma faculdade ou universidade, enfim, a ele não cabem somente as funções atribuídas a um tradutor-intérprete de línguas orais.

Nesta perspectiva, coloca-se em foco o processo de aprendizagem do aluno surdo não alfabetizado em Libras, suas peculiaridades e particularidades na aquisição da linguagem acerca da L1, sua língua materna (a Libras) e a L2, a língua Portuguesa, como segunda língua. Sobre esta questão de desigualdades e o sucesso do aluno na escola, e sobre o processo de aprendizagem e aquisição da linguagem, Montoan (2011, p. 66) afirma que: as desigualdades tendem a se agravar quanto mais especializado for, o ensino, para alguns alunos. Essa desigualdade, inicialmente escolar, expande-se para outros domínios e áreas, marcando indelevelmente as pessoas atingidas.

Tendo em vista a não alfabetização em Libras, vê-se a necessidade do uso de ferramentas linguísticas (elementos estruturais da Libras), com o intuito de facilitar a comunicação entre o TILS e o aluno surdo, promovendo, assim, uma melhor aprendizagem por parte do aluno.

## 3.2 O TILS- TRADUTOR INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS E O PL- PLANEJAMENTO

Os profissionais TILS educacionais precisam de um tempo de planejamento (PL) (momento de troca de experiências e de escolhas para ambos profissionais) com o professor regente para ver qual tema será abordado nas aulas, em todas as disciplinas, para que o seu trabalho possa ser bem desenvolvido e os alunos surdos possam ter mais acesso ao conhecimento dos conteúdos ministrados, em sala de aula, pelos professores regentes. Geralmente, estes profissionais não têm tempo disponível, para que possam se organizar e fazer seu trabalho da melhor forma possível.

A partir deste ponto, este trabalho começou a ser desenvolvido. Lacerda (2009) e Albres (2015) relatam que toda reflexão pode partir de experiências pessoais diversas vividas dentro da sala de aula. Os autores destacam a importância do planejamento para o Intérprete de Libras, por ser um artifício potencializador do processo de ensino e aprendizagem que é voltado para o aluno surdo.

O acesso aos conteúdos abordados em determinadas disciplinas, previamente, certamente facilitaria a vida dos TILS educacionais, na questão de esclarecimento das dúvidas e proporcionaria um diálogo com o professor regente, com o objetivo de que o estudante surdo possa aprender de forma clara e objetiva.

Nos sistemas de Ensino da Rede Municipal e Estadual, em seus respectivos editais, não existe PL, somente as atribuições dos TILS.

As falhas da escola em relação a isto é de ser omissa, não quer saber de nada; a inclusão só acontece no papel, a prática mesmo é totalmente diferente.

### 3.2.1 A ação da escola em relação ao PL

O aluno portador de alguma deficiência, seja surdez ou algum tipo de Necessidades Educativas Especiais (NEE), é de responsabilidade do Professor de Educação Especial, do TILS educacional, ou do Professor de Libras e do Professor de Deficiência Intelectual. A escola deixa de fazer o seu papel quando não atua em favor dos alunos especiais, deixando de fazer projeto, oficinas, formação e

capacitações junto aos profissionais da escola. Saviani (1996) aborda acerca do PL na formação de professores, a essência do trabalho educativo consiste em produzir direta e intencionalmente, em cada indivíduo, e isto só é conseguido através do trabalho intencional realizado na escola.

Segundo Mantoan, (2011)

Nesse contexto, a formação de professores passa por uma redefinição das principais funções a eles atribuídas. A formação continuada de professores, visando a inclusão de alunos para que todos possam ter acesso a escola. É preciso que haja princípios éticos, políticos e filosóficos, para estes profissionais entendam o seu papel dentro da escola, a frente ao desafio de formar uma nova geração, capaz de ser livre e independente (Mantoan, 2011, pg.141).

Os TILS educacionais não terem PL é muito prejudicial ao seu trabalho de intérprete, pois o PL é um momento ao qual têm a oportunidade de interagir com o professor regente, buscando as melhores estratégias de tradução que ele poderá utilizar nas aulas, com os alunos surdos não alfabetizados em LIBRAS, para que seu trabalho possa ter um melhor resultado.

### **3.2.2 De quem é a atribuição de ensinar LIBRAS**

O papel de ensinar Libras precisa ser entendido de forma harmônica em parceria com a família e, dos pais com a escola, não adianta colocar a culpa em um ou outro, o objetivo é que este aluno chegue à escola alfabetizado em Libras e não sem fluência na sua própria língua, no caso a L1 (sua língua materna). A criança surda, para que possa se apropriar dos conteúdos curriculares realizados dentro da sala de aula, precisa saber Libras para que este processo ocorra de forma natural e espontânea e a L2 possa ser aprendida como segunda língua na modalidade escrita.

Os professores interlocutores compreendem que são responsáveis pelo ensino da leitura e escrita para o estudante surdo, bem como pelo seu desenvolvimento linguístico em Libras.

O desenvolvimento da leitura e da escrita são apresentados como objetivos precípuos da escola, porém as condições oferecidas pelo sistema escolar não se mostram coerentes com tais objetivos. Quanto ao ensino da Língua Portuguesa, a perspectiva de educação bilíngue, na qual se fundamentam as políticas federais,

prevê a necessidade de que os professores responsáveis pelo seu ensino também sejam fluentes na Libras.

A educação do surdo, em perspectiva inclusiva, requer dois professores na mesma sala de aula, faz-se necessário que tais profissionais se empenhem coletivamente na organização do ensino para todos os estudantes, tendo em vista que a unidade da atividade pedagógica se caracteriza pela dimensão coletiva e colaborativa que deve existir entre atividade de ensino e atividade de estudo. Se a escola não tomar uma posição em relação ao ensino de alunos surdos, não iremos sair do lugar, ou seja, a educação de surdos não vai evoluir e crescer na construção do processo de aprendizagem desses alunos.

### 3.3 A FORMAÇÃO DOS INTÉRPRETES EDUCACIONAIS – TILS

Os primeiros TILS surgiram na Antiguidade, mas a presença do Tradutor e Intérprete de Libras apareceu oficialmente em um documento do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), no final do século XIX, mediante uma convocação por órgão judicial. Em 1988, a surda Ana Regina de Souza Campello, uma das fundadoras, que também exerceu a presidência da FENEIS, participou das lutas das pessoas com deficiência.

Em Pernambuco, foi formada a primeira Tradutora e Intérprete de Libras no Brasil.

Em 1988, também foi realizado o I encontro dos Intérpretes de Língua de Sinais, onde foi publicado o manual para o Tradutor-Intérprete. “A importância do Intérprete da Linguagem de Sinais.”

Em 1992, na cidade do Rio de Janeiro, foi organizado o II encontro Nacional dos Intérpretes, a nível de informação. Neste encontro foi criado o I Código de Ética dos TILS do Brasil, uma adaptação do Código de Ética Americano.

No dia 24 de abril de 2002, foi homologada a Lei federal que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como língua oficial das comunidades surdas brasileiras.

Tal Lei (nº10.436, de 24 de abril de 2002) representou um passo fundamental no processo de reconhecimento e de formação deste profissional Intérprete de Língua de Sinais no Brasil, dando oportunidades de trabalho. Ela representa uma

conquista inigualável em todo o processo dos movimentos sociais dos surdos e tem consequências extremamente favoráveis para o reconhecimento do profissional intérprete de Língua de Sinais no Brasil (QUADROS, 2007, p.17).

A formação dos TILS e o PL seriam realmente de grande valia e de grande importância, mas é preciso que haja uma específica, porque quase sempre o TILS educacional é confundido com o professor regente, sendo atribuídas responsabilidades que não lhe competem.

Todos os profissionais, para atuarem dentro da sala, precisam ser fluentes em Língua de Sinais, ter conhecimentos linguísticos acerca da Libras. Seu papel é mediar a comunicação entre o professor regente e o aluno surdo.

Qual é o papel do Intérprete? Realizar a interpretação da língua falada para a língua sinalizada e vice-versa, observando os seguintes preceitos éticos:

- a) Confiabilidade (sigilo profissional);
- b) Imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias);
- c) Discrição (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação);
- d) Distância profissional (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados);
- e) Fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito).

[...] entre o surdo e intérprete muitas vezes, é de amizade e solidariedade, as quais conduzem o intérprete a ajudar o surdo em espaços, que vão desde depoimentos em processos jurídicos até em consultas médicas, não como um profissional da área de interpretação, mas como um amigo (CORDOVA, 2009, p.28).

f) O TILS deve expressar a sua subjetividade de não ser surdo, sentir, perceber o outro e a diferença entre a cultura ouvinte e a cultura surda.

Foi escrito na cidade do Rio de Janeiro, o Código de Ética do TILS. É um instrumento que orienta o profissional Intérprete em atuação. Diante deste código de ética, apresentar-se-á, a seguir, diferentes situações que podem ser exemplos do dia a dia do profissional Intérprete (QUADROS, 2007, P.31,33).

Neste contexto, conclui-se que o TILS educacional ocupa um papel fundamental na vida do aluno surdo não alfabetizado em Libras, que haja a inserção de profissionais mais qualificados, que esta pesquisa possa ter apontado discussões e contribuições acerca do TILS educacional. É necessário que os órgãos públicos possam despertar e fazer com que as leis e as políticas públicas, em relação ao aluno surdo, possam sair do papel e acontecer na prática, isto é o que os profissionais da área almejam.

A inclusão só será alcançada, quando a criança surda for respeitada e vista como um sujeito que aprende e que tem habilidades e competências.

A principal contribuição desta pesquisa é mostrar que o TILS educacional não é o professor do aluno surdo, mas, sim, uma pessoa que faz a mediação entre o aluno surdo e o professor regente.

Para se pensar em formação de TILS educacional, é preciso que se busquem alternativas viáveis que os auxiliem em sua função. Espera-se que, este trabalho, possa contribuir com a ampliação de futuras reflexões em relação à formação deste profissional, respeitando o seu espaço e suas atribuições.

Em 2001, por consequência de movimentos sociais, foi implantado o Programa Nacional de Apoio a Educação de Surdos, norteando o uso da difusão da Libras como veículo de desenvolvimento intelectual e integração social das pessoas surdas no Brasil. “Para pensarmos em formação do Intérpretes, precisamos, portanto, estarmos atentos ao nível de participação da comunidade surda na sociedade (QUADROS, 2007, p.51).”

A Formação de Intérpretes ocorre em todo mundo, sendo alguns países listados a seguir:

Europa, com duração de seis meses e não apresentam um currículo amplo. França e Dinamarca com duração de 2 anos. Em países como Itália, Holanda, Inglaterra, Bélgica, França e Alemanha, o salário dos Intérpretes geralmente é feito pelos próprios surdos e por verbas governamentais. Já na Finlândia, os cursos são de pequena duração, um total de 170 horas. A formação dos Intérpretes nos EUA, a Universidade de Gallaudet, instituiu um programa de Mestrado para Intérpretes com ênfase na interpretação da Língua de Sinais, com a proposta de oferecer uma formação de qualidade baseada nas habilidades de comunicação. Segundo Quadros (2007), não existem fórmulas de como formar intérpretes; portanto, um processo

constante de reflexão e avaliação tornará realidade a formação desse profissional no Brasil. O ambiente educacional é o espaço de atuação do Intérprete de Língua de Sinais em que ele é mais requisitado, atualmente.

Kelman (2005), em seu artigo, aponta 11 diferentes papéis atribuídos ao professor intérprete. Mas Quadros (2002) declara que a função de intérprete por si mesma já basta e, dessa forma, defende a ideia de que este profissional não deve assumir papel de professor. Ela afirma que, muitas vezes, o profissional intérprete acaba sendo confundido com a figura do professor, mas que ele é apenas o responsável por intermediar a relação professor ouvinte-aluno surdo. Os TILS educacionais precisam se mobilizar e promover um movimento de conscientização com o objetivo de que a sociedade atual possa entender que os surdos têm direitos e deveres, como qualquer pessoa ouvinte, e seus familiares também devem lutar para que a inclusão saia, de vez, do papel. Em 2001, em Montevideu, segundo Quadros (2005), foi realizado um encontro internacional onde se abordou a formação do TILS na América Latina, contando com a participação da Federação Mundial de Surdos, onde foram destacadas algumas recomendações referentes aos estudos da Libras.

Quadros (2004), em seus estudos, afirma que há vários níveis de formação do tradutor-intérprete de Língua de Sinais, desde o nível secundário ao nível de mestrado e doutorado. Segundo a autora, essa variação em níveis de qualificação reflete um envolvimento sociocultural da comunidade surda. Quanto mais organizados em suas unidades, melhor contribuirão para a formação do tradutor e intérprete de Língua de Sinais.

## 4 COMPREDENDO A SURDEZ E A EVOLUÇÃO DE SEU ENTENDIMENTO NO PROCESSO COMUNICATIVO E INSTRUTIVO DOS SURDOS

Buscamos, neste capítulo, explicar, de forma sucinta, como funciona a surdez, explanando sobre a estrutura interna do ouvido para que possamos entender e ser capazes de reconhecer tais estruturas e como essas se envolvem nesse fenômeno.

O ouvido se configura como um órgão sensorial muito importante, pois esse sentido nos alerta sobre todos os sons ocorridos ao nosso redor, no ambiente onde estamos inseridos. Essa sensibilidade nos propicia a aprendizagem da língua e da fala.

Segundo Martins e Rezende (2013, p.43) “A capacidade de ouvir é uma característica secundária da orelha e foi adquirida”. É considerada surda a pessoa que apresenta perda grave de até 90 dB (decibéis), ou seja, possui um déficit auditivo, seja leve, profundo ou congênito ou pré-linguístico para se comunicar. A frequência é a altura do som, que é mensurada em Hertz (Hz) e representa o número de ciclos de vibração que ocorre em um segundo, sendo que o ouvido humano normal pode receber alturas de 20 a 20.000 ciclos por segundo e pode detectar diferenças de frequência tão pequenas quanto 1Hz. A intensidade diz respeito a amplitude do som, mensurada em decibel (dB). O som mais suave que o ouvido humano normal pode ouvir gira ao redor de 0 Db (REZENDE, 2012, p.43).

Segundo Martins e Rezende (2012)

Deficiência auditiva é a redução da acuidade auditiva em qualquer grau, que prejudique a percepção dos sons, sejam eles ambientais ou de fala, qualquer que seja seu tipo, ela poderá comprometer, direta ou indiretamente, o desenvolvimento da fala, linguagem, social, psíquico e educacional da criança (MARTINS E REZENDE, 2012, p.50).

As deficiências auditivas podem ser classificadas em leve, moderada, severa e profunda. Podem ser também classificadas quanto à origem, podendo ser congênita, hereditária ou adquirida. Também quanto à lateralidade podendo ser unilateral ou bilateral.

Perda auditiva leve: é aquela cuja média de limiares encontram-se entre 25 e 40 dB NA (LOPES, 2006), a perda auditiva leve, quando estável, não terá,

necessariamente, um efeito no desenvolvimento de linguagem, as opiniões se divergem, pois, alguns estudiosos acreditam que poderá ter um efeito considerável na comunicação e no aprendizado da criança.

Perda auditiva moderada: a média de limiares auditivos encontra-se entre 41 e 70 dB, as pessoas com este grau perdem a maioria dos sons da fala em uma conversação (LOPES, 2006).

Perda auditiva severa: é aquela que, cuja média de limiares, se situa entre 71 e 90 dB NA, a fala e a linguagem não se desenvolverão, espontaneamente, sem a ajuda de um dispositivo eletrônico, um sujeito com perda severa não pode ouvir sons ou a conversação normal.

Perda auditiva profunda: é aquela que a média de limiares é superior a 90 Db NA, o desenvolvimento da linguagem e fala não ocorre.

A surdez, no contexto médico, é enfrentada como uma deficiência. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que existam cerca de 10 milhões de pessoas surdas, isso equivale a 5% da população brasileira. Desses, 2,7 milhões são surdos profundos, ou seja, não escutam nada. Estão incluídos nestes 2,7 milhões que têm algum problema auditivo, ou perda de audição, devido a alguns fatores que podem ocasionar a surdez, como por exemplo, algumas doenças hereditárias, rubéola, citomegalovírus, toxoplasmose, sífilis, herpes ou outras infecções maternas que ocorrem durante a gestação.

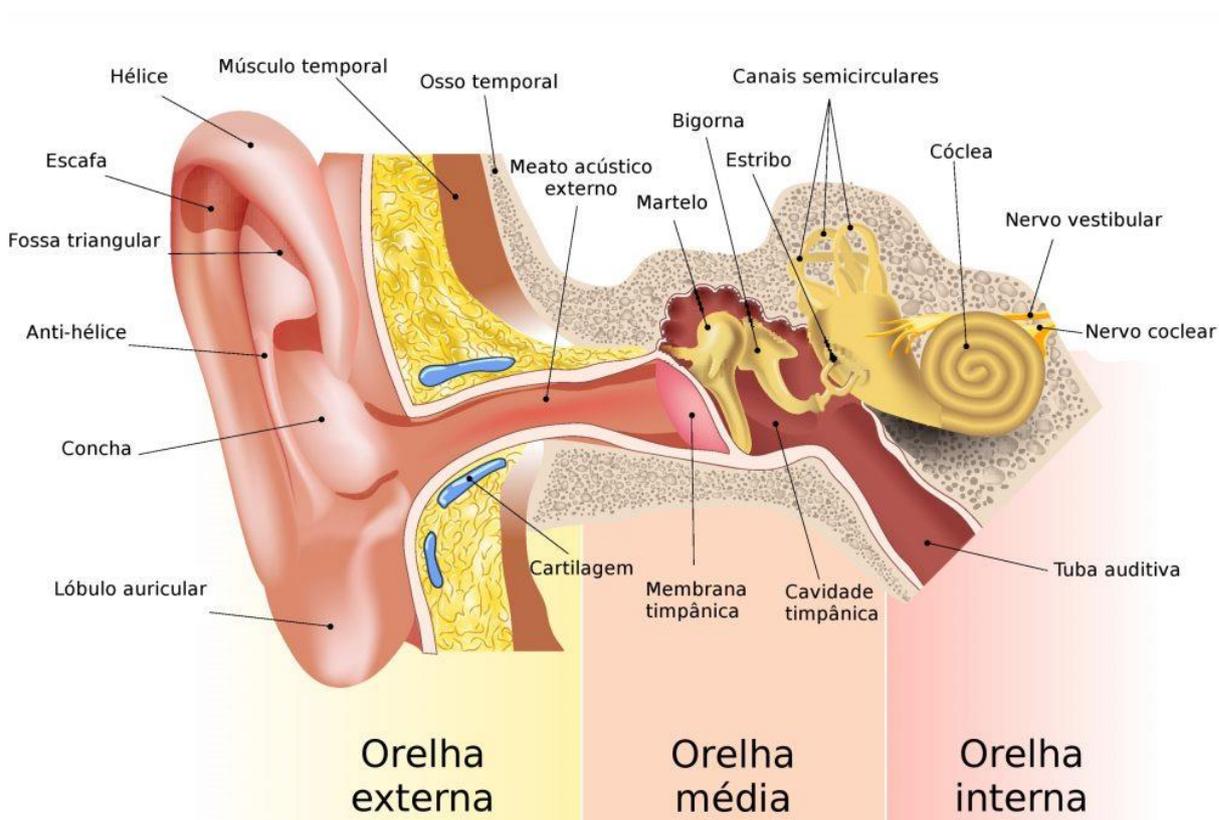
O tratamento pode ser feito com cirurgias e medicamentos. A prevenção, nas gestantes, faz-se necessária no pré-natal, para evitar as doenças que causam a surdez no feto, como as que foram citadas anteriormente. Outro fator importante é o teste da orelhinha que é feito na criança, após o nascimento, para detectar problemas nos primeiros dias de vida. É importante observar o atraso no desenvolvimento da fala dos infantes; quando se perceber qualquer sintoma fora do normal, deve-se procurar um médico especialista, o otorrinolaringologista.

Estas informações são extremamente importantes para o TILS, pois permitem que ele classifique o tipo e o nível de surdez apresentado pelo aluno com o qual ele trabalhará. A depender do grau de surdez, o Intérprete pode avaliar a melhor forma de mediar a interação entre o aluno e o professor regente.

#### 4.1 DETALHAMENTO DA ESTRUTURA INTERNA DO OUVIDO

O fenômeno da audição é resultado de uma série complexa de eventos, que ocorre ao nível da audição periférica (orelhas externas, média e interna) e a nível central (vias centrais de audição nas áreas auditivas subcortical e cortical) (REZENDE, 2012, p.48).

## Anatomia da Orelha



**Figura 1:** Esquema demonstrando a orelha externa, média e interna.  
Fonte: Ilustração de SVETLANA VERBINSKAYA / Shutterstock.com

A orelha externa possui a função de coletar e encaminhar as ondas sonoras até a orelha média, amplificar o som, auxiliar na localização da fonte sonora e principalmente, proteger a orelha média e interna das agressões externas (FIGURA1).

A cera produzida por glândulas ceruminosas da pele do meato forma uma película sobre esta, impermeabilizando-a e protegendo-a da ação de

microrganismos. A pele do meato forma a face externa da membrana timpânica, e quando o som atinge esta estrutura, tem fim a fase de captação do som.

A orelha média é composta pelo tímpano e por três ossos muito pequenos: o martelo (em contato direto com a membrana timpânica), a bigorna e o estribo (em contato com a cóclea). Sob impacto de ondas sonoras sucessivas, encaminhadas via orelha externa, a membrana timpânica vibra no seu todo, deslocando-se para dentro e para fora da orelha média, transmitindo o movimento para os três minúsculos e ossos da orelha média.

A tuba tem a função de igualar as pressões que atuam do lado externo e interno da membrana timpânica, deixando-a livre para vibrar. É um canal que comunica a orelha média com a rinofaringe. A orelha interna é composta pela cóclea, um órgão da audição em formato de caracol, e pelo labirinto, relacionado ao equilíbrio do nosso corpo. Na cóclea, existem milhares de células que são colocadas em movimento toda vez que o líquido da orelha interna é movimentado; a estimulação dessas células, por sua vez, converte a energia enviada pela orelha média em estímulos elétricos capazes de exercitar o nervo auditivo. Impulsos elétricos partem do nervo auditivo até o córtex (no cérebro), onde o indivíduo terá a percepção e interpretação do som.

#### 4.2 A EVOLUÇÃO DO RECONHECIMENTO DOS SURDOS COMO CIDADÃOS

Os surdos, desde sempre, são vistos como incapazes. Neste breve relato, pode-se observar que, ao longo da história, os surdos, durante séculos lutaram, e ainda lutam, até hoje, para conseguirem ter seus direitos atendidos, como por exemplo à educação e ao reconhecimento de sua identidade surda e de sua cultura. São diversas as barreiras rumo a um lugar na sociedade e para conseguir ter seus direitos atendidos, porque eles existem e fazem parte desta sociedade preconceituosa. Na antiguidade, os surdos sofreram muitos tipos de preconceitos, sendo até mesmo sacrificados de maneira cruel, penosa e rotulados como incompetentes. Não poderiam se casar, trabalhar, ter propriedades, receber herança, pois a igreja afirmava que os surdos não tinham alma. Quando nasciam os bebês com essa deficiência e descobriam, eram jogados do penhasco, por serem taxados como aberrações, esquisitos, diferentes, não podiam ocupar um espaço na

sociedade. Somente no final da Idade Média, começou a ser mudado este preceito, pois alguns médicos, estudiosos e intelectuais daquela época, alguns defendiam o oralismo; outros, gestos; e outros, ao ensino da escrita. Ainda hoje, os surdos vivem, na pele, o preconceito e a sensação de dependência de um ouvinte, vivem em uma sociedade excludente.

Podemos definir uma pessoa surda como aquela que vivencia um déficit de audição que impede de adquirir, de maneira natural, a língua oral auditiva usada pela comunidade majoritária e que constrói sua identidade calcada principalmente nesta diferença, utilizando-se de estratégias cognitivas e de manifestações comportamentais e culturais diferentes da maioria das pessoas que ouvem (SÁ, 2006).

Com o interesse dos médicos, em trabalhar com o método oralismo puro, para que pudessem, de alguma forma, amenizar a desigualdade entre os surdos e ouvintes, entre os séculos XVIII e XIX, as abordagens gestualistas defendiam as práticas oralistas que opunham-se aos gestos, pois achavam um sistema precário de comunicação, era considerado como um esforço que, em muito, atrapalhava o aprendizado da fala, assim, a fim de discutirem todas essas premissas, se deu o Congresso de Milão, em 1880.

#### 4.3 O CONGRESSO DE MILÃO

Em Milão, Itália, aconteceu o Congresso, em 1880, período em que reinava as práticas oralistas, onde era extremamente proibida a Língua de Sinais. E, por isso, mediante este evento, o oralismo foi eleito por parte de 164 membros que participavam. Em sua maioria, era composto por pessoas ouvintes, foi abordado o oralismo como melhor estratégia para a educação de surdos. No Congresso, diretores renomados de escolas da Europa propuseram proibir o uso da Língua de Sinais e priorizar um trabalho educacional com a língua oral, representou, segundo Skiliar (1997, p.75), não o começo da ideologia oralista, mas a sua legitimação oficial.

Sobre um ponto de vista religioso, o surdo não oralizado não partilharia a Língua de Sinais, a qual não fundamenta a doutrina cristã, porque se não soubessem ou não tivessem o domínio da língua vernácula, não seria possível o surdo confessar-se ou ter acesso à palavra de Deus. Hoje em dia, as igrejas já contam com os Intérpretes de Libras capacitados para atender aos surdos e famílias

de surdos visitantes, num contexto inclusivo, podendo, sim, o surdo ter acesso ao que é professado.

Com uma forte proposta oralista, o Congresso de Milão fez com que, grande parte das escolas para surdos, se tornassem espaços de reabilitação, de ortopedia da fala e de normalização dos indivíduos ditos anormais.

Os professores surdos foram afastados, durante o século XX, quando o oralismo vigorou como abordagem predominante nas instituições de ensino, em diferentes países do mundo. A proibição das línguas de sinais em ambientes escolares justificava-se, como argumento e diziam que a comunicação manual prejudicava e desestimulava o aprendizado da língua oral. “O oralismo e a supressão do Sinal resultaram numa deterioração dramática das conquistas educacionais das crianças surdas e no grau de Instrução do surdo em geral. Muito dos surdos hoje em dia são iletrados funcionais [...] (SACKS, 1990 apud QUADROS, 1997, p.22).”

As linguagens viso-espaciais tornavam os surdos preguiçosos na concepção deles. Em relação à fala, em algumas instituições, os alunos eram castigados, quando flagrados sinalizando. Em algumas ocasiões, as mãos chegavam a ser amarradas para se evitar a propagação dos gestos.

Na época do Congresso de Milão, imperava a hegemonia ouvintista, as resoluções deste estenderam-se por diferentes países, proibindo muitos surdos de ter contato com a sua primeira língua (L1), as Línguas de Sinais, a convivência e as interações nas comunidades surdas em que vigoram as práticas culturais comuns entre os surdos. Alguns surdos se comunicavam com as mãos, mesmo que fosse de forma escondida, longe dos olhos e do politicamente ouvintista, nas ruas, dormitórios das escolas, às escondidas, em encontro de amigos a comunicação manual sobrepunha aos esforços da fala forçada e mecânica. Eles driblavam e resistiam, mesmo que escondidos, às práticas e imposições ouvintistas. Nos encontros, nas Associações de surdos, nas lutas e nos movimentos sociais, as línguas de sinais mantinham-se vivas, mesmo que às escondidas, resistindo a tudo para manter as práticas culturais próprias dos surdos, que perpetuavam-se entre gerações. Desse modo, as comunidades surdas se fortaleceram, pouco a pouco, (re) criando espaços próprios e comuns, onde eram permitidas articulações e promoções de lutas por direitos e reconhecimento de sua causa.

Com o Congresso de Milão, ocorreram consequências terríveis para as comunidades surdas, do mundo e do Brasil. Ficou constatado que os surdos não tinham problemas fisiológicos, em relação ao aparelho fonador e emissão de voz, baseada nesta premissa, a comunidade científica, da época, impôs que a Língua de Sinais, ou linguagem gestual, fosse banida, definitivamente, das práticas educacionais e sociais da vida dos sujeitos surdos. Adotou-se o método de oralização e constatou-se que, no final do século XIX e no início do século XX, houve uma preocupação com a educação dos sujeitos com deficiência.

Sobre o Congresso de Milão, foram tomadas oito resoluções que resultaram em:

- a) O uso da língua falada, no ensino e educação dos surdos, deve preferir-se a língua gestual.
- b) O uso da língua gestual em simultâneo com a língua oral, no ensino de surdos, afeta a fala, a leitura labial e a clareza dos conceitos pelo que a língua articulada pura deve ser preferida;
- c) Os governos devem tomar medidas para que todos os surdos recebam educação;
- d) O método mais apropriado para os surdos se apropriarem da fala é o método intuitivo (primeiro a fala e depois a escrita); a gramática deve ser ensinada através de exemplos práticos com a maior clareza possível; devem ser facultados aos surdos, livros com palavras e formas de linguagem conhecidas pelo surdo;
- e) Os educadores surdos do método oralista, devem aplicar-se na elaboração de obras específicas desta matéria;
- f) Os surdos, depois de terminado o ensino oralista, não esqueceram o conhecimento adquirido, devendo por isso, usar a língua oral na conversação com pessoas falantes, já que a fala se desenvolve com a prática;
- g) A idade mais favorável para admitir uma criança surda na escola é entre os 8-10 anos, sendo que a criança deve permanecer na escola um mínimo de 7-8 anos; nenhum educador de surdos deve ter mais de 10 alunos;
- h) Com o objetivo de se implementar, com urgência, o método oralista, deviam ser unidas as crianças surdas recém admitidas nas escolas, onde deveriam ser instruídas, através da fala; mas as mesmas crianças deveriam estar separadas das crianças mais avançadas, que já haviam recebido educação gestual, a fim de que não fossem contaminadas; os alunos antigos também deveriam ser ensinados segundo este novo sistema oral (DUARTE, 2013, p. 1723-1724 apud Carvalho, 2007, p.66-68).

Tais resoluções, demonstram que o Congresso de Milão foi essencial para que a comunidade de surdos fosse obrigada a aprender somente a língua oral, deixando de lado a língua gestual. Estes fatores prejudicaram a educação dos surdos por quase um século, período em que a maioria deles gestualizavam de forma clandestina.

#### 4.4 POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS AO USO DA LIBRAS E À EDUCAÇÃO DE SURDOS

O que se tem visto, ultimamente, sobre as políticas públicas em relação a Libras ocorre como em qualquer outra, ou seja, caminha a passos lentos. A legislação que envolve a inclusão de sujeitos surdos, tem proporcionado sua inserção no ensino regular, porém não estão incluindo no estrito sentido da palavra. Dito de outra forma, as escolas estão recebendo os alunos surdos, mas não estão preparadas para atender as demandas de uma educação bilíngue (MACHADO, 2010). Esse processo envolve promover o aprendizado, a fim de fazer com que essas pessoas se tornem cidadãos ativos e atuantes na sociedade.

A Legislação Nacional vigente impõe sobre a obrigatoriedade, quanto à igualdade, mas, na prática, vemos que isso não acontece, tanto para alunos ouvintes, quanto para alunos surdos. As premissas defendidas pela legislação não são, de fato, atendidas, cujas leis são descumpridas, constantemente, e as pessoas não se dão conta e nem ficam totalmente esclarecidas sobre seus direitos. Em 23 de setembro de 1857, do Instituto Imperial dos Meninos Surdos, pelo Imperador Pedro II, foi promulgado o Decreto de nº 939. Essa norma legal foi considerada a primeira manifestação, em relação a políticas públicas para a educação de surdos brasileiros.

Com a vinda do professor Ernest Huet, surgiram os primeiros indícios da Língua de Sinais Brasileira sendo, ele, o primeiro Instrutor de Libras (ROCHA, apud SOUZA, 2007). Um dos ex-alunos do Instituto, Flausino José da Gama, fez os primeiros registros dos sinais no Brasil, em 1875, com o nome de Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos.

No período reconhecido como oralismo, movimento materializado por profissionais, pais e as pessoas com deficiência, apontam as primeiras mudanças nas políticas públicas em favor do reconhecimento da Língua de Sinais. O Brasil participou da Assembleia da ONU, em 1987, a qual declarou que os surdos [...] devem ser reconhecidos como uma minoria linguística, com o direito específico de ter sua língua de sinais nativa aceita como língua oficial, como meio de comunicação e instrução, tendo serviços de Intérpretes para suas línguas de sinais.

Um dos fatores importantes, percebido pelos autores Skiliar (2005) e Strobel (2008), é a forma de diferenciar os sujeitos. A surdez, entendida pela deficiência,

imobiliza e cala a voz, nega identidades, as características culturais como o uso, importância e completude que caracteriza a Língua Brasileira de Sinais.

O Decreto nº 5626/2005 regulamenta a lei nº10. 436 de 19 de dezembro de 2002, sobre a formação de profissionais tradutores intérpretes, mas não teve a repercussão que a comunidade surda esperava. O Decreto teve grande importância para a educação de surdos, mas como já previsto na lei 10.436/02 a Libras deveria ter status de língua oficial no Brasil, aparece no referido documento como disciplina obrigatória nos cursos de fonoaudiologia, formação de professores e de educação especial, nos demais cursos pode ser inserida como forma optativa.

Dois anos após a promulgação da Lei nº 10.098/2000, a Língua Brasileira de Sinais é oficializada como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda.

De acordo com o Ministério da Educação,

[...] as garantias individuais do surdo e o pleno exercício Da cidadania alcançaram respaldo institucional decisivo com a Lei federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002, em que é reconhecido o estatuto da Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS como língua oficial da comunidade Surda, com implicações para a divulgação e ensino, para o acesso bilíngue a informação em ambientes institucionais e para a capacitação dos profissionais que trabalham com os surdos (BRASIL, 2002, v.2, p.62).

O foco das políticas públicas, voltadas para a educação, deve ser o desenvolvimento humano, a igualdade de oportunidades para todos, enfatizando o processo de aprendizagem e a cultura e ao conhecimento que deveriam estar inseridos na política de educação inclusiva e social.

A escola é um lugar de aprendizagem e de diferentes trocas de conhecimentos, o TILS educacional deve atender a todos os alunos surdos, os alfabetizados em Libras e os alunos que não foram alfabetizados nela, sem distinção, por isso, é de extrema importância que todo colegiado e toda comunidade escolar possam ter acesso a Libras e conhecer, nem que seja o básico da Língua de Sinais. Segundo Quadros (1997, p. 35),

[...] a implementação de uma proposta bilíngue-bicultural no Brasil exige das escolas a abertura de espaços para profissionais que possam servir de modelo linguístico e cultural para os alunos surdos e que atendam aos pressupostos da educação bilíngue.

Cabe, aos sistemas de ensino, organizar a educação especial para que possa haver uma educação inclusiva de verdade. As políticas públicas podem investir na

defesa de uma sociedade inclusiva, mas na prática isto está muito longe de acontecer.

Para que haja uma difusão da Libras, com o foco na educação de surdos, e que os mesmos possam ter seus direitos garantidos por Lei, é preciso investimento por parte dos governantes, para que, através da educação, os surdos possam conquistar, de verdade, o seu espaço na sociedade, o que lhe é de direito.

O ambiente escolar é um espaço de construção de personalidades humanas e autônomas, críticas, onde crianças e jovens aprendem a ser cidadãos. As políticas nacionais de inclusão escolar têm como base as Lei de Diretrizes de Bases da educação no Brasil \ u2013 LDB, Lei 9394 (BRASIL,1996), \ u2013 que definem Educação Especial como modalidade escolar para alunos com necessidades educacionais especiais, preferencialmente, no ensino regular. Também é importante destacar a Resolução CNE/CEB 2/ 2001, que instituiu as Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica, e o parecer CNE/CEB 17/2001, que contém definições e abordagens que sustentam o conceito de educação inclusiva no Brasil.

Foi observado que, na grande maioria, o TILS educacional quase sempre se depara com alunos surdos não alfabetizados em Libras, que desconhecem muitos sinais da Libras, principalmente, no que se refere às disciplinas curriculares, pois a maioria nunca teve acesso ou contato com sua Língua Materna (a Libras) ou se encontra em processo de aquisição da mesma.

O profissional TILS educacional e os professores regentes, partindo dos conceitos formulados por Nascimento (2014), quanto a relevância em diferenciar o sistema de ensino para os alunos surdos, veem a necessidade de propor atividades que estimulem a capacidade de interação social ou atividades práticas de entretenimento.

Segundo Vygotsky (2010),

[...] a criança construiu propostas teóricas inovadoras sobre temas, como pensamento e linguagem, natureza do processo de desenvolvimento da criança e o papel da educação no desenvolvimento, para ele, a aprendizagem sempre inclui relações entre pessoas, e a relação do indivíduo com o mundo é sempre mediada pelo outro (VYGOTSKY, 2010, p.130,131).

Assim, a convivência com o outro é fundamental, pois é na interação e nesse contexto social, que ocorre a apropriação da cultura, por isso é fundamental que os

surdos possam estar em contato e, principalmente, interagindo com seus pares para que ocorra o processo de aprendizagem.

Assim, encontramos uma aproximação entre as ideias de Quadros e Vygotsky, no sentido de perceber que devemos estar atentos à cultura a qual a criança está inserida, pois a comunidade surda apresenta a sua própria e deve ser respeitada.

Se a Língua de Sinais é natural, adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com pessoas que usam essa língua, e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na Língua de Sinais. A proposta bilíngue busca captar esse direito (QUADROS, 2008, p.27).

## 5 METODOLOGIA

Esta pesquisa é um estudo de caso que, de acordo com Gil (2006), [...] “refere-se a um indivíduo num contexto definido” (GIL, 2006, p. 138). Porém, segundo o mesmo autor, este conceito torna-se amplo quando o alvo de estudo deixa de ser voltado para um só indivíduo e passa a ser centrado em grupos sociais ou em um pequeno grupo.

Ainda segundo Gil (2006), o estudo de caso coletivo:

É aquele cujo propósito é o de estudar características de uma população. Eles são selecionados porque se acredita que, por meio deles, torna-se possível aprimorar o conhecimento acerca do universo a que pertencem (GIL, 2006, p. 139).

O presente trabalho é classificado como estudo de caso coletivo, pois a investigação se concentrou em um grupo de profissionais de uma mesma área, dos quais se extraíram informações que levaram a uma posterior reflexão de sua formação e forma de atuação.

Trata-se, também, de pesquisa de natureza qualitativa e de cunho descritivo, pois buscou compreender como os TILS concebem a prática da educação de surdos não alfabetizados, relatando seus limites e possibilidades sobre essa questão.

### 5.1 LOCAL DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada na EMEF Suzete Cuendet, da rede Municipal, localizada em Maruípe na cidade de Vitória-ES, onde existem alunos surdos em todas as séries do Ensino Fundamental. Tal escola apresenta sala de recursos, também chamada de sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE), e sala de Libras (local onde são ministradas as aulas de Libras). Este fator contribui, grandemente, para as aplicações de questionários, visto que há uma concentração de profissionais TILS facilitando, assim, a coleta dos dados.

## 5.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos desta pesquisa foram os 8 (oito) profissionais Tradutores-Intérpretes de Libras, que atuam no âmbito educacional e 5 (cinco) professores regentes que atuam no contexto escolar do aluno surdo.

## 5.3 COLETAS DE DADOS

As informações foram coletadas por meio de questionários abertos que foram aplicados a 8 (oito) TILS (APÊNDICE A) e 5 (cinco) professores regentes (APÊNDICE B), respectivamente, com o intuito de realizar um levantamento acerca da formação dos TILS que atuam, juntamente, com os alunos surdos e conhecem as opiniões desses sujeitos sobre o papel do Tradutor- Intérprete de Libras dentro do convívio educacional e social e o papel da escola em relação à inclusão do aluno surdo, não alfabetizado.

Segundo Marconi e Lakatos (2002, p. 98), “Questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

Juntamente com o questionário, foi enviado um informativo, esclarecendo sobre o que se tratava a pesquisa e a importância da participação na mesma.

## 5.4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste estudo, a análise de dados é do tipo qualitativa. As respostas dos questionários foram analisadas visando o levantamento das informações pertinentes à pesquisa, para que, posteriormente, fosse realizada a confecção de uma apostila com estratégias de traduções para que os profissionais TILS possam fazer uso da mesma, junto aos alunos surdos não alfabetizados em Libras.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os oito TILS participantes da pesquisa possuem formações em Pedagogia, Letras Libras e Letras Português. A maior parte deles possui Pós-Graduação em Educação Inclusiva ou Especial e cursos específicos na área de Tradução e Intérprete em Línguas de Sinais. Atuam na área da educação em períodos que variam de 1 a 10 anos como TILS educacionais.

No cotidiano educacional, constatamos que existem alunos surdos não alfabetizados em Libras, na rede regular de ensino, e que não se tem uma orientação concreta de como se deve trabalhar com esse público. Nesse contexto, estão inseridos os profissionais TILS, cuja função é fazer essa mediação melhorando a comunicação entre o professor regente, de forma que o aluno surdo possa compreender e aprender os conteúdos ministrados.

Para dar conta do objetivo proposto neste estudo, buscou-se compreender quais são os limites, possibilidades e dificuldades enfrentadas pelos TILS em um ambiente escolar onde se encontram alunos surdos não alfabetizados em Libras.

Mediante as opiniões dos entrevistados, pode-se observar que quando os profissionais TILS se deparam com alunos não alfabetizados em Libras, os mesmos, se veem frustrados, desapontados e mesmo indignados por verem que o educando não foi alfabetizado em sua própria língua.

Vemos isso enfatizado nas falas dos TILS 4 e 8:

Eu fico frustrado, porque como pode a essa altura, ainda nos depararmos com alunos surdos sem saber a sua própria língua, é um absurdo em minha opinião (Excerto questionário TILS 4).

Eu fico triste, porque, ainda vemos alunos que não sabem Libras, isso desanima a gente como profissional (Excerto questionário TILS 8).

Esses profissionais revelam, em suas falas, o desânimo diante da ausência de alfabetização em Libras. Tal constatação gera uma sensação de impotência. Esse fenômeno tem uma explicação: muitos são filhos de pais ouvintistas e, não sendo alfabetizados em Libras, acabam fazendo uso de gestos corriqueiros para se comunicarem com a família. Essa situação contrasta com os estudos de Quadros (2008) quando aborda acerca da importância do convívio e interação social para o desenvolvimento da linguagem. Se a criança não convive com pessoas que sinalizam, dificilmente, irão aprender a se comunicar por meio da Libras, e este fato

pode promover uma dificuldade na interação entre ele, o Intérprete e o professor regente.

Neste contexto, os pais têm um papel muito importante no aprendizado de seus filhos, como aponta Quadros (2005):

Quando a criança surda tiver a chance de, no início do seu desenvolvimento, contar com pais dispostos a aprender a língua de sinais, com adultos surdos, com colegas surdos, quando ela narrar em sinais e tiver escuta em sinais, a dimensão do seu processo educacional será outra (QUADROS, 2005).

Percebe-se, então, a importância da participação dos pais no processo escolar dos filhos (alunos), pois sem a sua colaboração, o aprendizado da Libras pode ficar a desejar e ocorrem prejuízos na apreensão de conteúdos para formação desses sujeitos. Contudo, a escola pode intervir, promovendo o encaminhamento desses alunos surdos não alfabetizados em Libras às instituições especializadas, a fim de buscar apoio para sanar este déficit, já que sem a Libras a sua relação escolar fica comprometida.

É possível constatar, pela manifestação do TILS 3, que o profissional pode fazer a diferença no sentido de buscar soluções para minimizar as dificuldades decorrentes da não alfabetização em Libras, informando à equipe pedagógica sobre essa necessidade e alertar para o risco da insuficiente aprendizagem que o aluno terá, sem habilidade para interpretar e compreender os conteúdos propostos.

Mediante essa situação, com um aluno que não tem conhecimento linguístico na Libras, sinalizo ao setor pedagógico e a equipe docente a situação e que não haverá interpretação simultânea, pois, o discente não irá conseguir acompanhar as terminologias utilizadas em sala de aula. Após dialogar com o setor pedagógico, faço uma análise exploratória com o aluno da sua percepção de mundo (anamnese), assim irá corroborar com as estratégias e escolhas que irei realizar no ato da interpretação. Dessa forma, faço a opção de utilizar recursos imagéticos de forma que o aluno irá reconhecer a imagem e o sinal (palavra) que será apresentado. Explorando sempre o conhecimento prévio do educando (Excerto questionário TILS 3).

O TILS 3 explica que busca estratégias para auxiliar a interação com o aluno. Dentre essas, podemos lançar mão dos classificadores que são uma forma de recurso imagético. Eles “são elementos estruturais da Libras que não existem nas línguas orais. São formas de concordância em uma língua, ou ainda, formas representadas por configurações de mãos” (KIKUICHI ET AL, 2011, p. 129)

Tudo isso é realizado, levando-se em conta o conhecimento prévio do aluno, pois busca-se reconhecer, em sua trajetória de vida, captar os conhecimentos que

possui, os saberes que já assimilou, para que o recurso seja realizado de maneira focada. Nessa perspectiva, Ausubel (1980) corrobora, ao defender que

Se quiséssemos reduzir a psicologia educacional em um único princípio este seria: O fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. Descubra o que sabe e baseie nisso seus ensinamentos (AUSUBEL et al, 1980, p.137).

No entanto, esse é um exemplo de profissional pouco recorrente na realidade concreta das escolas, pois a maioria não apresenta a mesma vontade e não consegue agir da mesma forma, deixando-se vencer pelas precárias condições de comunicação que encontram nos alunos.

Os Intérpretes sentem muita dificuldade quanto à comunicação formal com os alunos surdos não alfabetizados em Libras, dentre os oito profissionais abordados, sete deles confirmaram essa dificuldade.

O TILS 3 demonstra uma consciência mais ampliada a respeito das consequências que essa barreira da comunicação pode trazer, ao revelar que esses alunos terão “[...] dificuldade de compreensão e interpretação de mundo e sentido, dificuldade de aprendizagem, entre outros” (Excerto questionário TILS 3), quando não interpretam a Libras, no processo ensino-aprendizagem.

Verifica-se, portanto, que os problemas de comunicação podem acarretar adversidades na formação dos alunos, quando sua interação com o meio social está prejudicada pela não alfabetização. Nesse sentido, Vygotsky (1983) assinala que o desenvolvimento humano se dá no âmbito social, por meio da interação social. Então, se o indivíduo não se comunica adequadamente, seu desenvolvimento fica prejudicado.

Apesar das dificuldades mencionadas, anteriormente, os TILS participantes da pesquisa utilizam outros meios para se comunicarem com os alunos surdos não alfabetizados. E, para isso, precisam contar com as mais diversas formas de comunicação não verbal e, em sua maioria, relatam que utilizam objetos visualmente compreensíveis.

Para me comunicar vale tudo: imagens em celular, teatro, mímica, desenhos, tudo que contribua para um entendimento visual (Excerto questionário TILS 2).

Faço um pouco de tudo, tento usar estratégias com este aluno, mas tudo voltado para o visual (Excerto questionário TILS 5).

Eu tento algum recurso visual, mostrar a imagem e perguntar o sinal, assim posso avaliar seu nível de conhecimento (Excerto questionário TILS 6).

Visando superar esta dificuldade, citaram que “seria de muita ajuda a criação de um material, uma apostila”, como estratégia de recurso de tradução, para que fosse possível promover uma melhor comunicação e entendimento dos conteúdos ensinados em sala. Além disso, dois dos TILS mencionaram a produção de um material audiovisual, “[...] creio que este recurso seria interessante [...]”, porém existe uma dificuldade, por parte das escolas, para a aquisição de equipamentos específicos e necessários, e isso consiste em uma barreira para que os professores e alunos possam usufruir desse tipo de recurso.

Quando questionados sobre o papel do TILS educacional para o desenvolvimento no processo de aprendizagem do aluno surdo, 50% deles disse que têm como função, somente, a interpretação. Contudo, ultrapassam os limites dessa função, como pode ser visto na fala do TILS 1 e 3. Esses profissionais podem fazer muita diferença na vida escolar do aluno surdo, sem ter que, necessariamente, ensinar o conteúdo ministrado em aula.

O TILS transmite em libras as informações passadas pelo professor regente; transmite em português as informações passadas pelos alunos surdos; contribui no desenvolvimento do aluno; estimula a comunicação entre os alunos surdos e os alunos ouvintes; etc (Excerto questionário TILS 1).

Fundamental! Pois, ele é o mediador linguístico entre surdos e ouvintes e outros pares e não pares linguísticos no processo de comunicação e/ou enunciação de um discurso. O Tradutor Interprete de Libras / Língua Portuguesa – Educacional TILSP(E), corrobora diretamente no ensino e aprendizagem do aluno, pois, proporcionando a autonomia do aluno e empoderamento linguístico do mesmo, já que, esse profissional é a ponte entre duas línguas (Excerto questionário TILS 3).

Nessa proposição, Bakhtin (2006) contribui, ao ressaltar que o papel do intérprete não é somente passar uma informação em Libras para o aluno, mas, sim, oportunizar a produção do sentido, acerca dos conhecimentos contemplados em sala de aula, para que o aluno possa ter uma melhor compreensão do contexto abordado.

Lacerda (2009) também corrobora com essa discussão, ao ressaltar a importância do trabalho em conjunto entre os TILS e os professores regentes, pois, como diz:

A sala de aula tradicionalmente se constitui como um lugar no qual o professor ensina e a criança aprende. Com a entrada do TILS no espaço educacional, acrescenta-se um terceiro elemento que estará lá não só para interpretar da LIBRAS para o português e do português para a LIBRAS, mas também para mediar os processos discursivos entre professor e aluno, almejando a aprendizagem do aluno (LACERDA, 2009, p. 39).

Nesse sentido, destaca-se a importância dessa interação para o processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo. Porém, mediante a análise das opiniões dos TILS, pode-se constatar que percebem certo desinteresse por parte dos regentes em saber Libras. Então, se ao menos se interessam em saber o básico da língua dos alunos surdos, como poderiam se interessar pela interação com os mesmos?

Os professores regentes não são obrigados a saber Libras, não é seu papel se comunicar com seus alunos surdos pela Língua de Sinais, mas o conhecimento de Libras é importante, porque, quando os surdos aprendem Português, usam estruturas da língua de sinais na língua escrita. Portanto, seria de grande valia que os professores aprendessem Libras para que, ao ensinar Português, ele consiga compreender como funciona a lógica de comunicação do surdo. Nos ambientes regulares de ensino, com frequência, existem surdos; contudo, os professores não recebem treinamentos que os capacitem para ministrar aulas para essa clientela. Dessa forma, “[...] os alunos com deficiência auditiva acabam ficando frustrados por não compreenderem o que está sendo repassado”, argumentam Silva et al. (2015, p. 9).

Sendo assim, é importante ressaltar que

O professor deve ser capaz de conceber-se como agente de mudanças do contexto social, já que seu papel extrapola o mero repasse de conhecimentos, sendo, sobretudo, o de formar cidadãos [...] sua atuação está comprometida com as condições da escola e com a qualidade de sua formação acadêmica. É ele, o professor, a autoridade responsável pelo processo de ensino-aprendizagem se seus alunos (MEC, 1993, *apud* PIRES, 2005, p 15).

Considerando a perspectiva da educação inclusiva, o professor deveria estar devidamente preparado para atuar na diversidade, para que pudesse compreender as diferenças inerentes à humanidade e, assim, valorizar as potencialidades individuais de cada aluno. Nesse sentido, Silva e Rodrigues (2011, p.62.) pontuam que

[...] existe uma distinção profunda entre simplesmente aceitar e respeitar, e o processo de compreensão da diferença, que demanda das pessoas disposição e compromisso para trabalhar com o ser humano no sentido de

contribuir com o desenvolvimento de um sujeito social, histórico e politicamente consciente. Não se trata de apenas acolher a diversidade, mas de compreender sua produção e complexidades na realidade de cada sujeito.

Os professores regentes, participantes da pesquisa, reconhecem que não sabem Libras e se sentem perdidos quando se deparam com um aluno surdo em sala. Consideram que, para que esta questão pudesse ser amenizada, deveriam aprender Libras ou, pelo menos o básico dessa língua, a fim de obter uma melhor interação com esses educandos.

A escola poderia tentar solucionar esta questão das barreiras de comunicação entre o professor regente e o aluno surdo, promovendo uma parceria com estado e município, no sentido de articular formações específicas para a aprendizagem da Libras, entre os docentes. Desta forma, teriam a oportunidade de aprender o básico, o Intermediário e o curso Avançado da Libras, o que tornaria a comunicação com os alunos surdos mais eficiente.

Para Mantoan,

A formação continuada de professores, visando a inclusão de todos os alunos e o acesso deles ao Ensino superior, precisava levar em conta princípios de base que os instrumentalizem para a organização do ensino e a gestão da classe, bem como princípios éticos, políticos e filosóficos que permitam que esses profissionais compreendam o papel deles e da escola frente ao desafio de formar uma nova geração capaz de responder as demandas do nosso século, no que consiste a educação (MANTOAN, 2011, p.141).

Com essa formação, certamente, os professores melhorariam sua interação com os alunos surdos alfabetizados, ou não, em Libras.

Além das questões abordadas, surgiu outra de extrema importância para o desenvolvimento das atividades dos TILS e professores regentes no processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo, que foi expressada pela TILS 8, a respeito de uma fase fundamental no processo, o planejamento coletivo:

O mais complicado para mim é a questão do PL, nós não temos direito de sentar e de ver o conteúdo com antecedência (Excerto questionário TILS 8).

Esta questão é muito preocupante, pois segundo Libâneo (2013)

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos de sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação (LIBÂNEO, 2013, p.245).

Havendo a possibilidade de dispor um espaço/tempo na carga horária do TILS, provavelmente a articulação entre esses dois personagens seria muito mais eficiente e profícua, já que seria o momento adequado para a troca de experiências e para sanar as possíveis dificuldades, apresentadas por ambas as partes. Essa falta de articulação compromete o trabalho dos dois profissionais e prejudica o desenvolvimento educativo do aluno surdo.

Não cabe ao TILS educacional o papel de ensinar a Libras, em escolas de ensino regular. Porém, muitos profissionais da educação não têm esse entendimento e atribuem, a eles, a função de ministrar aulas de Libras aos alunos surdos que não sabem gestualizar. Esta função é do professor Surdo, que é o professor de Libras. Para dar esse tipo de apoio, a escola também pode lançar mão do Centro de Atendimento ao Surdo (CAS), do Espírito Santo. Apesar de saber Libras, os intérpretes não têm a formação necessária para ensiná-la, assim como observado na fala do TILS 3:

Acredito que é um desafio. Pois, para ensinar uma língua requer uma formação específica e recursos didático que não competem a prática de interpretação. Todavia, como tenho formação na área de ensino, vejo facilidades para fazer essa proposta, pensando no aluno e no contexto que estou inserido (Excerto questionário TILS 3).

Por ser um personagem, relativamente novo, no campo da educação brasileira, o papel do TILS I precisa ser melhor definido e ficar mais claro para a comunidade escolar, além de requerer legislações próprias para que o mesmo tenha garantida, como direito, sua posição quanto às funções no ambiente escolar. Sobre essa temática, Lacerda (2006) considera a necessidade de

[...] definir melhor a função do intérprete educacional; figura desconhecida, nova que, com um delineamento mais adequado (direitos e deveres do intérprete, limites da interpretação, divisão do papel de intérprete e de professor, relação do intérprete com alunos surdo e ouvintes em sala de aula, entre outros), poderia favorecer um melhor aproveitamento deste profissional no espaço escolar (LACERDA, 2006, p.7).

Na escola campo desta pesquisa, essa situação acontece e isso se pode constatar no posicionamento de alguns dos professores regentes:

O papel dele eu não sei, o que eu sei é que ele me ajuda na comunicação com os alunos surdos (excerto questionário Regente 2).  
Ele é fundamental para ajudar o aluno surdo, mas confesso eu não sei bem suas atribuições (excerto questionário Regente 4).

O Intérprete me ajuda muito nesta questão de comunicação, porque ele tem noção da Libras isso é importante, confundimos as vezes o seu papel, isso eu reconheço (excerto questionário Regente 5).

Ainda que desconheçam as atribuições do TILS, os docentes reconhecem sua importância para o processo de ensino de alunos surdos. Todavia, percebemos, em nosso cotidiano, que muitos agentes do meio escolar consideram que pelo fato de dominarem a linguagem de sinais, o TILS tem o dever de ensinar Libras para os alunos surdos, mas isso não é sua atribuição. Fato que os enquadrariam em desvio de função, já que estes profissionais têm seu campo de atuação definido. Tais situações revelam a necessidade da implementação de políticas públicas e diretrizes que regulamentem as práticas desses profissionais no contexto escolar.

Com tudo o que foi exposto, verifica-se que os TILS têm sua atuação limitada e passam por grandes desafios no contexto escolar, a saber: suas funções não são bem definidas, os outros sujeitos que atuam na escola desconhecem o seu verdadeiro papel. Além disso, enfrentam o desafio de promover uma comunicação eficaz e a mediação dos conteúdos ensinados pelos professores aos alunos surdos, que desconhecem a Libras.

Consideramos que essa dificuldade poderia ser amenizada com materiais de apoio que ajudariam a promover uma melhor comunicação entre os alunos surdos não alfabetizados em Libras e os demais agentes do campo escolar. Nessa direção, os sujeitos investigados apontaram a necessidade de materiais instrucionais, inteiramente, visuais, de fácil utilização pelos intérpretes, como solução para facilitar a assimilação dos conhecimentos estudados pelos alunos.

Considerando essa prerrogativa, ao final deste trabalho, apresentamos o Produto Educacional (APÊNDICE C), que consiste em um Manual Pedagógico que foi desenvolvido para servir de apoio e poderá auxiliar os profissionais durante sua prática de mediação. Avaliar esse material não foi foco deste estudo e não estava previsto no escopo desta investigação. Portanto, não foi realizada sua experimentação, a fim de comprovar sua eficácia. Desse modo, em futuros estudos científicos, esses recursos didáticos poderão ser mais aprofundados e ter seu uso sob análise. Contudo, ele estará disponível para ser utilizado e avaliado pelos Intérpretes atuantes da rede pública de educação, para verificar se o mesmo será, realmente, eficaz no processo de intermediação TILS x surdo ou até mesmo professor regente x surdo.

Com isso, nota-se que os limites identificados pelos TILS, nesta pesquisa, foram as barreiras de comunicação entre os alunos surdos e os demais agentes escolares; as dificuldades encontradas pelos TILS educacionais em relação à inversão de papéis no contexto escolar; a dificuldade de comunicação entre o professor regente e o aluno surdo, por ele não saber Libras; a falta de formação de professores acerca do trabalho, aquisição e do aprendizado da Libras, numa perspectiva inclusiva; e a falta de interesse do professor regente em ter, pelo menos, noções básicas da Língua de Sinais.

As possibilidades encontradas, neste trabalho, são o uso de recursos visuais no processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo; encontrar professores capacitados e uma equipe pedagógica preparada para atender e receber estes alunos surdos; o uso de tecnologias, como recurso visual ao aprendizado do aluno surdo; a inclusão dos alunos surdos, dentro da sala de aula e fora dela; escolas bilíngues para alunos surdos numa perspectiva inclusiva; formação de professores fazendo uso do manual pedagógico; e que o manual possa ser utilizado por TILS educacionais e os profissionais da área de Libras.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o tempo que foi despendido para realizar este estudo, pudemos aprender muito com os teóricos pesquisados. Por meio das leituras ampliamos conhecimentos acerca da Libras, das legislações que permeiam o surdo e o TILS. Com isso, foi possível compreender que, para sanar a problemática da mediação do Intérprete com os alunos surdos não alfabetizados em Libras, há várias questões que precisam ser levadas em consideração e são explanadas a seguir.

Foi possível constatar que existem três agentes importantes no processo de ensino-aprendizagem do sujeito surdo. Os primeiros são os pais do aluno, pois se os mesmos, quando ouvintistas, não procuram promover uma interação da criança surda com outros surdos, ao longo da infância, para que possam aprender a Libras, a criança passa a fase de aquisição do processo linguístico sem aprender a sua primeira língua (Libras). Este momento é crucial, pois se o infante só se comunicar com gestos desconectados da Libras, não terá um desenvolvimento escolar adequado. Neste contexto, as escolas da rede Estadual e Municipal precisam ter, em seu quadro de funcionários, a presença do professor de Libras para que o mesmo possa ensinar a Língua de Sinais, no turno, ou mesmo no contra turno de estudo do discente. Além disso, as instituições de ensino podem encaminhar os alunos para o CAS, de maneira que tenham um melhor aproveitamento do ensino da Libras e possam estar em contato com a língua, durante um tempo maior.

O Segundo agente é o Tradutor Intérprete, este é primordial no processo de mediação entre o aluno surdo e o professor regente. Porém, prevalece um problema, quando esse aluno não passou pela alfabetização em Libras, pois o Intérprete precisa contar com outros meios para que haja, ao menos, uma comunicação básica entre eles. É nesse momento que entram artifícios que podem ajudar nesse processo. Recursos visuais são os mais usados pelos profissionais. E vemos, nisso, a necessidade de adquirir materiais que auxiliem os intérpretes em seu dia a dia.

O terceiro agente é o professor regente, que deve ter a consciência de que precisa aprender, nem que seja o básico da Libras, para interagir melhor com os alunos Surdos. Se tal questão fosse sanada, provavelmente, a interação entre aluno

surdo, TILS e professor regente seria melhor. Os sujeitos investigados consideram importante que adquiram essa habilidade.

Os TILS passam por muitas limitações, quanto à mediação com alunos surdos não alfabetizados em Libras, porém existem possibilidades que podem nortear seu trabalho, a fim de promover uma melhor relação entre os sujeitos que compõem o ambiente escolar. Tais possibilidades podem ser, assim, delineadas: a escola poderia promover sua valorização; definição clara das suas atribuições, para que não sejam confundidas com outras funções que não lhes cabem; a destinação de um tempo de planejamento coletivo, a fim de dialogar com os professores regentes no intuito de colaborarem para o processo de ensino do aluno surdo. Além dessas ações, o desenvolvimento de materiais instrucionais poderá contribuir, significativamente, para esse apoio. Nesse sentido, o Manual Pedagógico, aqui proposto, Produto Educacional resultado deste trabalho, poderá trazer subsídios interessantes.

O Manual Pedagógico trata de uma série de estratégias de tradução para auxílio dos TILS educacionais. Consiste em sinais básicos da Libras, que estão inseridos no contexto escolar de disciplinas, como Matemática e Português. Seu uso poderá transferir e sinalizar os conteúdos curriculares dentro da sala de aula. Esperamos, ainda, que este material possa, também, servir como apoio aos professores regentes, porque nele constam alguns sinais referentes ao ambiente escolar, podendo, o regente, recorrer a ele para facilitar sua comunicação com o aluno surdo.

Estamos cientes de que há um caminho difícil e longo até alcançarmos os requisitos necessários para melhorar a aprendizagem dos alunos surdos não alfabetizados em Libras. Porém, se houver engajamento, por parte de todos os segmentos profissionais que compõem a escola, tais questões poderão ser amenizadas, ou mesmo sanadas, e os TILS poderão aprimorar seu trabalho e melhorar seu desempenho tornando, o processo de ensino de surdos não alfabetizados, efetivado.

## 7 REFERÊNCIAS

ACERDA, C. B. F. O intérprete educacional de língua no ensino fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades. In: LODI, A. C. B. et al. (org.). *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

ARAÚJO, J.R.E. O Intérprete de Língua de Sinais no contexto da Educação Inclusiva: o pronunciado e o executado. *Rev.Bras.Ed.Esp*; Marília, v.18, N.3, p.391-410. Jul-Set, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbee/v18n3/a04.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2017.

AUSUBEL, David P., NOVAK, Joseph D., HANESIAN, Helen. *Psicologia educacional*. Tradução Eva Nick. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BAKTHIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal. Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BIELESKI D. Um estudo Jurídico a cerca da acessibilidade da pessoa Surda e a relação com a profissão do Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais.. Disponível em: [www.congressotils.com.br/anais/TILS2012formacaobieleski.pdf](http://www.congressotils.com.br/anais/TILS2012formacaobieleski.pdf). Acessado em: 31 mai. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. *O tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. 2007.

BRASIL. Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato20042006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 20 de jan. 2010.

BRASIL. Decreto 7.612 de 17 de novembro de 2011. Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Plano Viver sem Limite. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7612.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7612.htm). Acesso em 05 jul. 2017.

BRASIL. *Educação Inclusiva: documento subsidiário à Política de Inclusão*. Brasília: MEC/SEESP, 2005.

BRASIL. *Estatuto da pessoa com deficiência – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2015*. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/513623/001042393.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 abr. 2017.

BRASIL. Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L10098.htm#art18](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm#art18)

BRASIL. Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em: 26 abr. 2017.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC; SEEP; 2008.

BRASIL. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: Deficiência Auditiva, volume 1. Brasília: SEESP, 1997.

BRASIL. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: Educação de Surdos, Volume 2. Brasília: SEESP, 1997.

BRASIL. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: Línguas Brasileira de Sinais, Volume 3. Brasília: SEESP, 1997.

CHARLES-LIBRAS. Disponível em: [blogspot.com/2010/04/tradução.html](http://blogspot.com/2010/04/tradução.html)  
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/321070/mod\\_resource/content/1/Jakobson%20linguística,%20função%20poética.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/321070/mod_resource/content/1/Jakobson%20linguística,%20função%20poética.pdf). Acesso em: 22 abr. 2017.

CHAVEIRO M., BARBOSA N.A. Assistência ao Surdo na área de saúde como fator de Inclusão Social. Rev Esc Enferm USP; 39(4):417-22. 2005.

CHAVES, L. Manual prático para alfabetização de surdos: ensino bilíngue / Lucimara Chaves organizado por Luiz Alberto Forgiarini Junior e Ricardo Pavani – Porto Alegre: Universitária Metodista IPA, 2016.

CORACINI, Maria José. A celebração do outro: arquivo, memória e identidade- línguas (materna e estrangeira) plurilinguismo e tradução- campinas, SP: Mercado de letras, 2007.

DAMÁZIO, M.F.M. Atendimento Educacional Especializado. Pessoa com surdez. Formação continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado. Brasília-DF: SEESP/SEED/MEC, 2007.

DUARTE, Soraya Bianca Reis et al. Aspectos históricos e socioculturais da população surda. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, n.4, out.-dez. 2013, p.1713-1734.

FERNANDES, S. Educação de Surdos. Curitiba. Ibepex, 2011.

FERNANDES, E. Problemas linguísticos e cognitivos do surdo. Rio de Janeiro. Agir, 1990.

GESSER, A. Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda. São Paulo. Parábola Editorial, 2009.

GIL, A.C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2006.

HONORA M., FRIZANCO M.N.E. Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais. Editora Ciranda Cultural. 2009.

ISA. Livros da série Povos Indígenas no Brasil. Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/povo:kaapor>, acesso em: 20 de maio de 2019. Acesso em: 25 abr. 2017.

JAKOBSON, R. A Linguística e suas relações com outras ciências. In: Jakobson, Roman. Linguística; poética; cinema. São Paulo: Perspectiva, 1970a, p.11-64.

KIKUICHI, V.Z.F.; REZENDE, D.K.; GAHYVA, D.L.C.; SCUSSEL, K.R.; MARTINS, S.E.C. (Org.). Processos interativos com a pessoa surda. 1 edição. São Paulo: Pearson, 2011.

LACERDA, C. B. F. Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de . Os processos dialógicos entre o aluno surdo e educador ouvinte: examinando a construção de conhecimentos. Tese de Doutorado. UNICAMP: Campinas/São Paulo: UNICAMP, 1996.

LEI DE COTAS, nº 8213/91. Disponível em: [www.deficienteonline.com.br/lei-8213-91-lei-de-cotas-para-deficientes-e-pessoas-com-deficiencia-77.html](http://www.deficienteonline.com.br/lei-8213-91-lei-de-cotas-para-deficientes-e-pessoas-com-deficiencia-77.html). Acesso em 01 de abr. 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, N. de. O processo de reformulação na interpretação simultânea. In: Acta Científica, Engenheiro Coelho. V.21, n.1, p.41-54-jan/abr2012.edu.br/actacientífica/article/download/374/381. Acesso em 01 de abr. 2017.

MACHADO, E.L. **Psicogênese da leitura e da escrita na criança surda**. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

MAGALHÃES, E. J. Sua majestade, o intérprete: O fascinante mundo da tradução simultânea. 1ª Edição. São Paulo: Parábola, 2007.

MANTOAN, M.T.E. O desafio das diferenças nas escolas. 4ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de Pesquisa. 5ª edição. São Paulo Atlas, 2002.

MARTÍNEZ, A. M.; TACCA, M. C. V. R. Possibilidades de Aprendizagem: Ações pedagógicas para alunos com dificuldades e deficiência. 1ª edição. São Paulo: Alínea, 2011.

PEREIRA, M.C.P. Tradução e Interpretação de Língua de Sinais: técnicas e dinâmicas para cursos. Editora Centro Educacional Cultura Surda Ltda. 2008.

PERLIN, G.; STROBEL, K. Fundamentos da educação de surdos. Florianópolis:UFSC,2005. Disponível em :[https://www.libras.ufsc/hiperlab/avalibras/textos/fundamentos%20da%20educa%E3%20Surdos\\_Texto-Base.pdf](https://www.libras.ufsc/hiperlab/avalibras/textos/fundamentos%20da%20educa%E3%20Surdos_Texto-Base.pdf). Acesso em: 15 set. 2018.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. Língua de Sinais brasileira: estudos lingüísticos. Art Med: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, R. M. o tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2004.

QUADROS, R.M. Educação de Surdos: A Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: Artmed. 2008.

QUADROS, R.M. O tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Especial, programa Nacional de Apoio a Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP2002. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/txt/tradutorlibras.txt>. Acesso em: 26 ago. 2017.

QUADROS, Ronice de Miller de;Karnopp Lodenir Becker.Língua de Sinais Brasileira:Estudos Linguísticos.Porto Alegre:Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de(org).Estudos SurdosIII-Série de Pesquisas,Petrópolis,Arara Azul, 2008.

RODRIGUES, C.; BEER, H. Direitos, políticas e línguas: divergências e convergências na/ da/para educação de surdos. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p.661- 680, 2016.

ROSA, A.S. Tradutor ou professor? Reflexão preliminar sobre o papel do intérprete de língua de sinais na inclusão do aluno surdo. *Ponto de Vista*, Florianópolis, n.8, p.55-74, 2006.

RUSSO, A. Intérprete de Língua de Sinais:uma posição discursiva em construção.2009.133f.Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação,Universidade Federal do Rio Grande do Sul,Porto Alegre,2009.Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/21851/000738782.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2017.

SÁ, Nídia Limeira de. Os estudos Surdos. Disponível em:[www.eusurdo.ufba.br/arquivos/estudos\\_surdos\\_feneis.doc](http://www.eusurdo.ufba.br/arquivos/estudos_surdos_feneis.doc).

SACKS,Oliver.Vendo vozes:uma jornada pelo mundo dos surdos.São Paulo:Cia.dasletras,1988.

SANTANA, A.P. Surdez e linguagem: Aspectos e implicações neurolinguísticas. 5ª Edição. São Paulo: Summus, 2015.

SANTOS, I.; GRILLO, J.; DUTRA, P. Intérprete educacional: teoria versus prática. In: Revista da Feneis, n. 41, p. 26-30. 2010.

SAVIANI, D. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2003.

SILVA, César Augusto de Assis. Entre a deficiência e a cultura: análise etnográfica de atividades missionárias com surdos-Tese de Doutorado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001.

SILVA, L. C.; RODRIGUES, M. M. Políticas públicas e formação de professores: vozes e vieses na Educação Inclusiva. In: DECHICHI, C.; SILVA, L. C.; FERREIRA, J. M. (Org.). Educação Especial e Inclusão Educacional: formação profissional e experiências em diferentes contextos. Uberlândia/MG: EDUFU, 2011.

SILVA, Nice Maria. Instrumentos linguísticos de Língua Brasil de Sinais: constituição e formulação. Doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas Unicamp, 2012.

SILVA, V. As Representações do Ser Surdo no contexto da Educação Bilíngue. In: Quadros, Ronice Muller de (org). A surdez um olhar sobre as diferenças, Porto Alegre, 2005.

SKILIAR, Carlos (org). A Surdez: um olhar sobre as diferenças, Porto Alegre, 2005, Mediação.

SOUSA, D. O. Tradutor/Intérprete de Libras no Contexto Educacional: Desafios Linguísticos no Processo Tradutório. RVCSD - Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade. n. 08. 2011.

STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

TORRES, E. F.; MAZZONI, A. A. O direito de acesso à televisão nos meios televisivos: onde está a inclusão? Brasília: Inclusão Social. v. 2, n. 1, p. 73-82, out. 2006/mar. 2007. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1592/1799>. Acesso em: 22 jun. 2017.

VICTOR, S.L. Práticas bilíngues: Caminhos possíveis na educação de surdos. 1ª edição. Vitória: GM, 2010.

VICTOR, S.L; VIEIRA-MACHADO L.M.C; BRECONCI, A.M; FERREIRA, A.B; XAVIER, K.S. Práticas Bilíngues, caminhos possíveis na educação de surdos, 2010.

VIGOTSKI, L.S. *Obras escogidas*. Madrid: Machado Libros, 2001. v.3.

VIGOTSKI, L.S. *Pensamento e linguagem*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. Original publicado em 1934.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. Interação entre aprendizado e desenvolvimento. In: VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A Formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

## APÊNDICE A

### QUESTIONÁRIO PARA OS PROFISSIONAIS TILS EDUCACIONAIS

1 - Qual é a sua formação?

2 - Há quanto tempo você atua como Tradutor/Intérprete de Libras na área educacional? Ou em outra área de atuação como TILS?

3 - Você, enquanto profissional TILS educacional, o que faz quando se depara com um aluno surdo não alfabetizado em Libras, dentro da sala de aula?

4 - Como você faz para se comunicar com este aluno?

5 - Quais dificuldades de comunicação você encontra, ao se deparar com um aluno surdo que não tem fluência na sua própria língua materna L1?

6 – Se, por ventura, fosse criada uma estratégia, um recurso de tradução, para uso com o aluno surdo não alfabetizado em Libras como, por exemplo: Uma apostila, contendo algumas informações que lhe ajudariam no processo de aprendizagem deste educando, o que você colocaria? Dê-nos uma sugestão!!!

7- Em sua opinião, qual é o papel do TILS educacional para o desenvolvimento no processo de aprendizagem do aluno surdo, dentro da sala de aula?

8 - Qual é a sua opinião em relação ao papel do TILS educacional e suas atribuições dentro da sala de aula?

9 - O que você, TILS educacional, acha sobre ter que ensinar LIBRAS, ao invés de fazer uma tradução consecutiva ou simultânea ao aluno surdo?

10 - Na sua opinião, o que poderia ser feito para resolver o problema de desvio de função? Sabemos que nos são delegados papéis que não são da nossa responsabilidade, o que você tem a dizer sobre isso?

## **APÊNDICE B**

### **ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM OS PROFESSORES REGENTES:**

1 – Você, enquanto professor regente, quais estratégias utiliza quando, em sala de aula, está presente um aluno surdo e como se comunica com o discente em questão?

2 - Na sua opinião, qual é o papel do TILS educacional no processo de aprendizagem do aluno surdo, dentro da sala de aula?

3 - Qual é a frequência de seu aluno surdo?

4 - Quais as dificuldades encontradas?

5 - Em sua opinião o que deveria ser feito para que melhorasse a relação entre professor e aluno surdo, na questão da comunicação?

6 - Em sua opinião, qual é o papel do TILS e suas atribuições dentro da sala de aula?

**APÊNDICE C**

**MANUAL PEDAGÓGICO - POSSIBILIDADES E ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO  
PARA AUXÍLIO AOS TILS - TRADUTOR-INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS  
EDUCACIONAL**

**SÃO MATEUS  
2019**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	72
<b>2 SOBRE A LIBRAS - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS</b> .....	73
2.1 Libras.....	73
2.2 O que é libras? .....	73
<b>3 INÍCIO DA LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL</b> .....	75
3.1 Importância de aprender Libras .....	75
<b>4 COMO USAR TODOS OS SINAIS DE LIBRAS?</b> .....	76
<b>5 A CULTURA SURDA</b> .....	77
<b>6 O TRADUTOR- INTÉRPRETE DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – Língua Portuguesa -TILS</b> .....	78
6.1 O que é o ato de interpretar? .....	78
6.2 Quem é o Intérprete da Língua de Sinais? .....	78
6.3 Qual a formação do Intérprete? .....	78
6.4 Algumas dessas condições <sup>10</sup> são:.....	79
<b>7 LÍNGUA DE SINAIS NÃO É MÍMICA</b> .....	80
<b>8 LIBRAS- LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS</b> .....	81
8.1 Alfabeto em Libras .....	82
<b>9 SIGNWRITING – ESCRITA DE SINAIS</b> .....	83
<b>10 CONVENÇÕES DA LIBRAS</b> .....	86
10.1 A grafia .....	86
10.2 A datilologia (alfabeto manual).....	86
10.3 Os verbos .....	86
10.4 As frases .....	86
10.5 Os pronomes pessoais .....	86
<b>11 PARÂMETROS DA LIBRAS</b> .....	87
11.1 A configuração da mão .....	87
11.2 Ponto ou local de articulação .....	87
11.3. Orientação/direcionalidade .....	87
11.4 O movimento .....	88
11.5 Expressão facial e/ou corporal.....	88
<b>12 ESTUDO DA LÍNGUA: Expressões Faciais ou Não-maunais</b> .....	90

<b>13 CONVERSAÇÃO: O DIÁLOGO EM LIBRAS</b> .....	91
13.1 Conversando no Banco.....	91
13.2 Conversando no Consultório Médico:.....	91
13.3 Na Empresa .....	92
<b>14 Saudações em Libras: Oi, Bom dia, Boa tarde, Boa noite e Olá</b> .....	93
14.1 Imagens de Saudações em Libras .....	93
<b>15 SINAIS DE MATEMÁTICA</b> .....	95
15.1 Números cardinais em libras.....	95
15.2 Números ordinais em libras .....	96
<b>16 DIAS DA SEMANA E ESTAÇÕES DO ANO E SINAIS BÁSICOS</b> .....	97
<b>17 SINAIS DE MATERIAL ESCOLAR E AMBIENTES ESCOLARES E DISCIPLINAS ESCOLARES</b> .....	100
<b>18 SAUDAÇÕES E CUMPRIMENTOS/ IDENTIFICAÇÃO</b> .....	104
<b>19 SINAIS DE CUMPRIMENTOS BÁSICOS</b> .....	106
<b>20 CLASSIFICADORES</b> .....	109
<b>21 CORES EM LIBRAS</b> .....	112
<b>22 FRUTAS E ALIMENTOS DIVERSOS EM LIBRAS</b> .....	116
<b>23 AS CONFIGURAÇÕES DE MÃOS</b> .....	120
<b>24 SINAIS DE FAMÍLIA LIBRAS</b> .....	122
<b>25 ALGUMAS CURIOSIDADES SOBRE A LIBRAS- LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS</b> .....	124
25.1 O que é surdez? .....	124
<b>26 TIPOS DE VERBOS</b> .....	126
<b>27 O USO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO DE SURDOS</b> .....	128
<b>28 MEIOS DE TRANSPORTE</b> .....	132
<b>29 OUTROS SINAIS DA LIBRAS</b> .....	136
<b>30 ANIMAIS EM LIBRAS</b> .....	137
<b>31 LEI DE LIBRAS</b> .....	141
<b>32 REFERÊNCIAS</b> .....	146

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste manual é subsidiar os TILS educacionais, profissionais envolvidos com o trabalho de Libras e os professores regentes ao ter um primeiro contato com os alunos surdos não alfabetizados em Libras. Ele está organizado de forma que os profissionais possam lançar mão do mesmo, sendo importante para que as barreiras de comunicação possam ser quebradas entre o mundo ouvinte e o sujeito surdo e a interação entre os estudantes surdos, os professores regentes e os discentes ouvintes possa se dar de forma clara e objetiva. A Libras é imagem e Pensamento, uma língua viva e dinâmica, que sempre está sofrendo processo de construção e transformação onde surgem, a cada dia, sinais novos, de acordo com as informações existentes e novas. Que este produto final possa servir de base para utilização de estratégias de tradução para os TILS educacionais.

## **2 SOBRE A LIBRAS - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

### **2.1 LIBRAS**

A LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) tem sua origem na Língua de Sinais Francesa. As línguas de sinais não são universais. Cada país possui a sua própria Língua de Sinais, que sofre as influências da cultura nacional. Como qualquer outra língua, ela também possui expressões que diferem de região para região (os regionalismos ou dialetos), o que a legitima ainda mais como língua.

### **2.2 O QUE É LIBRAS?**

Língua Brasileira de Sinais. A Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – FENEIS define a Língua Brasileira de Sinais – Libras como a língua materna 2 dos surdos brasileiros e, como tal, poderá ser aprendida por qualquer pessoa interessada pela comunicação com esta comunidade. Como língua, está composta de todos os componentes pertinentes às línguas orais, como gramática, semântica, pragmática, sintaxe e outros elementos preenchendo, assim, os requisitos científicos para ser considerado instrumento linguístico de poder e força. Possui todos elementos classificatórios identificáveis numa língua e demanda prática para seu aprendizado, como qualquer outra língua. (...). É uma língua viva e autônoma, reconhecida pela linguística. Segundo Sánchez (1990) a comunicação humana “é essencialmente diferente e superior a toda outra forma de comunicação conhecida. Todos os seres humanos nascem com os mecanismos da linguagem específicos da espécie, e todos os desenvolvem normalmente, independentes de qualquer fator racial, social ou cultural”. Uma demonstração desta afirmação se evidencia nas línguas oral-auditiva (usadas pelos ouvintes) e nas línguas viso-espacial (usadas pelos surdos). As duas modalidades de línguas são sistemas abstratos com regras gramaticais. Entretanto, da mesma forma que as línguas orais-auditivas não são iguais, variando de lugar para lugar, de comunidade para comunidade a língua 2 Língua materna se refere aos surdos que nascem em famílias de surdos, onde a língua comum é a Libras. Já para surdos que nascem em famílias ouvintes onde não há comunicação em Libras entendemos como Língua

natural. Quadros (1999) apresenta a estrutura da língua brasileira de sinais. Como uma língua percebida pelos olhos, a língua brasileira de sinais apresenta algumas peculiaridades que são normalmente pouco conhecidas pelos profissionais. Quadros (2007).

A Libras é determinada como uma língua gestual, por estar associada aos sinais que representa. A língua gestual é universal, porém, os significados não são os mesmos em todos os países. Os gestos têm mesma representação, porém, diferentes significados. Seu aprendizado requer a utilização das mãos para trabalhar os sinais e a partir desses movimentos, a combinação deles, acontece naturalmente a comunicação com os surdos.

A Libras permite a interação entre as pessoas surdas e as ouvintes, fazendo com que o surdo obtenha informações de mundo no qual ele vive, tornando-o um cidadão com direitos, deveres e responsabilidades.

### **3 INÍCIO DA LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL**

Após 1857, a Língua de Sinais começou a ganhar espaço também no Brasil. Isso aconteceu após Eduard Huet ser convidado por D. Pedro II para que fundasse a primeira escola para crianças surdas no país. Inicialmente, chamava-se Imperial Instituto de Surdos Mudos. Atualmente, INES, ou Instituto Nacional de Educação de Surdos.

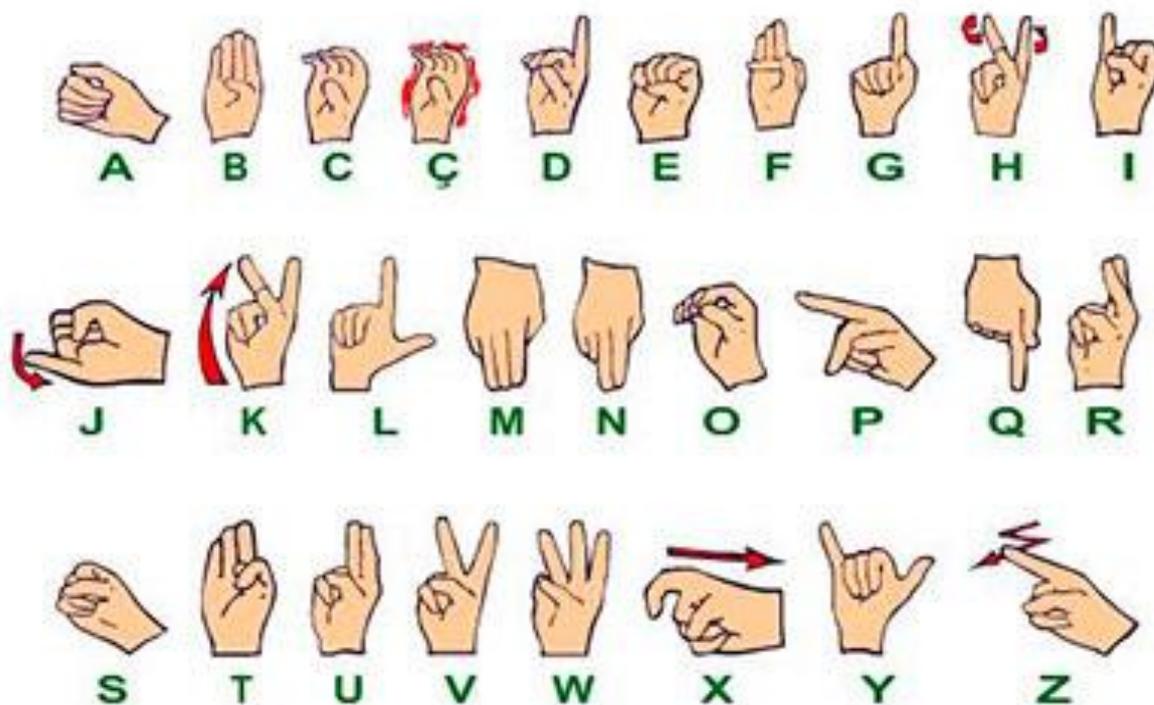
Após a fundação da escola aqui no Brasil, as pessoas surdas no Brasil conseguiram criar a Língua Brasileira de Sinais, a partir da Língua de Sinais Francesa e das maneiras de comunicação que já eram usadas.

#### **3.1 IMPORTÂNCIA DE APRENDER LIBRAS**

Ter dois idiomas é sempre muito importante, levando em conta que estudos apontam que ter dois idiomas pode ajudar na inteligência e na memória. O ponto é que ao aprender Libras além de estarmos fazendo um favor a nós mesmos fazemos também a sociedade, assim, criando um ambiente onde todos tenham a capacidade de ajudar qualquer surdo ou comunicar-se uns com os outros.

#### 4 COMO USAR TODOS OS SINAIS DE LIBRAS?

### ALFABETO DE LIBRAS



Os sinais de libras surgem pela combinação de pontos de articulação e dos movimentos da mão. Além de contar também com as expressões corporais e faciais.

Aprender Libras é uma forma de inclusão social das pessoas com essa deficiência. Todos precisam estar inseridos na vida da comunidade e a linguagem é a melhor maneira de fazer isso. A Linguagem de Sinais tem um papel fundamental para facilitar a comunicação entre todos os indivíduos.

## 5 A CULTURA SURDA

Quando falamos sobre cultura muitas coisas podem vir a nossa mente, há diferentes culturas e diferentes modos de conceituar cultura, depende do espaço onde ela é discutida. Aqui, neste espaço linguístico, usamos o termo cultura para expressar “jeitos de ser e estar no mundo”, e ressaltaremos a todo momento os jeitos de ser e estar no mundo do povo surdo, ou seja, a Cultura

Surda. Sobre Cultura Surda podemos dizer com as palavras de Sá (p.01, 2006) 4 que ““Cultura”, neste texto, é definida como um campo de forças subjetivas que dá sentido(s) ao grupo”. No século XXI, mais do que nunca, tem-se dado extremo valor à estética do corpo e da linguagem, mesmo que ocultamente tem-se mantido o paradigma da alta e da baixa cultura. O discurso que ecoa é que surdos são pessoas deficientes, que precisam entrar na linha da normalização, precisam urgentemente ser iguais a maioria, precisam falar, ver, ouvir, andar fazer parte de uma cultura dita padrão para então serem considerados incluídos na sociedade.

O embate acontece exatamente porque existe um campo de forças subjetivas que dá sentido(s) ao grupo, ou seja, existe a Cultura Surda e é a língua de sinais a marca subjetiva que dá sentido(s) a esta cultura.

Os surdos são organizados social e politicamente, possuem um estilo de viver que é próprio de quem usa a visão como meio principal de obter conhecimento. A cultura surda é também híbrida e mestiça, pois não se encontra isolada no mundo, está sempre em contato direto com outras culturas e evolui da mesma forma que o pensamento humano. Há narrativas normalizantes que põem os surdos como pessoas sub-culturais.

A contradição acontece nas narrativas surdas, elas revelam que pessoas surdas não vivem de adaptação ou reabilitação, vivem em evolução, criam meios de ser e de estar no mundo, como qualquer ser humano faz. Possuem a necessidade de estar em permanente contato com outros surdos, não porque os ouvintes não os compreendem, mas pela força da identificação cultural, pela força da subjetividade que os atrai como um ímã da mesma forma que acontece com outros grupos sociais.

Para compreender por que existe uma cultura surda é fundamental entrar em contato com esta cultura deixando de lado pré-conceitos que se costuma fazer antes de conhecer, seja aberto ao novo e torne-se um ser plural.

## **6 O TRADUTOR- INTÉRPRETE DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – Língua Portuguesa -TILS**

### **6.1 O QUE É O ATO DE INTERPRETAR?**

Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa Aurélio Buarque de Holanda Ferreira interpretar significa traduzir ou verter de língua estrangeira ou antiga. O Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira complementa o significado definindo que seria traduzir ou verter de língua para outra, exprimindo a mesma mensagem.

### **6.2 QUEM É O INTÉRPRETE DA LÍNGUA DE SINAIS?**

Intérprete é aquele que serve de língua ou de intermediário para fazer compreender indivíduos que falam idiomas diferentes. (Aurélio, Dicionário). Ou ainda, pessoa que traduz a outrem, na língua que este fala o que foi dito ou escrito por outra pessoa em língua diferente. Logo o Intérprete da Língua Sinais é aquele que interpreta de uma dada língua de sinais para outra língua, ou desta outra língua para uma determinada língua de sinais. (Quadros, p.8, 2002).

Assim para interpretar ou traduzir uma língua é fundamental que se domine profundamente duas línguas, por exemplo, o Intérprete de Língua Brasileira de Sinais / Língua Portuguesa para ser um profissional intérprete deve primordialmente dominar as Línguas Portuguesa e Brasileira de Sinais igualmente. Pois este é responsável pelo acesso legítimo a informações veiculadas. Outro exemplo é o Intérprete de Língua Brasileira de Sinais / Língua de Sinais Americana (ASL), o mesmo precisa dominar profundamente as duas línguas de sinais.

### **6.3 QUAL A FORMAÇÃO DO INTÉRPRETE?**

O decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 em seu Capítulo V determina que “Art. 17. A formação do tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa.” No entanto tal curso

superior ainda não é de total acesso aos profissionais que já atuam como Intérpretes de Libras – Língua Portuguesa.

#### 6.4 ALGUMAS DESSAS CONDIÇÕES<sup>10</sup> SÃO:

- a) Ter competência na Língua Portuguesa e na Língua Brasileira de Sinais;
- b) Possuir no mínimo o ensino médio Completo, mas preferencialmente ensino superior;
- c) Ser membro ativo da Associação de Surdos local;
- d) Possuir certificado expedido pela FENEIS;
- e) Possuir certificado Exame PROLIBRAS – MEC;
- f) Possuir alguma noção de outro idioma estrangeiro;
- g) Ter noções suficientes de lingüística, comunicação e técnicas de tradução e interpretação;
- h) Ter contato com surdos adultos com freqüência comprovada;
- i) Ter disponibilidade de tempo para estar presente onde se fizer necessário.

Aqui expomos somente alguns pontos básicos sobre o profissional Interprete de Libras – Língua Portuguesa.

## 7 LÍNGUA DE SINAIS NÃO É MÍMICA

A mímica tem uma representação visual assim como as línguas de sinais que utilizam o canal viso-espacial para sua exteriorização, talvez, também, por esse motivo exista a tendência de relacionar as línguas de sinais com a mímica. Muitas pessoas pensam que a língua de sinais é universal, é única para todos de qualquer parte do mundo, pois basta fazer uma mímica ou gesto e o entendimento acontece. Mas tal concepção é, um tanto, ultrapassada, pois além de haver várias línguas de sinais como você já viu (brasileira - LIBRAS, francesa - LSF, espanhola - LSE, boliviana - LSB, venezuelana - LSV...) hoje as pesquisas lingüísticas comprovam a complexidade e arbitrariedade presente em todas essas línguas. Atualmente temos livros de gramática, cursos superiores em Letras, cursos de tradução e interpretação, literatura, artes e muita cultura.

Através da língua de sinais pode-se discutir política, economia, psicologia, física, matemática, filosofia, física quântica e outros temas. Para as línguas de sinais a reprodução da forma, do movimento de sua relação espacial é fundamental, logo a criação de sinais icônicos é um fenômeno natural e é o que chamamos também de Classificadores em Língua de Sinais. Os classificadores permitem tornam mais claro e compreensível o significado do que se quer enunciar. Em Libras os classificadores descritivos “desempenham uma função descritiva podendo detalhar som, tamanho, textura, paladar, tato, cheiro, formas em geral de objetos inanimados animados” (PIMENTA e QUADROS, p.71, 2006).

## 8 LIBRAS-LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Aprender Libras é muito mais que aprender uma língua; é um ato de inclusão e cidadania.

### 8.1 ALFABETO DATILOLÓGICO

O alfabeto datilológico ou alfabeto manual é a denominação referente ao alfabeto em LIBRAS e tem a função de permitir a soletração das palavras ao surdo; é utilizado para palavra que não possui sinal representativo.

Usado atualmente no Brasil, o alfabeto datilológico é um conjunto de 27 formatos, ou configurações diferentes de uma das mãos. Cada configuração correspondendo a uma letra do alfabeto do português escrito, incluindo o “Ç”, de acordo ao Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

A demonstração das posições das mãos está disponível no site <http://www.cbsurdos.org.br/libras.htm>.

Assim como no aprendizado de outras línguas estrangeiras, aprender o alfabeto de uma nova língua é essencial. Na Libras a sinalização do alfabeto é importantíssima.

Ao contrário do que muita gente pensa, a língua de sinais não é universal. Existem a Língua Brasileira de Sinais, a Língua de Sinais Portuguesa, a Língua de Sinais Francesa, a Língua de Sinais Americana, e muitas outras. O Alfabeto em Libras é a língua que usa sinais com as mãos, posições do corpo, expressões faciais, utilizada principalmente pelas pessoas que apresentam deficiência auditiva. No Brasil, o número de pessoas com problemas auditivos é superior a 10 milhões.

Não se sabe ao certo a origem da Língua de Sinais. No entanto, o seu uso começou em 1760, em Paris, na França. O abade L'Epée de, aproximadamente, 60 anos na época, conseguiu fundar a primeira escola pública para surdos.

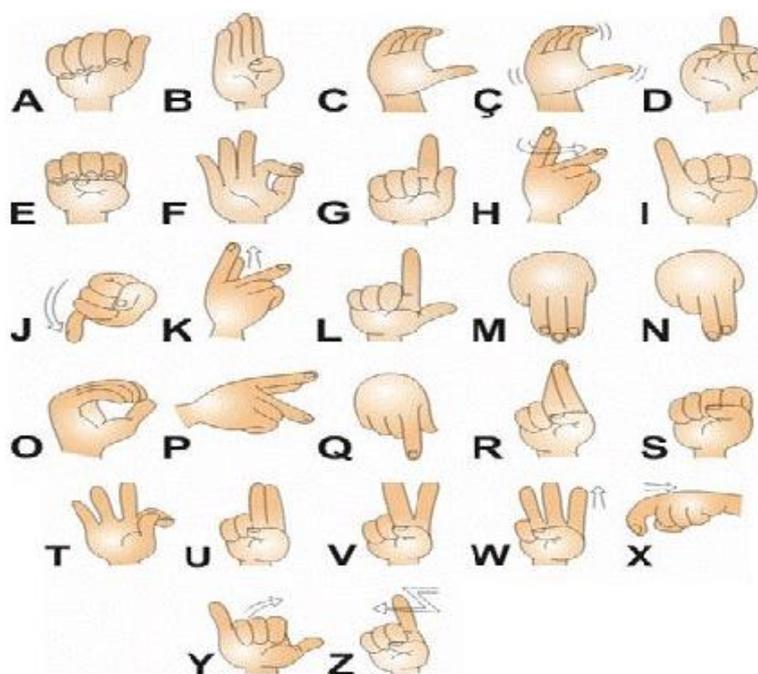
Após a fundação dessa escola, houve uma grande multiplicação de ouvintes e de profissionais surdos pelo mundo, difundindo a utilização da Língua de Sinais. Com isso, muitas outras escolas foram criadas. Além de ensinar a usar a Língua de Sinais, ainda contavam com novos recursos para a educação dos surdos.

A Língua de Sinais são consideradas como línguas por possuírem níveis linguísticos, como morfológico, fonológico, semântico e sintático. As línguas de sinais possuem estrutura gramatical própria.

## 8.2 ALFABETO EM LIBRAS

O alfabeto em Libras consiste em soletrar as letras e os números usando as mãos. Ele é usado somente para formar rótulos, nomes de pessoas, endereços, lugares e vocábulos que não existam na língua de sinais ou que tenha alguma dúvida.

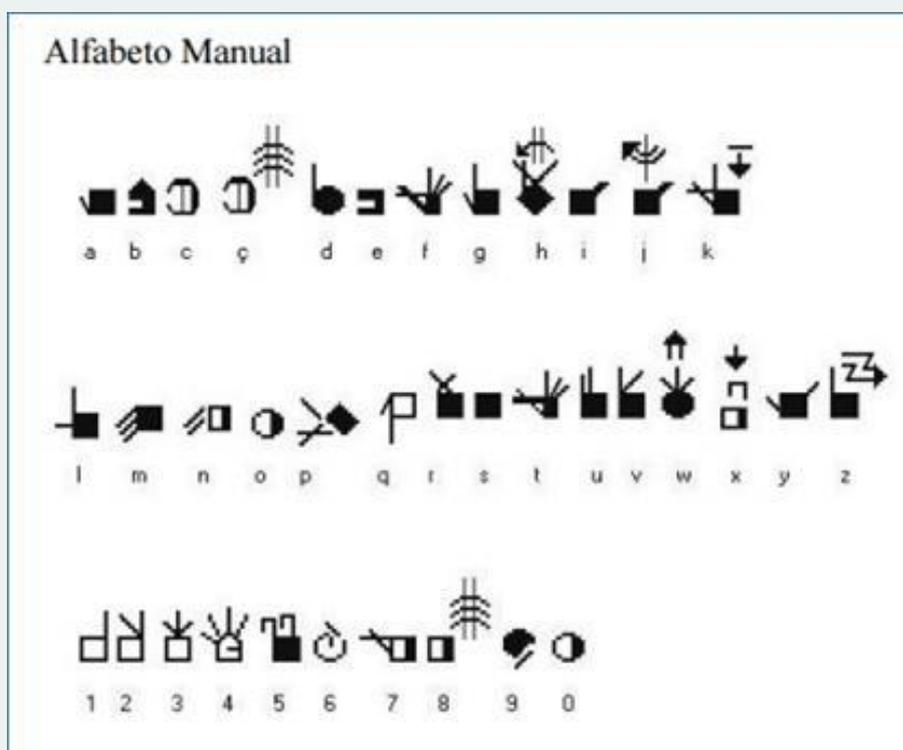
As letras do alfabeto são usadas para casos específicos, como dissemos acima. Porém, na verdadeira comunicação entre surdos, cada palavra possui um sinal bem específico. Ou seja, para fazer uma declaração de amor, por exemplo, o surdo não irá soletrar todas as palavras com a datilografia de cada letra. Existe a maneira de dizer que ama ou que gosta usando os sinais de cada palavra. Para aprender corretamente como é feita a comunicação, é necessário fazer um curso completo ou conviver com alguém surdo. Vale lembrar que, para aprender Libras, é preciso passar pelo mesmo processo de aprendizagem de uma língua nova. Da mesma forma que fazemos quando queremos aprender inglês, ou outra língua qualquer.



## 9 SIGNWRITING – ESCRITA DE SINAIS

### A escrita de sinais

A educação de surdos no Brasil, assim como nosso sistema educativo em geral, segue tendências mundiais, discutidas em eventos e convenções internacionais sobre as teorias e metodologias de ensino (Pires, 2014). Cotidianamente, quando pensamos em alfabetização, a ideia mais comum está relacionada à decifração do código escrito (Figura 1).



O sistema *SignWriting* é o mais usado no Brasil e em todo o mundo. Através dele é possível escrever qualquer sinal, em qualquer Língua de Sinais, ou seja, ele funciona como um sistema de escrita universal. Nele as características das línguas de sinais são preservadas e os parâmetros fonológicos e sintáticos são descritos fielmente (BARRETO & BARRETO, 2012).

*SignWriting* é um sistema de escrita das línguas gestuais. *SignWriting* expressa os movimentos as formas das mãos, as marcas não-manuais e os pontos de articulação. Como línguas gestuais o *Signwriting* continua a ser uma forma valiosa de comunicação para a comunidade surda.

Os primeiros estudos brasileiros sobre a escrita da Língua de Sinais, mais precisamente sobre o Sign Writing tiveram início com o Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa, Marianne Stumpf (Surda) e a Professora Márcia Borba, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio Grande do Sul, em 1996.9 Segundo Costa (COSTA et. al., 2004), William C. Stokoe foi o primeiro linguista a realizar um estudo sistemático das línguas de sinais nos Estados Unidos, iniciando inclusive a escrita dessas línguas. O mesmo informa que:

O *Sign Writing* é um sistema de escrita com características gráfico-esquemáticas, que permite uma representação de textos de línguas de sinais através de uma forma intuitiva e de fácil compreensão. O sistema é constituído de um conjunto de símbolos e um conjunto de regras de escrita, definidos para representar os diversos aspectos fonético-fonológicos das línguas de sinais. Desse modo, o *Sign Writing* apresenta a feição de um sistema de escrita fonética para línguas de sinais, mas plenamente apto a suportar a delimitação de um subsistema de escrita de línguas de sinais que tenha características estritamente fonológicas. (COSTA et. al., 2004:pág.254).

Quadros (2004) em seu artigo, “Um capítulo da história do *Sign Writing*”, relata que o *Sign Writing* teve origem num sistema para escrever passos de dança, que acabou despertando o interesse de pesquisadores da Língua de Sinais dinamarquesa que estavam procurando uma forma de escrever os sinais. A autora nos diz também que em 1974, a Universidade de Copenhagen solicitou a Sutton que registrasse os sinais gravados em vídeo cassete. As primeiras formas foram inspiradas no sistema escrito de danças. A década de 70 caracterizou um período de transição de *Dancewriting* para *Sign Writing*, isto é, da escrita de danças para a escrita de sinais das línguas de sinais.

O Sign Writing possui um alfabeto que pode ser comparado com o alfabeto usado para escrever a Língua Portuguesa, a Inglesa, a Espanhola, a Francesa, etc. Dessa mesma forma, os símbolos do alfabeto *Sign Writing* também podem ser utilizados para escrever diferentes línguas de sinais. Atualmente, o *Sign Writing* se encontra em uso em vários países, como Dinamarca, Irlanda, Itália, México, Nicarágua, Holanda, Espanha, Inglaterra, Estados Unidos e em fase de pesquisa no Brasil (CAPOVILLA, 2002).



## 10 CONVENÇÕES DA LIBRAS

### 10.1 A GRAFIA

Os sinais em LIBRAS, para simplificação, serão representados na Língua Portuguesa em letra maiúscula. Ex.: CASA, INSTRUTOR.

### 10.2 A DATILOLOGIA (ALFABETO MANUAL)

É usada para expressar nomes de pessoas, lugares e outras palavras que não possuem sinal, estará representada pelas palavras separadas por hífen. Ex.: M-A-R-I-A, H-I-P-Ó-T-E-S-E.

### 10.3 OS VERBOS

Serão apresentados no infinitivo. Todas as concordâncias e conjugações são feitas no espaço. Ex.: EU QUERER CURSO.

### 10.4 AS FRASES

Obedecerão à estrutura da LIBRAS, e não à do Português. Ex.: VOCÊ GOSTAR CURSO? (Você gosta do curso?)

### 10.5 OS PRONOMES PESSOAIS

Serão representados pelo sistema de apontação. Apontar em LIBRAS é culturalmente e gramaticalmente aceito.

Para conversar em LIBRAS não basta apenas conhecer os sinais de forma solta, é necessário conhecer a sua estrutura gramatical, combinando-os em frases.

## 11 PARÂMETROS DA LIBRAS

As línguas que as comunidades surdas do mundo desenvolveram, passam por processos de denominação um pouco diferentes, embora comparáveis em alguns pontos aos das outras línguas orais.

Quando falamos sobre os articuladores da Língua de Sinais, certamente podemos pensar em mãos. Mas na realidade, são usados como articuladores, além de mãos, outras partes do corpo, como a cabeça, face e tronco.

Nesse Manual, vamos nos concentrar nos cinco parâmetros formativos das Libras, sendo eles, componentes manuais do sinal e também não manuais. Confira!

### 11.1 A CONFIGURAÇÃO DA MÃO

A configuração adotada pela mão, tem como resultado a posição dos dedos. Embora seja verdade que cada idioma tem seu próprio repertório de configurações, existem algumas que são as mais comuns porque são as mais simples.

### 11.2 PONTO OU LOCAL DE ARTICULAÇÃO

Este parâmetro indica onde o sinal pode ser tocado no corpo ou no espaço sígnico, que é o espaço encontrado em frente do assinante. Ele é delimitado pela extensão máxima dos braços e ocorre acima da cabeça ou para frente. Deve-se dizer que no discurso normal as extremidades são articuladas em um espaço mais limitado que a extensão máxima que mencionamos e que, portanto, o tamanho do sinal pode ser comparado à intensidade da voz.

### 11.3. ORIENTAÇÃO/DIRECIONALIDADE

É o plano em direção ao qual a palma da mão é orientada. Alguns sinais têm a mesma configuração, o mesmo ponto de articulação e o mesmo movimento, e diferem apenas na orientação da mão. É importante perceber como a modificação de um único parâmetro pode alterar completamente o significado do sinal.

## 11.4 O MOVIMENTO

Os sinais geralmente não são estáticos em um local, mas, ao contrário, contêm algum movimento. Dessa forma, podemos entender que o parâmetro de movimento refere-se ao modo como as mãos se movimentam (movimento linear, em movimento da forma de sete arqueada, circular, simultânea ou alternada com ambas as mãos, etc.) e para onde estão movimentando (para a frente, em direção a direita, esquerda, etc.).

## 11.5 EXPRESSÃO FACIAL E/OU CORPORAL

Também chamados de componentes não manuais: as expressões faciais e corporais, vocalizações parciais de palavras ou padrões labiais e movimentos dos olhos, cabeça e corpo. Eles têm um papel importante na produção de sinais, para que possam assumir que o sinal adquire um significado ou outro.

Esse último parâmetro não manual, é aquele no qual incluímos todas as marcas necessárias para articular o sinal e que não fazem parte dos componentes manuais. Devemos ter em mente que essa diferença é necessária quando queremos especificar a palavra a que nos referimos na língua de sons ou oral. Na Língua de Sinais, o sinal é o mesmo e o padrão dos lábios desaparece.

- Componente oral: são os gestos feitos com a boca e bochechas que fazem parte da descrição fonológica do sinal.
- Componente falado: é o gesto labial relacionado à palavra oral correspondente ao sinal. Muitas vezes distingue homônimos manuais, isto é, sinais que em seus componentes manuais são idênticos.
- Posição da sobancelha e da testa: As sobancelhas podem ser franzidas ou levantadas, além da posição neutra.
- Outros aspectos importantes da expressão facial e/ou corporal: direção do olhar, posição do corpo, posição e/ou movimento da cabeça, expressão facial global.

Todos esses parâmetros desempenham uma função distintiva, isto é, a mudança de apenas um dos parâmetros, mantendo os outros iguais, podendo dar origem a um sinal totalmente diferente.

É por isso que é extremamente importante que você observe cuidadosamente os sinais que aprenderá ao longo do contato com a Libras, observando cada um dos seus parâmetros e reproduzindo-os corretamente.



I LOVE YOU

#### 4. ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:

- Interpretação, Leitura, Escrita;
- Trabalhos artísticos;
- Configuração de mãos para o desenvolvimento da Libras;
- Possibilitar as relações temporais através de marcação de tempo e de advérbios temporais como: futuro, passado, presente, ontem, semana passada, mês passado, ano passado, antes, hoje e etc;

## 12 ESTUDO DA LÍNGUA: EXPRESSÕES FACIAIS OU NÃO-MANUAIS

Expressões faciais são formas de comunicar algo, um sinal pode mudar completamente seu significado em função da expressão facial utilizada. Quadros e Pimenta (2006) explicam que existem dois tipos diferentes de expressões faciais: as afetivas e as gramaticais (lexicais e sentenciais). As afetivas são as expressões ligadas a sentimentos / emoções. Veja os exemplos:

As expressões faciais gramaticais lexicais estão ligadas ao grau dos adjetivos:

BONITA

BONITINHA BONITÃO

LINDA

E as expressões faciais gramaticais sentenciais estão ligadas às sentenças:

INTERROGATIVAS

AFIRMATIVAS / NEGATIVAS

EXCLAMATIVAS

## 13 CONVERSAÇÃO: O DIÁLOGO EM LIBRAS

### 13.1 CONVERSANDO NO BANCO

Situação: Abrindo conta no Banco (a) surdo (b) ouvinte funcionário do banco.

- a) TUD BOM!
- b) TUDO BOM! O QUE QUERER?
- c) EU QUERER ABRIR CONTA BANCO GUARDAR DINHEIRO.
- d) P-O-U-P-A-N-Ç-A?
- e) SIM. CERTO.
- f) VOCÊ TRAZER DOCUMENTOS: IDENTIDADE, CPF, CONTA
- g) LUZ OU TELEFONE PRECISA TER SEU NOME ENDEREÇO.
- h) AGORA NÃO TER TUDO.
- i) PODE AMANHÃ HORA 11:00 ATÉ 16:00.
- j) OK AMANHÃ VOLTAR. OBRIGADO. TCHAU.
- k) OBRIGADO. TCHAU.

### 13.2 CONVERSANDO NO CONSULTÓRIO MÉDICO:

Situação: Marcando consulta médica. (a) recepção (b) surdo

- a) TUDO BOM!
- b) TUDO BOM! EU QUERER MARCAR MEDICO C-L-Í-N-I-C-O G-E-R-AL.
- a) IR VER AGENDA EPERAR....
- a) TER HOJE AGORA HORA 3 TARDE AMANHÃ HORA 10 MANHÃ.
- b) PREFERIR AGORA.
- a) PODE ESPERAR PORTA AMARELA VOCÊ SEGUE ESQUERDA SUBIR ESCADA, DIREITA VOCÊ ENTRAR, SÓ, ENTENDER?
- b) SIM OBRIGADO.
- a) NADA.

### 13.3 NA EMPRESA

Situação: Procurando emprego. (a) surdo procurando emprego (b) ouvinte recepcionista.

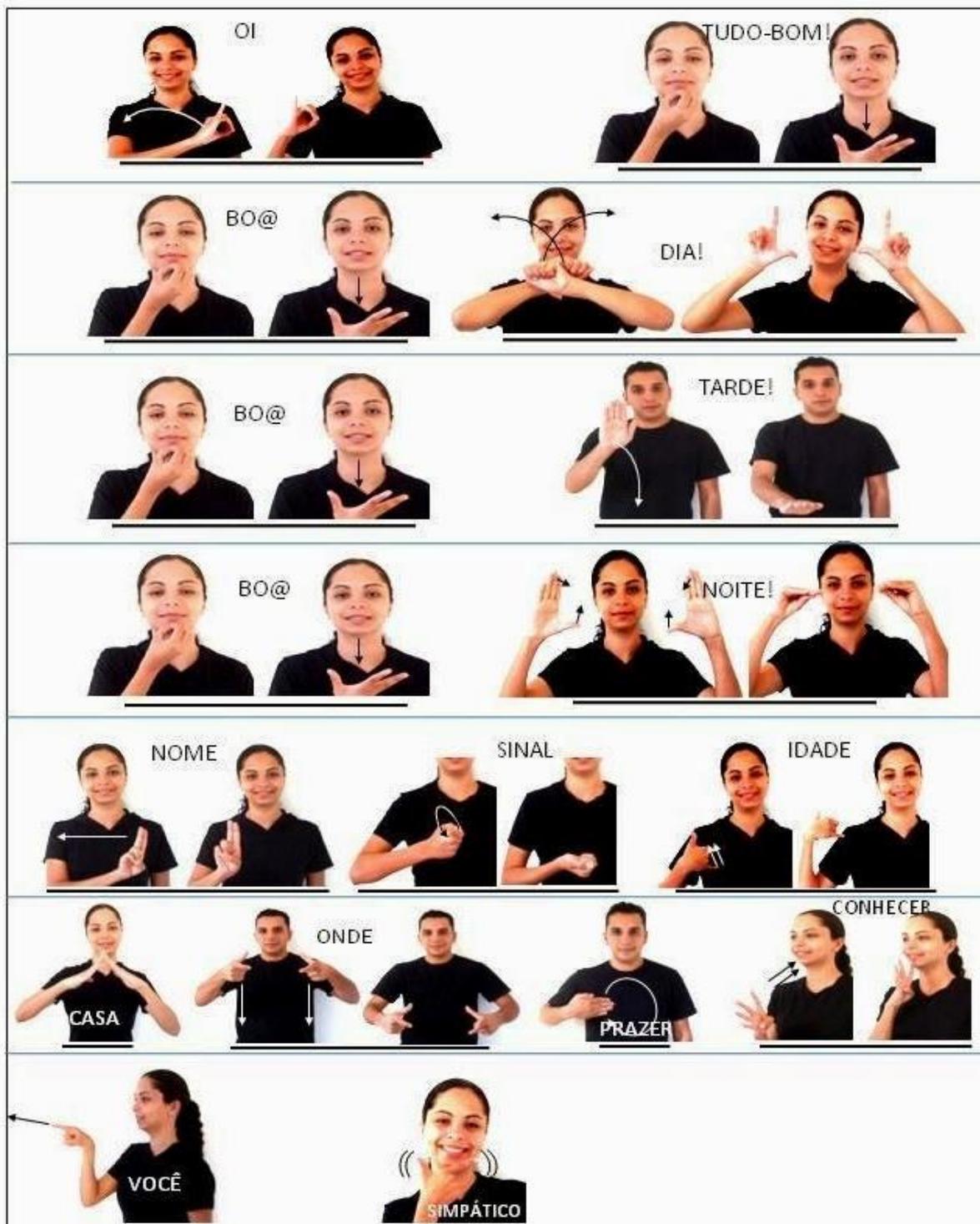
- a) BOM DIA!
- b) BOM DIA! O-QUE VOCÊ QUER?
- c) MEU NOME R-I-C-A-R-D-O VOCÊ NOME?
- d) NOME C-L-A-R-A.
- e) a) EU QUERER SABER TER VAGA AQUI HOTEL I-T-A-G-U-A-Ç-U?
- f) DESCULPAR, PARECER NÃO-TER VAGA.
- g) VOCÊ PREENCHER FICHA NOME DOCUMENTOS
- h) IDENTIDADE CPF CARTEIRA DE TRABALHO RUA TELFONE
- i) CONTATO. DEPOIS ESPERAR.
- j) VOCÊ LIGAR CHAMAR?
- k) SIM. QUANTO TER VAGA LIGAR SIM.
- l) CERTO! OBRIGADO! TCHAU!

## 14 SAUDAÇÕES EM LIBRAS: OI, BOM DIA, BOA TARDE, BOA NOITE E OLÁ

### 14.1 IMAGENS DE SAUDAÇÕES EM LIBRAS

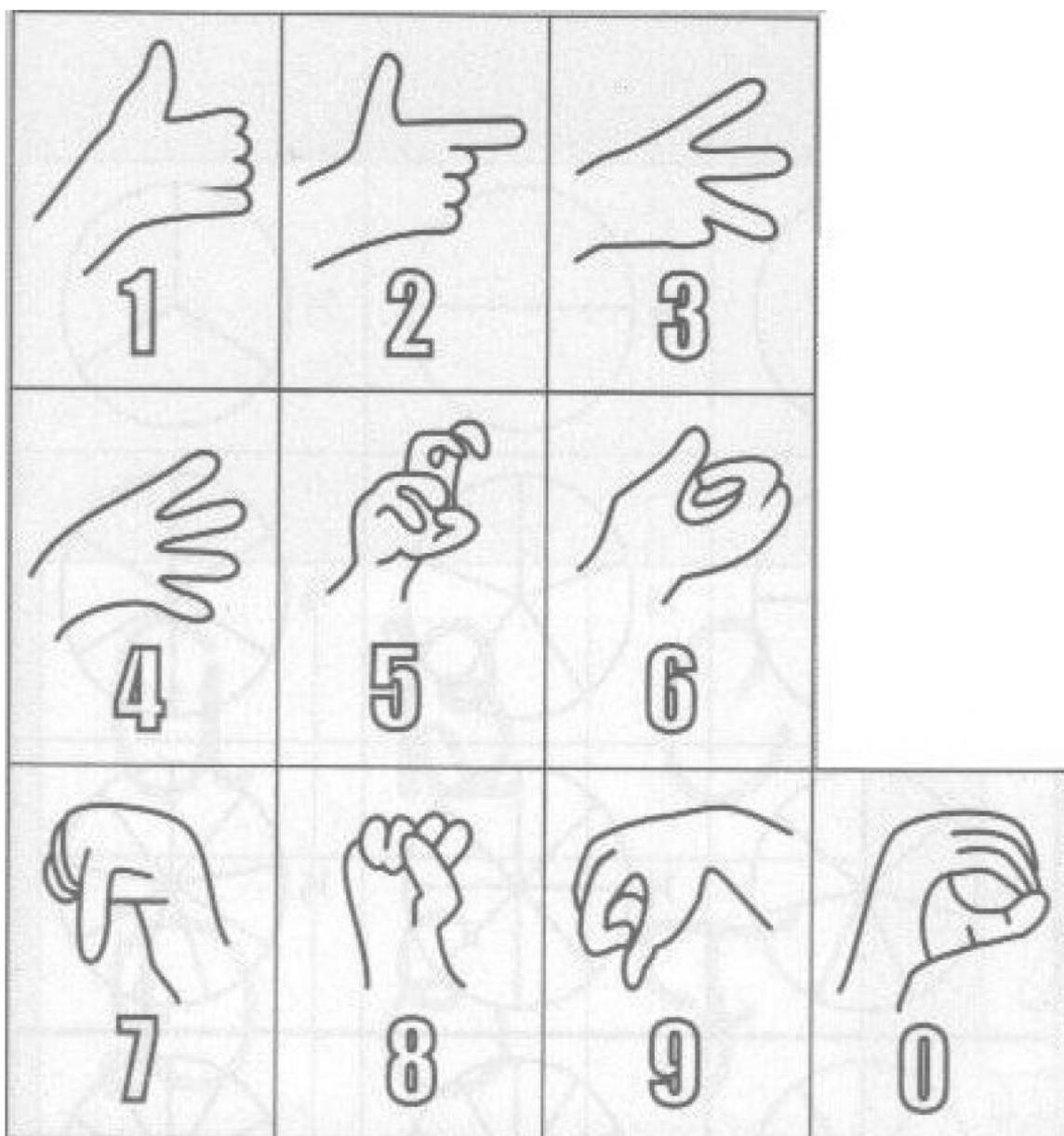


## Cumprimentos em LIBRAS



## 15 SINAIS DE MATEMÁTICA

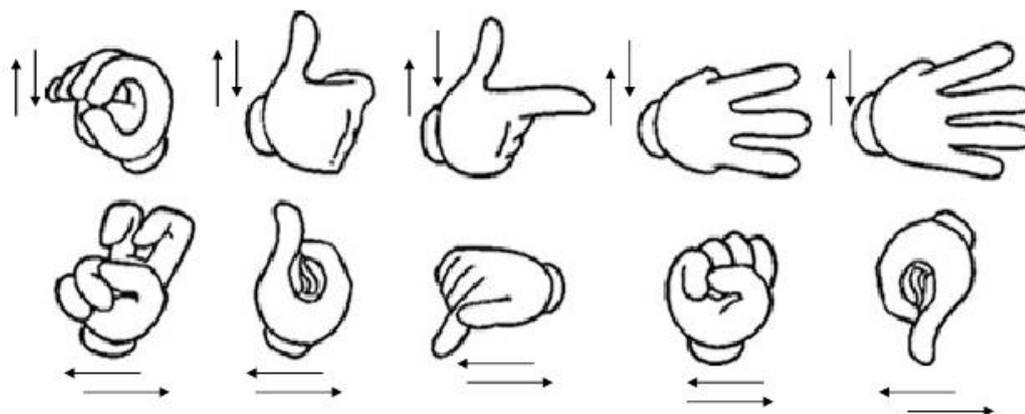
### 15.1 NÚMEROS CARDINAIS EM LIBRAS



Ref. 059 - Números em libras  
10 unidades 3,5 x 4,5 cm

## 15.2 NÚMEROS ORDINAIS EM LIBRAS

## NÚMEROS ORDINAIS

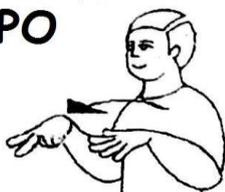


**SÃO SINALIZADOS COM MOVIMENTO TRÊMULO**



## 16 DIAS DA SEMANA E ESTAÇÕES DO ANO E SINAIS BÁSICOS

### TEMPO



SEMANA



SEGUNDA-FEIRA



TERÇA-FEIRA



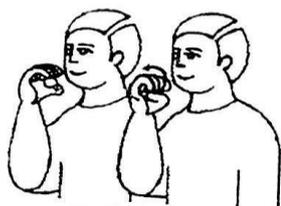
QUARTA-FEIRA



QUINTA-FEIRA



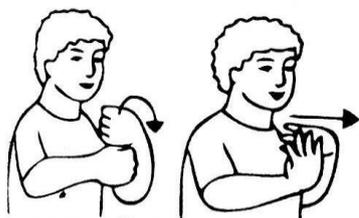
SÉXTA-FEIRA



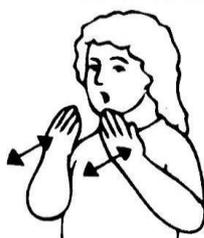
SÁBADO



DOMINGO



ESTAÇÕES DO ANO



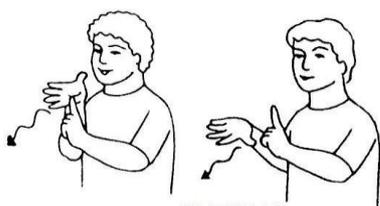
VERÃO



PRIMAVERA



INVERNO



OUTONO




**Libras**  
 Língua Brasileira de Sinais



## 17 SINAIS DE MATERIAL ESCOLAR E AMBIENTES ESCOLARES E DISCIPLINAS ESCOLARES

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
				
				
				
INFORMÁTICA	ARTE	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	ENSINO RELIGIOSO
				
CIÊNCIAS	ARTE	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	LÍNGUA PORTUGUESA
 -  - INTERVALO				
				
LÍNGUA PORTUGUESA	EDUCAÇÃO FÍSICA	HISTÓRIA	GEOGRAFIA	MATEMÁTICA
				
LÍNGUA PORTUGUESA	EDUCAÇÃO FÍSICA		MATEMÁTICA	MATEMÁTICA

## Escola

BANHEIRO



BIBLIOTECA



COORDENAÇÃO



DIRETORIA

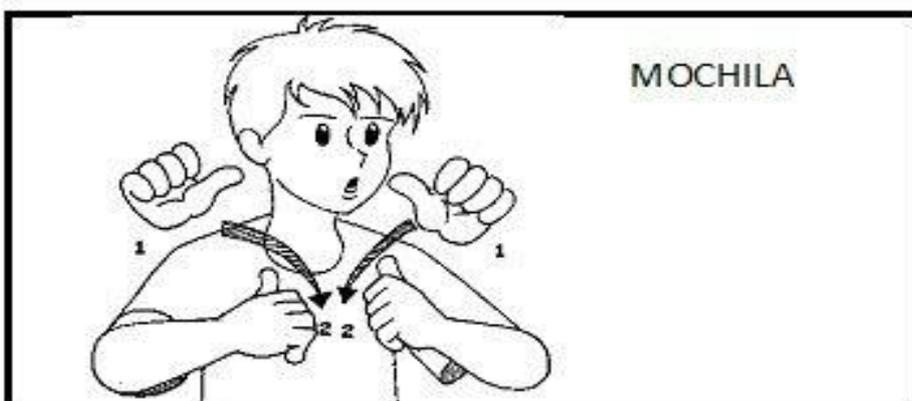
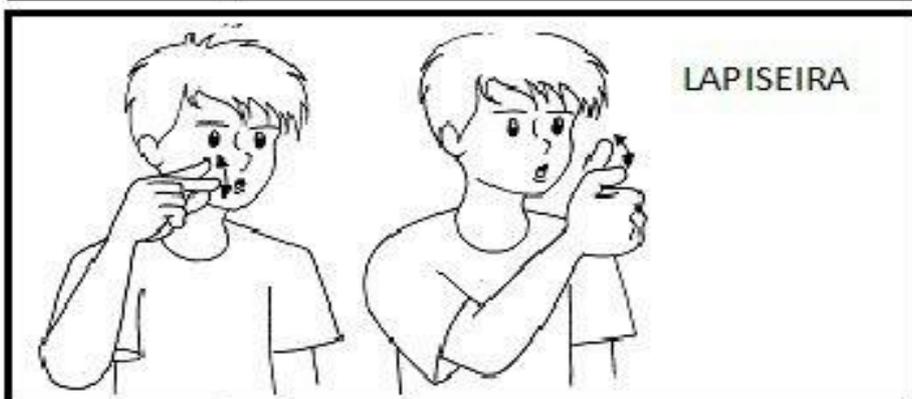
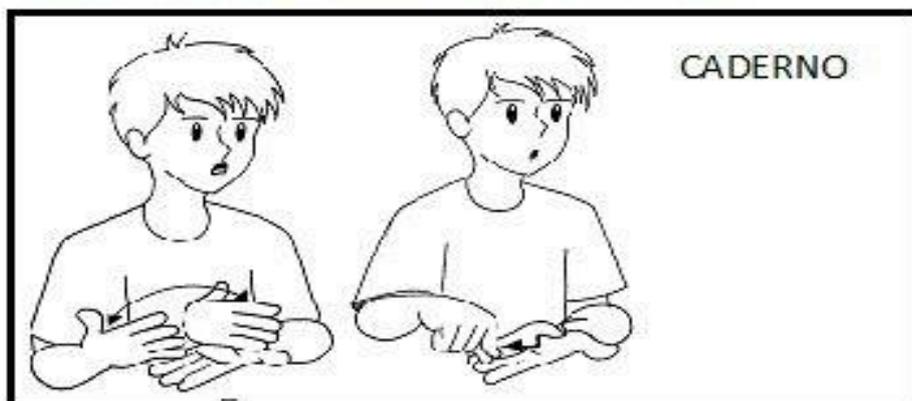


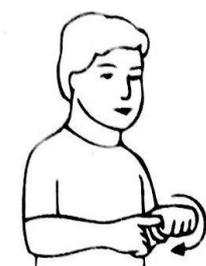
LANCHONETE



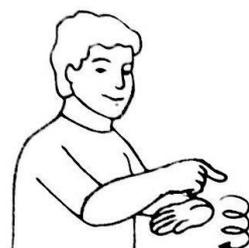
**APRENDENDO LIBRAS - MATERIAL ESCOLAR**

Represente com desenhos os sinais abaixo.





APONTADOR



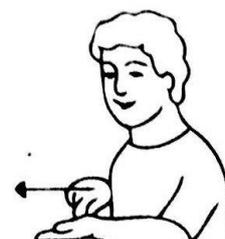
APOSTILA



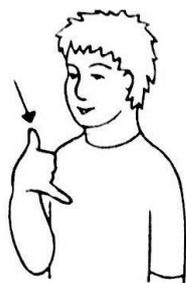
BANHEIRO



BIBLIOTECA



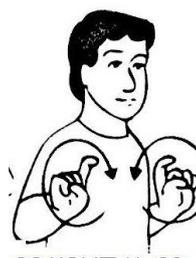
BORRACHA



CANETA



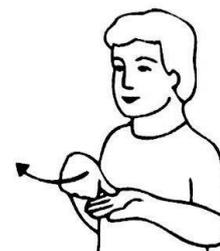
COLA



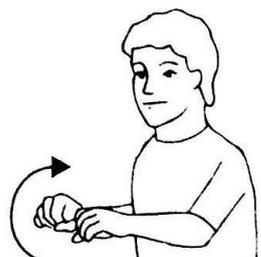
COMPUTADOR



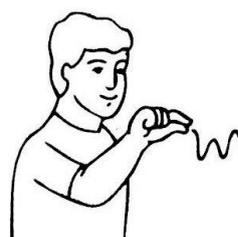
DIRETOR



FITA ADESIVA



FORMATURA



GIZ



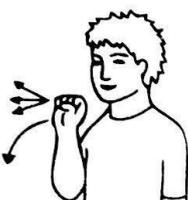
JORNAL



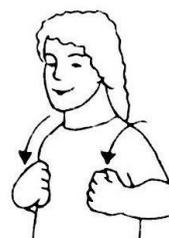
LÁPIS



LIXO



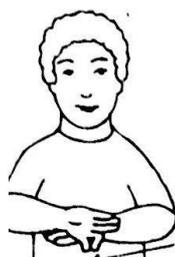
MOCHILA



PAPEL



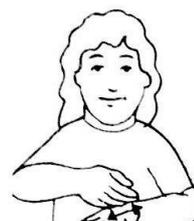
PROFESSOR



RÉGUA



SALA



SECRETÁRIA



TESOURA

## 18 SAUDAÇÕES E CUMPRIMENTOS/ IDENTIFICAÇÃO

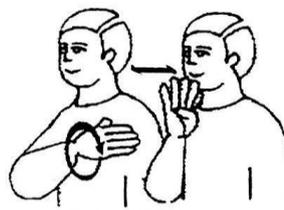
### SAUDAÇÕES/ CUMPRIMENTOS / IDENTIFICAÇÃO



OBRIGAD@



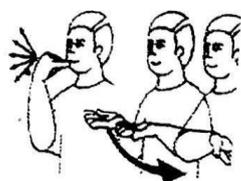
POR FAVOR



PRAZER EM CONHECER



APELLIDO



BEM VINDO



SAUDADE



IDADE



NOME COMPLETO



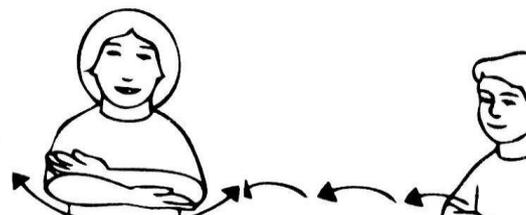
PESO



ALTURA



PESSOA



BEBÊ

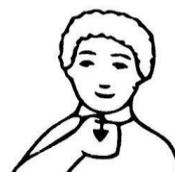
CRIANÇA



JOVEM



ADULTO



VELHO



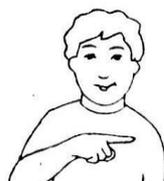
MULHER



HOMEM



EU



EL@



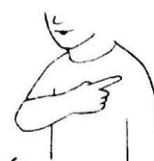
MEU



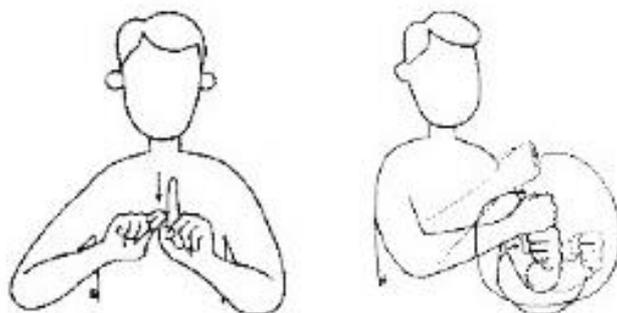
SEU / SUA



NÓS



## MESES DO ANO



JANEIRO



MAIO



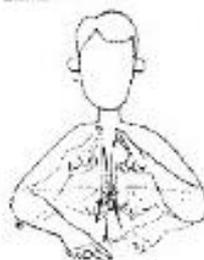
SETEMBRO



FEVEREIRO



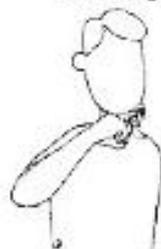
JUNHO



OUTUBRO



MARÇO



JULHO



NOVEMBRO



ABRIL



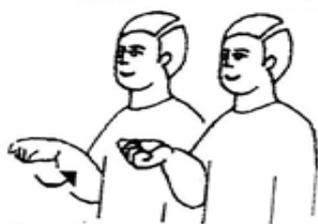
AGOSTO



DEZEMBRO



## 19 SINAIS DE COMPRIMENTOS BÁSICOS



SINAL



TCHAU



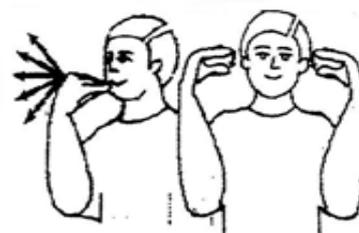
TUDO BEM



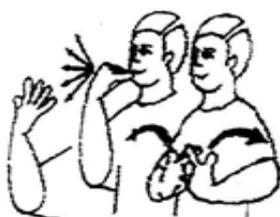
BOM DIA



BOA TARDE



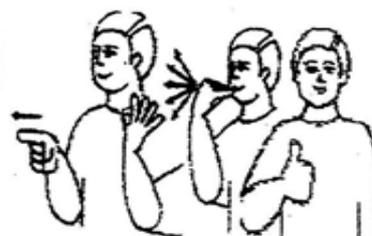
BOA NOITE



BOA SORTE



COM LICENÇA



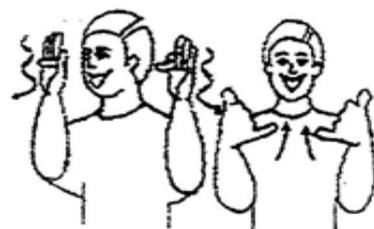
COMO VAI VOCÊ / ESTÁ



CUMPRIMENTO



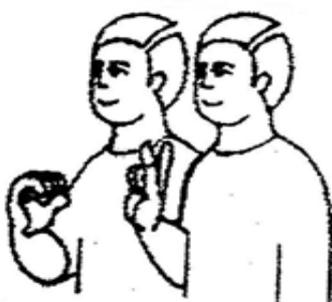
DESCULPE



FELIZ ANIVERSÁRIO



NOME



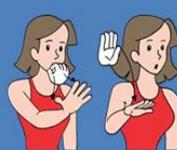
OK



OI



**BOM DIA**



**BOA TARDE**



**BOA NOITE**

DESCULPA



OBRIGADO



BEM VINDO



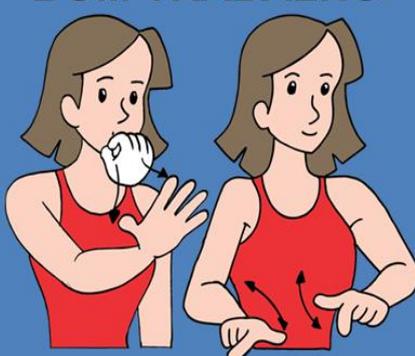
FELIZ ANIVERSÁRIO



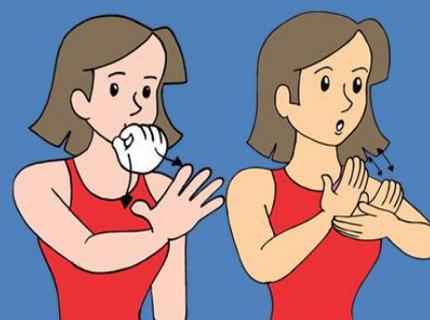
POR FAVOR



BOM TRABALHO



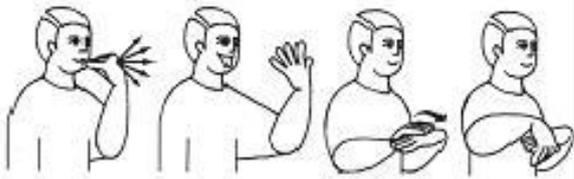
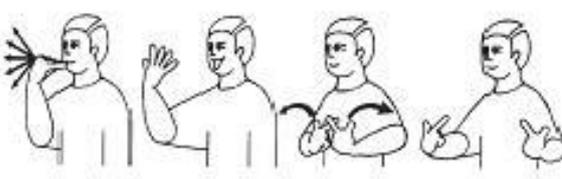
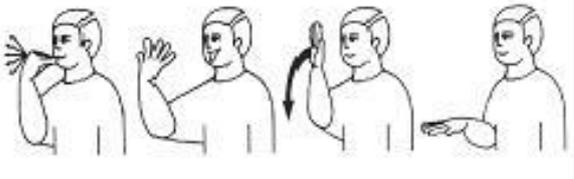
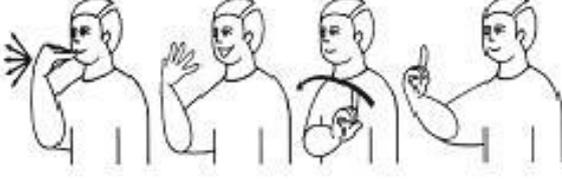
BOM ESTUDO



Imagens : <http://librasapmceada.blogspot.com.br/>

Adaptação: [www.trabalhandocomsurdos.blogspot.com/](http://www.trabalhandocomsurdos.blogspot.com/)

## SAUDAÇÃO

 <p>BOA NOITE</p>	 <p>BOA SORTE</p>
 <p>BOA TARDE</p>	 <p>BOM DIA</p>
 <p>EU ESTOU BEM</p>	 <p>OI</p>
 <p>OLÁ</p>	 <p>PRAZER EM CONHECER VOCÊ</p>
 <p>TCHAU</p>	 <p>BOM</p>

## 20 CLASSIFICADORES

Esse fenômeno linguístico é uma representação visual de objetos e ações de forma quase transparente, embora apresente características de arbitrariedade. São marcadores de concordância de gênero para pessoa, animais ou coisas. São muito importantes, pois ajudam a construir sua estrutura sintática, através de recursos corporais que possibilitam relações gramaticais altamente abstratas. E não são encontrados nas línguas orais.

### Alguns exemplos:



## VERBOS CLASSIFICADORES



**CAIR**  
pessoa



**CAIR**  
pessoa



**ESCORREGAR/CAIR**  
pessoa



**CAIR**  
coisa-derramar



**CAIR**  
coisa-plana



**CAIR**  
coisa-quebrar

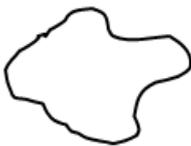
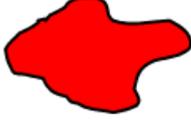


## Categorias de Gênero

- Estas categorias (FELIPE, 2007) se modificarão de acordo com os classificadores para os verbos:
- PESSOA
- ANIMAL
- COISA
- VEÍCULO



## 21 CORES EM LIBRAS

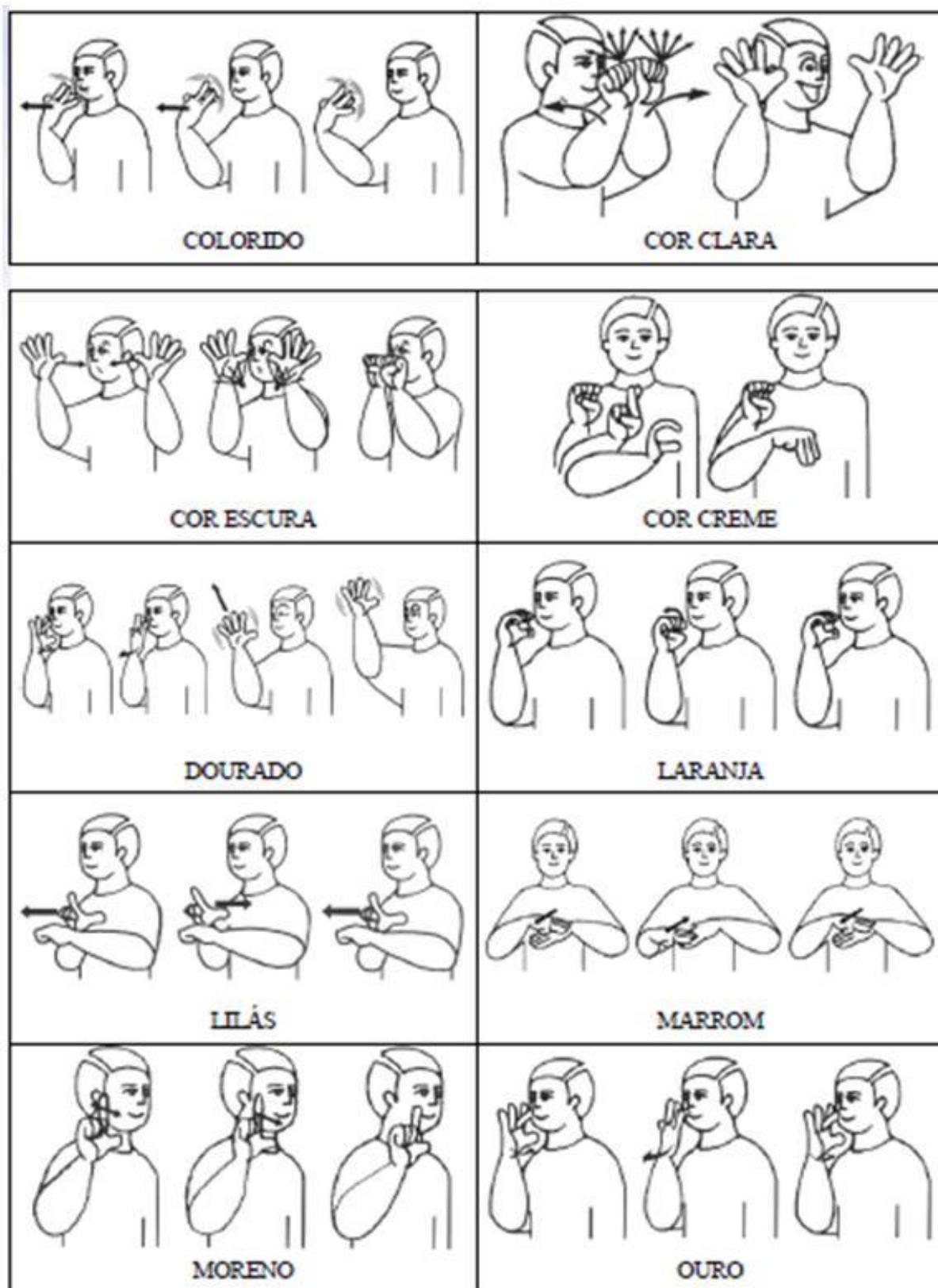
	AMARELO	
	AZUL	
	VERDE	
	BRANCO	
	LARANJA	
	PRETO	
	VERMELHO	
	ROSA	

VAMOS CONHECER AS CORES?

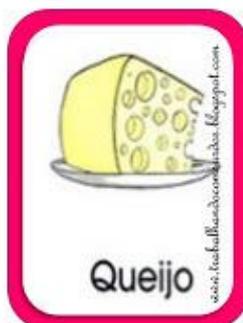


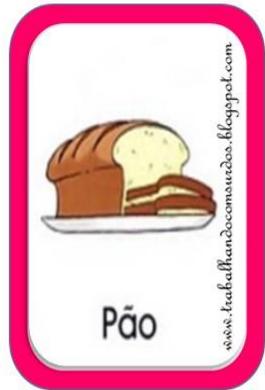
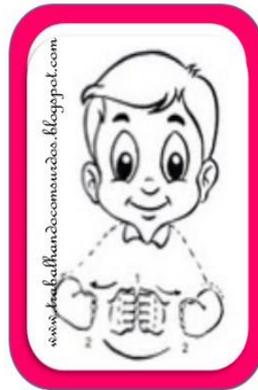
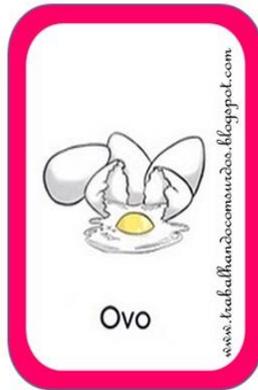
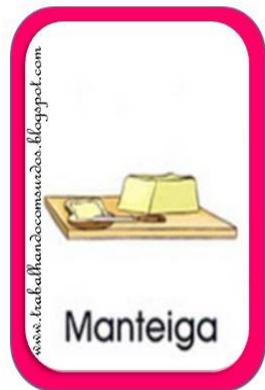
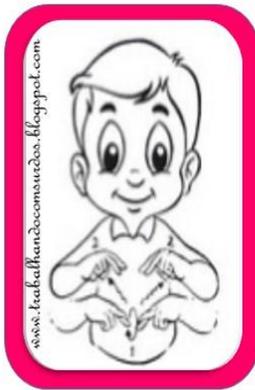
  AMARELO	  AZUL	  AZUL ESCURO
  AZUL CLARO	  MARROM	  CINZA
  ROSA	  PRETO	  BRANCO





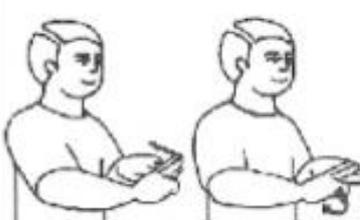
## 22 FRUTAS E ALIMENTOS DIVERSOS EM LIBRAS







## ALIMENTAÇÃO, FRUTAS E BEBIDAS (VOCABULÁRIO)

ALIMENTAÇÃO		
 <p>BISCOITO</p>	 <p>SAL</p>	 <p>CEBOLA</p>
 <p>AÇÚCAR</p>	 <p>AZEITE</p>	 <p>FEIJÃO</p>
 <p>BOLO</p>	 <p>PÃO</p>	 <p>MILHO</p>
 <p>CARNE</p>	 <p>QUEIJO</p>	 <p>CENOURA</p>
 <p>ARROZ</p>	 <p>FRANGO</p>	 <p>CHOCOLATE</p>

## 23 AS CONFIGURAÇÕES DE MÃOS

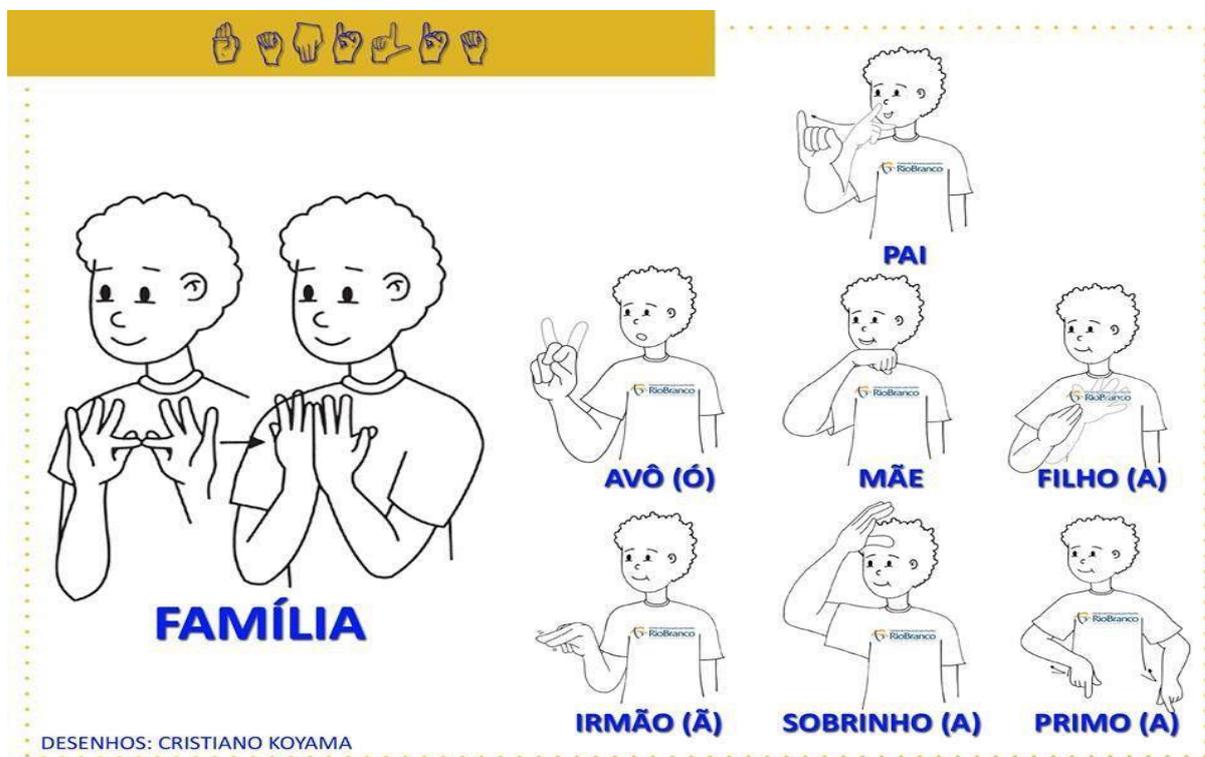
Quando Nelson Pimenta, com sua vasta pesquisa e campo de observação, conseguiu catalogar, de forma segura, **61 configurações de mãos**.



# CONFIGURAÇÕES DE MÃOS



## 24 SINAIS DE FAMÍLIA LIBRAS





## 25 ALGUMAS CURIOSIDADES SOBRE A LIBRAS- LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

### 25.1 O QUE É SURDEZ?

Surdez é o nome dado à impossibilidade e dificuldade de ouvir, podendo ter como causa vários fatores que podem ocorrer antes, durante ou após o nascimento. A deficiência auditiva pode variar de um grau leve a profunda, ou seja, a criança pode não ouvir apenas os sons mais fracos ou até mesmo não ouvir som algum.

**SURDO** – pessoa que não escuta. Embora associado ao termo “mudo”, muitas vezes é usado no senso-comum para designar os surdos que têm a habilidade da fala oral. Não é utilizado para designar pessoas que são surdas somente de um ouvido.

**SURDO-MUDO** – Há muitos séculos aplicados aos surdos, é um termo controverso, pois está relacionado ao estigma social que o surdo suscita ao não usar a comunicação oral. No entanto, deveria ser utilizado para se referir às pessoas que têm algum impedimento orgânico no aparelho fonoarticulatório.

**MUDO** – Segundo Aurélio (2001:475) mudo implica ser privado do uso da palavra por defeito orgânico, ou causa psíquica.

**DEFICIENTE AUDITIVO** – Pessoa que possui a deficiência em um ou ambos ouvidos, podendo dispor em grau de perda, desde a surdez leve até a profunda. Termo comum no vocabulário médico e científico. Usado por alguns fonoaudiólogos e documentos oficiais. Enquadra o surdo na categoria “Deficiência”.

**SINAIS ICÔNICOS** – Uma foto é icônica porque reproduz a imagem do referente, isto é, a pessoa ou coisa fotografada. Assim também são alguns sinais da LIBRAS, gestos que fazem alusão à imagem do seu significado. Ex.: TELEFONE BORBOLETA Isso não significa que os sinais icônicos são iguais em todas as línguas. Cada sociedade capta facetas diferentes do mesmo referente, representadas através de seus próprios sinais, convencionalmente, (FERREIRA BRITO, 1993) conforme os exemplos abaixo: ÁRVORE LIBRAS - representa o tronco usando o antebraço e a mão aberta, as folhas em movimento. LSC (Língua de Sinais Chinesa) - representa apenas o tronco da árvore com as duas mãos (os

dedos indicador e polegar ficam abertos e curvos). LIBRAS LSC CASA LIBRAS  
ASL-

**SINAIS ARBITRÁRIOS** – São aqueles que não mantêm nenhuma  
semelhança com o dado da realidade que representam. Uma das propriedades  
básicas de uma língua é a arbitrariedade existente entre significante e referente.

## 26 TIPOS DE VERBOS

NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA Segundo QUADROS e KARNOPP (2004), os verbos na Língua de Sinais brasileira estão divididos nas seguintes classes: **Verbos simples:** são verbos que não se flexionam em pessoa e número e não incorporam afixos locativos. Alguns desses verbos apresentam flexão de aspecto. Todos os verbos ancorados no corpo são verbos simples. Há também alguns que são feitos no espaço neutro. Exemplos dessa categoria são: CONHECER, AMAR, APRENDER, SABER, INVENTAR, GOSTAR. AMOR APRENDER GOSTAR SABER ACOSTUMAR Os verbos simples podem incorporar pontos espaciais em determinadas situações, como na glosa do exemplo abaixo: CASA PAGAR. Nesse exemplo, o sinal de casa foi estabelecido em um ponto no espaço e o sinal do verbo foi realizado em cima deste mesmo ponto tornando a expressão definida e específica.

### **Verbos com concordância:**

são verbos que se flexionam em pessoa, número e aspecto, mas não incorporam afixos locativos. Exemplos dessa categoria são DAR, ENVIAR, RESPONDER, PERGUNTAR, DIZER, PROVOCAR, que são subdivididos em concordância pura e reversa (backwards). Os verbos com concordância apresentam a direcionalidade e a orientação. A direcionalidade está associada às relações semânticas (source/goal). A orientação da mão voltada para o objeto da sentença está associada à sintaxe marcando Caso. Ex.: "Eu pergunto para você." "Você pergunta para mim." "Eu aviso você." "Você me avisa.". Verbos direcionais que incorporam o objeto Ex.: TROCAR TROCAR-SOCO/TROCAR-BEIJO/TROCAR-TIRO/TROCAR-COPO.

Verbos espaciais (+loc) - são verbos que têm afixos locativos. Exemplos dessa classe são COLOCAR, IR CHEGAR. Temos também os verbos manuais (verbos classificadores). Estes verbos usam classificadores e incorporam a ação. Exemplos dessa classe de verbos são: COLOCARBOLO- NO-FORNO, SENTAR-NO-MURO, PASSAR-ROUPA PINTAR-PAREDE-ROLO REGAR-PLANTAS-MANGUEIRA.

### **Verbos Instrumentais**

Os verbos instrumentais são outro grupo especial de verbos das libras. Esse grupo de verbos é mais complexo e exige que vocês prestem muita atenção para poder compreendê-los e usá-los adequadamente. Em português não há nada parecido. Os verbos instrumentais são verbos no qual o formato do instrumento que está sendo usado para realizar aquela ação modifica o formato da configuração da mão. Por exemplo, o verbo CORTAR. Em português o verbo “cortar” exprime uma ação onde algo está sendo partido pela ação desse instrumento. Em libras não encontramos o verbo “cortar” isolado, ele está sempre ligado ao instrumento que está sendo utilizado para realizar uma determinada ação de cortar. Sinalize os exemplos abaixo. EX: CORTAR-FACA CORTAR-TESOURA CORTAR-GUILHOTINA.

## 27 O USO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

### *Adaptações no método de ensino: sugestões e possibilidades*

- Buscar recursos didáticos com imagens e vídeos que atraiam o olhar dos alunos surdos.
- Na matemática adotar o uso de materiais concretos.
- Ensino da Libras como L1 e da LP como L2 (cf. Decreto 5626/05)



### *Adaptações no método de ensino: sugestões e possibilidades*

- Valorizar a cultura e identidade surda.







## APLICATIVOS QUE TRADUZEM LIBRAS

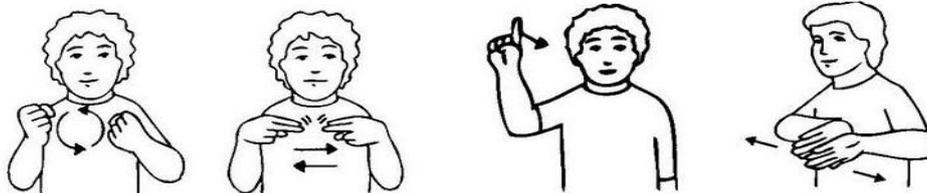


## 28 MEIOS DE TRANSPORTE

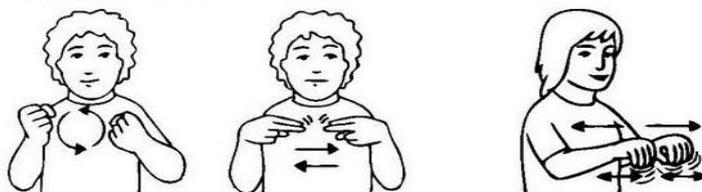
## MEIOS DE TRANSPORTE



OS MEIOS DE TRANSPORTE SÃO DIVIDIDOS EM:



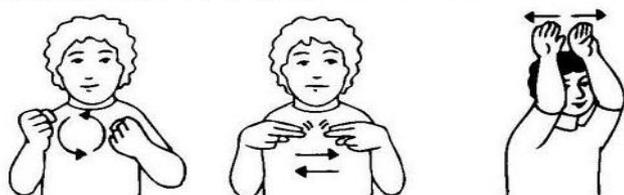
MEIOS DE TRANSPORTE TERRESTRES,

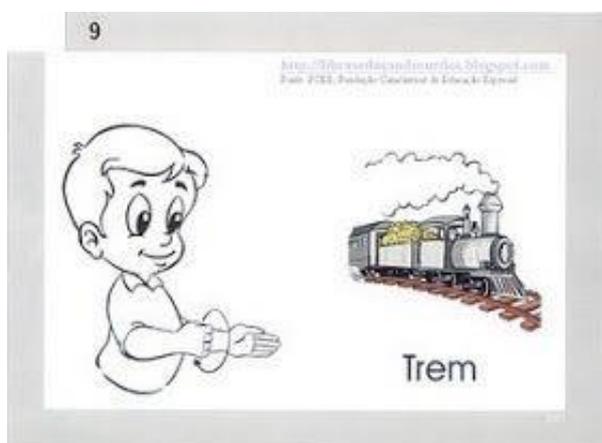


MEIOS DE TRANSPORTE AQUÁTICOS,



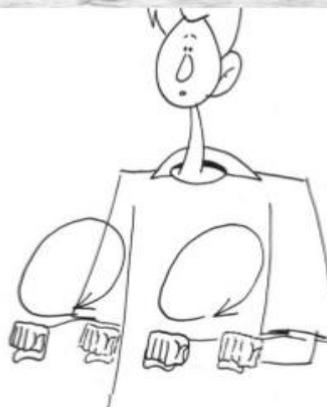
MEIOS DE TRANSPORTE AÉREOS.







**BARCO À VELA**



**BARCO-A-REMO/  
REMAR**



**CARROÇA/  
GUIAR-CARROÇA**



**BICICLETA/  
GUIAR-BICILETA**



**MOTO/  
GUIAR-MOTO**



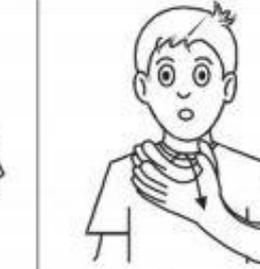
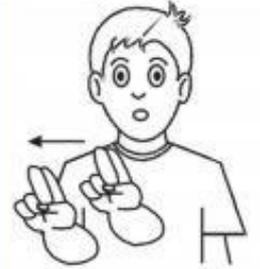
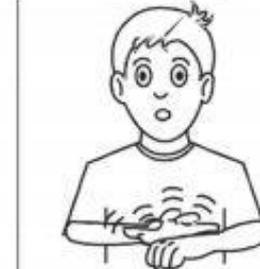
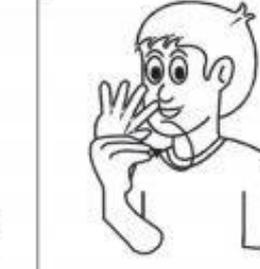
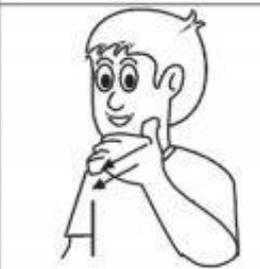
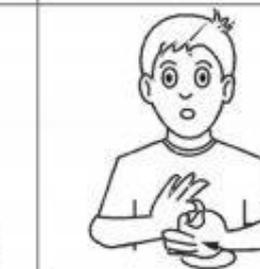
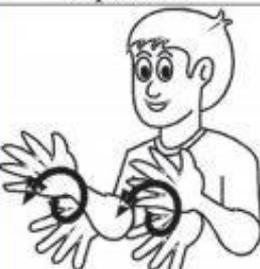
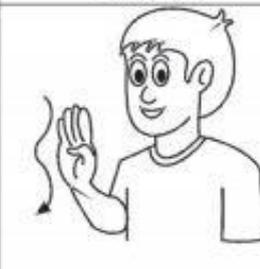
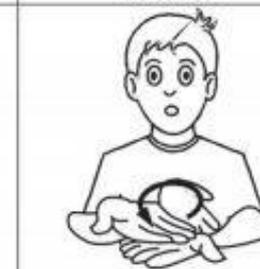
**VAN**



**TÁXI**

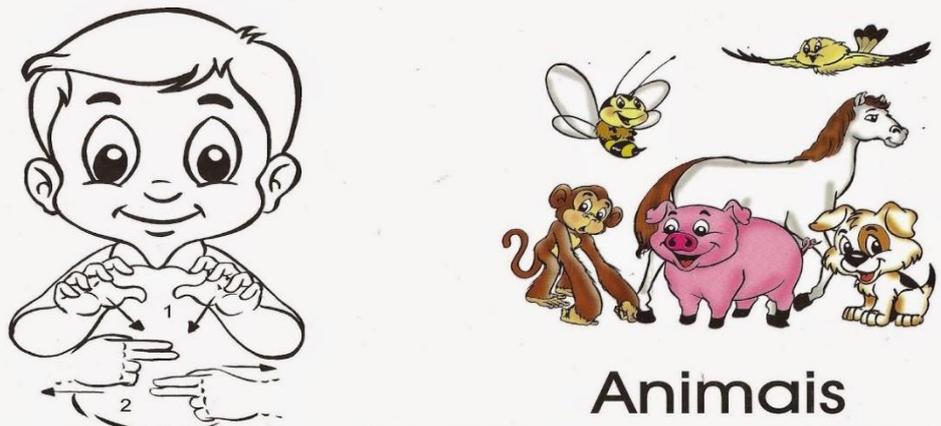


## 29 OUTROS SINAIS DA LIBRAS

			
Futuro	Sexta Feira	Inteligente	Fono
			
Nome	Surdo	Doença	Bonito
			
Importante	Mulher	Homem	Feneis
			
Libras	Brasil	Interprete	Instrutor

### 30 ANIMAIS EM LIBRAS

2

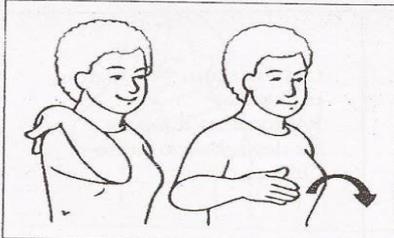
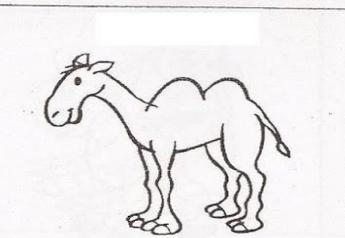
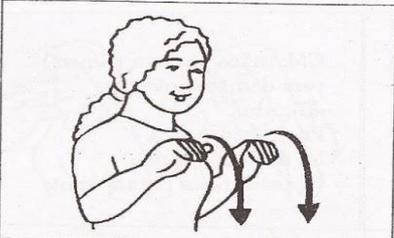
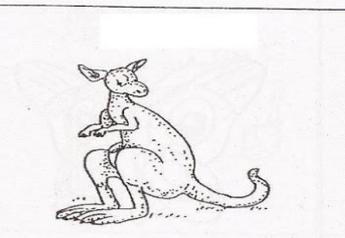
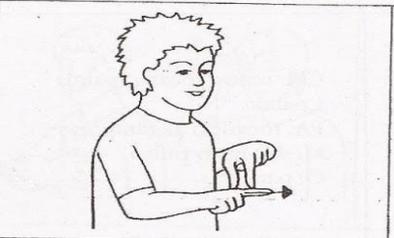
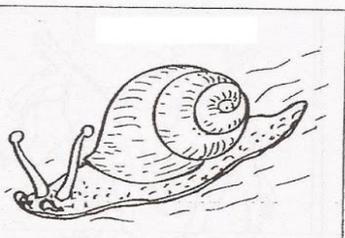
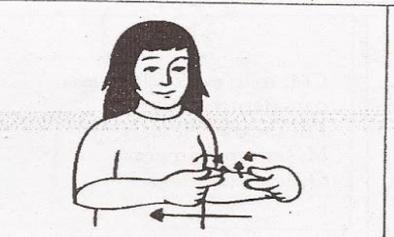
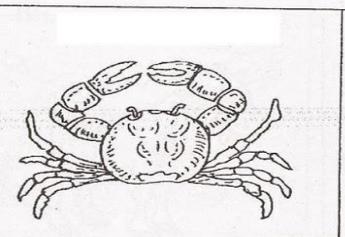
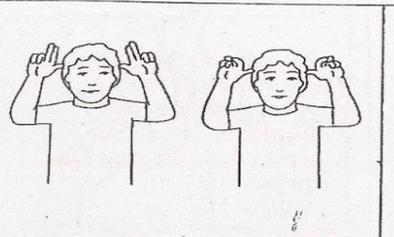
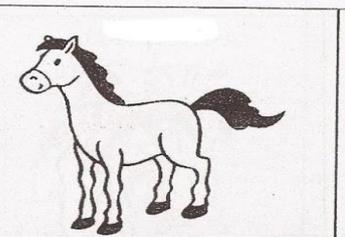


Animais

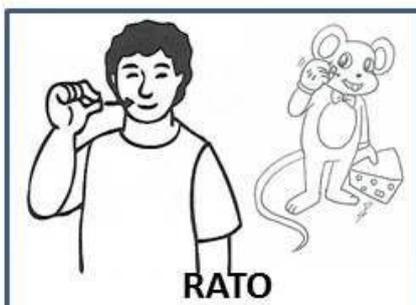
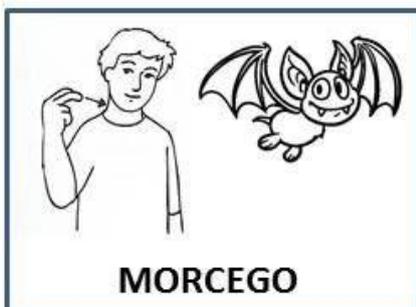
1/18

The image shows a page from a sign language book. On the left, a black and white line drawing of a young boy is shown from the chest up, with his hands positioned to sign the word 'Animais'. Arrows and numbers '1' and '2' indicate the hand movements. On the right, a colorful illustration depicts a group of animals: a bee, a bird, a monkey, a pig, a dog, and a horse. Below the illustrations, the word 'Animais' is written in a bold, black, sans-serif font. The entire page is framed by a green border. In the top right corner of the page, the number '2' is displayed. In the bottom right corner, the page number '1/18' is visible.



		<b>CAMELO</b>
		<b>CANGURU</b>
		<b>CARACOL</b>
		<b>CARANGUEJO</b>
		<b>CAVALO</b>

Profª Gabriela Faleiro



## 31 LEI DE LIBRAS

Cada país possui sua própria língua de sinais, ela não é universal. Aqui no Brasil não é diferente, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) tem sua origem na Língua de Sinais Francesa, sendo reconhecida como uma língua com estrutura própria por meio da Lei 10.436/2002.

De acordo com a LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL, DE 2002, a Língua Brasileira de Sinais – Libras foi decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo PRESIDENTE DA REPÚBLICA e dispõe dos seguintes tópicos:

Art. 1º- É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º- Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º- As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º- O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art. 5º- Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 24 de abril de 2002; 181º da Independência e 114º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Paulo Renato Souza

A Libras é determinada como uma língua gestual, por estar associada aos sinais que representa. A língua gestual é universal, porém, os significados não são os mesmos em todos os países. Os gestos têm mesma representação, porém, diferentes significados. Seu aprendizado requer a utilização das mãos para trabalhar os sinais e a partir desses movimentos, a combinação deles, acontece naturalmente a comunicação com os surdos.

A Libras permite a interação entre as pessoas surdas e as ouvintes, fazendo com que o surdo obtenha informações de mundo no qual ele vive, tornando-o um cidadão com direitos, deveres e responsabilidades.

### **LEI Nº 12.319, DE 1º DE SETEMBRO DE 2010.**

Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Esta Lei regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa.

Art. 3º (VETADO)

Art. 4º A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou;

II - cursos de extensão universitária; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação.

Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda,

desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III.

Art. 5º Até o dia 22 de dezembro de 2015, a União, diretamente ou por intermédio de credenciadas, promoverá, anualmente, exame nacional de proficiência em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Parágrafo único. O exame de proficiência em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento dessa função, constituída por docentes surdos, linguistas e tradutores e intérpretes de Libras de instituições de educação superior.

Art. 6º São atribuições do tradutor e intérprete, no exercício de suas competências:

I - efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;

II - interpretar, em Língua Brasileira de Sinais - Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares;

III - atuar nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino e nos concursos públicos;

IV - atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas; e

V - prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais.

Art. 7º O intérprete deve exercer sua profissão com rigor técnico, zelando pelos valores éticos a ela inerentes, pelo respeito à pessoa humana e à cultura do surdo e, em especial:

I - pela honestidade e discrição, protegendo o direito de sigilo da informação recebida;

II - pela atuação livre de preconceito de origem, raça, credo religioso, idade, sexo ou orientação sexual ou gênero;

III - pela imparcialidade e fidelidade aos conteúdos que lhe couber traduzir;

IV - pelas posturas e condutas adequadas aos ambientes que frequentar por causa do exercício profissional;

V - pela solidariedade e consciência de que o direito de expressão é um direito social, independentemente da condição social e econômica daqueles que dele necessitem;

VI - pelo conhecimento das especificidades da comunidade surda.

Art. 8º (VETADO)

Art. 9º (VETADO)

Art. 10. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 1º de setembro de 2010; 189º da Independência e 122º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

*Luiz Paulo Teles Ferreira Barreto*

*Fernando Haddad*

*Carlos Lupi*

*Paulo de Tarso Vanucchi*

Este texto não substitui o publicado no DOU de 2.9.2010

*"As mãos rompem  
o silêncio e fazem  
a comunicação de  
quem não ouve,  
mas vê, sente  
e se emociona."*



## 32 REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/2002/L10436.htm>>. Acesso em: 08 mar. 2010.

BRITO, Lucinda Ferreira. Por uma gramática de línguas de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.

COSTA, Antônio Carlos; STUMPF, Marianne Rossi; FREITAS, Juliano Baldez; DIMURO, Graçaliz Pereira. Um convite ao processamento da língua de sinais. <<http://gmc.ucpel.tche.br/TIL2004/til-2004-slides.pdf>>. UCEPEL-RS, PGIE / UFRGS, RS, PPGC / UFRGS, RS, Brasil. Acessado em 06/09/2005.

Estas convenções vem sendo utilizadas para poder representar, lin: http: earmente, uma língua espaço-visual, que é tridimensional. Felipe (1988, 1991,1993,1994,1995,1996) fonte//www.ines.gov.br/ines\_livros/37/37\_003.HTM

FELIPE, Tanya A; MONTEIRO, Myrna S. Libras em Contexto: curso básico, livro do professor instrutor – Brasília : Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

Fonte: <http://www.libras.org.br/libras.php>

Honora e Frizanco - Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais (2014, pg.159)

Honora e Frizanco- Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais (2010, pg.189)  
ileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

*Imagens: [ensinesuasmasafalar.blogspot.com.br](http://ensinesuasmasafalar.blogspot.com.br)      [insgrum.com](http://insgrum.com)*

PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice Muller de. Curso de Libras 1. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006. QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua Brasileira de Sinais.

PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice Muller de. Curso de Libras 1. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006. QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de Sinais brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice Muller de. Curso de Libras 1. Rio de Janeiro : LSB Vídeo, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre : Artmed, 2004.

REIS, Flaviane, Professor Surdo: a política e a poética da transgressão pedagógica. Florianópolis : UFSC/GES/CED – Dissertação de Mestrado, 2006.

SÁ, Nídia Limeira de. Existe uma cultura surda? Artigo disponível em [http://www.eusurdo.ufba.br/arquivos/cultura\\_surda.doc](http://www.eusurdo.ufba.br/arquivos/cultura_surda.doc). Acessado em 28/03/2007.

SÁ, Nídia Limeira. A produção de significados sobre a surdez e sobre os surdos: práticas discursivas em educação. Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU - Tese de Doutorado, 2001.

SILVA, Fábio I.; SCHMITT, Deonísio; BASSO, Idavania M. S. Língua Brasileira de Sinais: pedagogia para surdos. Caderno Pedagógico I. Florianópolis: UDESC/CEAD, 2002.

VASCONCELOS, Silvana Patrícia; SANTOS, Fabrícia da Silva; SOUZA, Gláucia Rosa da. LIBRAS: língua de sinais. Nível 1. AJA - Brasília : Programa Nacional de Direitos Humanos.

## ANEXO



FACULDADE VALE DO CRICARÉ

MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

**ANEXO 8.  
PARECER FINAL DO ORIENTADOR**

Em atendimento à Banca de Exame de Defesa da Dissertação intitulada:

**LIMITES E POSSIBILIDADES DO TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS EDUCACIONAL NO CONTEXTO DO ALUNO SURDO NÃO ALFABETIZADO**

**EM LIBRAS**, defendida pela aluna **ELIANGELA NASCIMENTO VALIM**, declaro que já foram feitas às devidas revisões em atendimento a solicitação da Banca. Portanto, autorizo a impressão final da dissertação para posterior encadernação.

São Mateus, 16 de fevereiro de 2020.

  
Désirée Gonçalves Raggi